Universidade de São Paulo (USP)
Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Letras Modernas (francês)

Aina Cunha Cruz de Souza Nascimento

A presença da terminologia na literatura traduzida
(francês – português):
algumas reflexões

São Paulo – SP

2011

Aina Cunha Cruz de Souza Nascimento

A presença da terminologia na literatura traduzida

(francês – português):

algumas reflexões

Dissertação apresentada ao
Departamento de Letras modernas da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de
Mestre em Letras.

Área de concentração: Tradução e
Terminologia do Francês.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Adriana
Zavaglia.

São Paulo

2011

Nome: CRUZ, Aina Cunha.

Título: A presença da terminologia na literatura traduzida (francês – português):
algumas flexões

Dissertação apresentada ao Departamento
de Letras modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a obtenção
do título de Mestre em Letras.

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

São Paulo

2011

Dedico este trabalho a minha mãe, Wânia Cruz, ouvinte de minhas dúvidas e queixas, bem como de minhas descobertas e alegrias.

Ao meu pai, Décio Ribeiro da Fonseca, que silenciosamente me motivava com sua compreensão e amizade.

Aos meus amigos e, especialmente, ao meu irmão, Cauê Cruz, que tiveram uma compreensão resignada com minha ausência e desatenção durante o tempo de minha pesquisa.

Porém, sobretudo, o dedico a minha orientadora Adriana Zavaglia, que com sua dedicação, seriedade e exigência ensinou-me e ensina-me muito. Interlocutora paciente e imprescindível, ela fez-se presente durante toda a construção dessas reflexões. Estou certa de que aprendi com ela bem mais do que posso expressar nesta dissertação.

CRUZ, Aina Cunha. **A presença da terminologia na literatura traduzida (francês – português): algumas reflexões**. 2011. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

Observa-se uma tendência nos Estudos da Tradução de tentar estabelecer uma linha de separação precisa entre tradução literária e tradução especializada. Tal separação teria como principal fundamento o fato de a Terminologia, área de grande interface com a Tradução, ocupar-se somente do estudo de textos especializados. Na prática da tradução literária, realizada por tradutores, ou na pesquisa de textos literários traduzidos, feita por estudiosos, percebe-se, no entanto, que as terminologias fazem-se também presentes na literatura. Considerando, portanto, questões terminológicas que ultrapassam as fronteiras do texto especializado e adentram os domínios da arte textual, esta pesquisa tem como seu maior objetivo observar e estudar a relação entre Terminologia e Tradução na literatura. Com a finalidade de diminuir o fosso existente entre os dois tipos de tradução acima citados, mostraremos utilizando-nos das ferramentas fornecidas pela Linguística de *corpus* que, no discurso, não há fronteiras estanques entre os domínios e que termos são recorrentes em diferentes modalidades textuais, inclusive nos textos literários.

Palavras-chave: Tradução literária, Terminologia, Tradução especializada, Literatura, português e francês.

Abstract

CRUZ, Aina Cunha. **A presença da terminologia na literatura traduzida (francês – português): algumas reflexões**. 2011. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

There is a tendency in the Translation Studies an attempt to establish a precise dividing line between literary translation and specific translation . This separation has as its main foundation in the fact that the Terminology, area with a great interface with the Translation, focus only in the study of specialized texts. In the literary translation, done by translators, or in the research of literary texts done by researchers (studious), it is clear, however, that the terminologies are also present in the literature. Therefore, considering terminological issues that go beyond the boundaries of specialized text and enter the text art, therefore this research project has as its main target to observe and study of the connection between terminology and literature translation. In order to lessen the gap between these two types of translation mentioned before, we are going to try to show that in the speech, there is not “watertight” boundaries between domains and that terms are recurrent in different textual forms, even in literary texts.

Keywords: Literary Translation, Terminology, Translation specialized, literature, Portuguese and French.

Lista de tabelas

Tabela 1: alinhamento das obras *Les Particules Élémentaires* e *Partículas Elementares*, 63

Tabela 2: informações gerais sobre o *corpus* de estudo, 65

Tabela 3: informações sobre o *corpus* de referência, 66

Tabela 4: número de palavras no *corpus* de referência x número de palavras no *corpus* de estudo, 66

Tabela 5: termos da obra original *L'Étranger* e suas respectivas traduções em *O Estrangeiro*, 79

Tabela 6: termos da obra *L'Étranger* e suas respectivas definições, 88

Tabela 7: termos presentes no *Les Particules Élémentaires* e suas respectivas traduções em *Partículas Elementares*, 93

Tabela 8: termos retirados da obra *Les Particules Élémentaires* e suas respectivas definições, 96.

Lista de Imagens

Imagem 1: tela do programa WordSmith Tools ao realizar a concordância do termo *Jury*, presente na obra *L'Étranger*, 60

Imagem 2: tela inicial do programa WordSmith Tools, 70

Imagem 3: tela do programa WordSmith Tools ao realizar a lista de palavras-chave da obra *L'Étranger*, de Camus (uso da ferramenta KeyWords), 71

Imagem 4 : tela do programa WordSmith Tools ao realizar a lista de palavras-chave da obra *Les Particules Élémentaires*, de Houellebecq (uso da ferramenta KeyWords), 75

SUMÁRIO

Introdução 1

1. Aspectos gerais da terminologia e da tradução 4
 - 1.1 Breve histórico da terminologia 4
 - 1.2 Breve histórico da tradução 12
2. Terminologia, Tradução e Literatura 25
 - 2.1 Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) 25
 - 2.2 Caracterização do texto especializado e limites entre a tradução literária e a tradução técnica 31
 - 2.3 As terminologias no texto literário 37
3. Vida e obra dos autores 40
 - 3.1. Camus: vida e obra 40
 - 3.2. Houellebecq: vida e obra 51
4. Análise do material 57
 - 4.1. Apresentação do processo de análise 57
 - 4.2. Comentários sobre as listas de palavras-chave 64
 - 4.2.1. *L'Étranger* 66
 - 4.2.2. *O Estrangeiro* 71
 - 4.2.3. *Particules Élémentaires* 73
 - 4.2.4. *Partículas Elementares* 75
 - 4.3. Reflexões sobre os termos presentes na obra *L'Étranger* 76
 - 4.4. Reflexões sobre os termos presentes na obra *Les Particules Élémentaires* 88

Considerações finais 98

Referências 102

Introdução

Em 2007, no último ano de graduação, quando comecei a me interessar pela tradução, procurei a professora Adriana Zavaglia para discutir com ela algumas ideias

que estavam me ocorrendo na época, as quais eu acreditava serem possíveis caminhos para um projeto de mestrado. Após cursar a disciplina de Introdução à prática da Tradução do francês, com a mesma professora, e de algumas reuniões, nas quais tive a oportunidade de conhecer o projeto que ela desenvolvia com as alunas Carolina Poppi e Carolina Madruga sobre os marcadores culturais na tradução, é que nasceu o projeto da pesquisa.

O projeto da professora acerca dos marcadores culturais parecia colocar-lhe também outra questão: a da terminologia no âmbito literário. Ao verificar a presença de termos de especialidade em obras literárias como *L'Étranger*, de Albert Camus, ela verificou que um trabalho sobre essa questão poderia contribuir consideravelmente tanto para o âmbito da tradução quanto para a própria terminologia. Assim, a professora apresentou-me a essa questão, a qual me interessou, e depois de mais algumas reuniões, leituras e reflexões nasceu o projeto de pesquisa que apresentamos agora nesta dissertação, a saber: A presença da terminologia na literatura traduzida (francês – português): algumas reflexões.

Inicialmente, pensamos em trabalhar com quatro obras literárias: *L'Étranger*, de Camus; *Les Particules Élémentaires*, de Houellebecq; *Germinal*, de Zola e, finalmente, *Bouvard et Pécuchet*, de Flaubert. No entanto, após o primeiro semestre de pesquisa, notamos que o projeto era mais que ambicioso, visto que a variedade de termos e de campos do saber era imensa. Dessa forma, decidimos fazer um recorte, mantendo apenas as obras de Camus e Houellebecq, exatamente porque ambas se contrapõem e, nesse sentido, completam a pesquisa. Como se verá posteriormente, *L'Étranger* apresenta termos culturalmente marcados (provenientes do Direito), enquanto que *Les Particules Élémentaires* traz termos científicos que tendem à universalidade (provenientes da Genética).

Durante os dois primeiros semestres de pesquisa, dediquei-me à parte teórica do projeto, pois precisava aprofundar os meus conhecimentos no que concerne às teorias sobre tradução e terminologia. Em um segundo momento, dediquei-me à pesquisa terminológica, pelo levantamento das ocorrências de terminologias nas obras em questão, análise das correspondências terminológicas (a tradução de diferentes termos), sobretudo no caso da obra de Camus e, por fim, ao estudo com as ferramentas

fornechas pela Linguística de *Corpus*, como listas de palavras, listas de palavras-chave, concordância dos termos e alinhamento das obras originais com as obras traduzidas.

Nossa pesquisa consistia em verificar se os termos, no âmbito da literatura traduzida, eram tratados como termos de fato ou se eram tratados simplesmente como unidades lexicais da língua geral, pois, a nosso ver, o autor das obras originais emprega o termo, geralmente, de forma consciente e a fim de provocar um determinado “efeito” em seu leitor, o qual não seria o mesmo se o termo não figurasse na obra. Além disso, suspeitávamos que os termos pudessem dividir-se entre culturalmente marcados e culturalmente não marcados, isto é, termos provenientes de sistemas assimétricos nas diferentes culturas e nos diferentes países seriam culturalmente marcados (de campos como o Direito, a Política, a Educação, dentre outros) e os termos oriundos de âmbitos que não apresentam dissimetrias nesses mesmos diferentes países seriam termos “neutros”, pois não apresentariam diferenças conceituais relevantes de acordo com a tradução que se faça deles (áreas como a Biologia, a Química, a Física, entre outras disciplinas). Desse modo, no intuito de observarmos terminologias que fossem culturalmente marcadas e terminologias que não o fossem, é que chegamos à conclusão de que nosso corpus de estudo poderia ser formado pelas seguintes obras: *L’Étranger*, de Albert Camus, e *Les Particules Élémentaires*, de Michel Houellebecq, e suas respectivas traduções, *O Estrangeiro*, traduzido por Valérie Rumjanek, e *As Partículas Elementares*, traduzido por Juremir Machado da Silva, uma vez que, como já dito anteriormente, a obra de Camus é permeada pela terminologia oriunda do Direito, enquanto os termos presentes na obra de Houellebecq provêm da Biologia, da Genética e da Química.

Para facilitar a consulta às ocorrências e o estudo das traduções dos termos encontrados, digitalizamos as duas obras literárias e suas traduções para o português brasileiro (*L’Étranger*, de Camus, e a tradução *O Estrangeiro*, de Valerie Rumjanek; *Les Particules Élémentaires*, de Houellebecq, e a tradução *As Partículas Elementares*, de Juremir Machado da Silva). Para tanto, trabalhamos com dois programas de Linguística de *Corpus*: o Paraconc (Michael Barlow, [2001], 2003), e o WordSmith Tools (Scott, [1996], 2010).

Depois do exame de qualificação, concentramo-nos em contemplar e seguir as sugestões e orientações da banca, além de aprofundarmos a pesquisa, sobretudo no que toca a parte das análises.

Os resultados encontrados são apresentados nas páginas seguintes e acreditamos ter conseguido responder a questão que nos motivou a esta pesquisa e que nos serviu como ponto de orientação ao longo desse processo: o tradutor das obras *L'Étranger* (1942) e *Les Particules Élémentaires* (1998) traduziram os termos presentes nessas obras como terminologias de especialidade ou como unidades da língua comum? É isso que discutiremos em nosso terceiro capítulo (Cf. 5 – Análise do Material).

Já no primeiro capítulo, traçamos um breve histórico sobre a terminologia e a tradução, além de discutirmos sobre algumas teorias terminológicas de base comunicativa que desfazem a ideia de terminologia como algo estático, que serviria apenas para a etiquetagem de procedimentos técnicos e especializados.

No segundo capítulo, refletimos acerca da separação existente entre os diferentes tipos de tradução, sobretudo a tradução técnica e a tradução literária. Por fim, na última seção desse capítulo, citamos a presença das terminologias de especialidade no âmbito literário e as implicações que essa presença terminológica pode ter.

O terceiro capítulo é dedicado a expor alguns dados sobre a vida dos autores em questão (Albert Camus e Michel Houellebecq), além de aspectos de suas obras como um todo, bem como as obras que concernem a esta pesquisa.

O capítulo subsequente atem-se às análises que elaboramos acerca do material citado acima. Utilizando-nos do *corpus* de referência e do *corpus* de estudo tentamos responder às questões que havíamos nos feito anteriormente, ainda no período de elaboração do projeto de pesquisa.

Finalmente, na última seção desse trabalho realizamos algumas considerações finais sobre o tema. De certa forma, nesse momento, fazemos um fechamento daquilo que pudemos observar no decorrer da pesquisa, além de apresentarmos algumas reflexões e conclusões as quais chegamos no final desse estudo.

1. Aspectos gerais da terminologia e da tradução

1.1 Breve histórico da terminologia

A terminologia não é um fenômeno recente: “com efeito, tão longe se remonte na história do Homem, desde que se manifesta a linguagem, encontra-se a presença de línguas de especialidade, é assim que se encontra a terminologia dos filósofos gregos, a língua de negócios dos comerciantes cretas, os vocabulários especializados da arte militar, etc”. (RONDEAU, 1984, p.1).

Apesar de ser uma prática bastante antiga, como indicado acima, a história da terminologia como disciplina propriamente dita é recente, seja pelo uso social dos vocabulários ditos especializados, seja como objeto de teorias e descrições linguísticas. Todos esses aspectos situam o interesse pela terminologia, bem como seu desenvolvimento mais expressivo no final do século XIX e na segunda metade do século XX, dado o desenvolvimento técnico-científico vivenciado. Trata-se de um fenômeno resultante do acelerado avanço da ciência e da tecnologia, que caracterizaram o nosso final de milênio.

Além disso, no atual mundo globalizado, cresce o interesse pela utilização adequada das terminologias em razão de sua contribuição à eficiência dos processos comunicativos. Isso porque, como afirma Krieger (2001, p. 34), as comunicações profissionais são articuladas com o uso das linguagens especializadas, as quais compreendem seus termos técnicos. Assim, com a crescente demanda do mercado por profissionais que consigam estruturar e transmitir esse conhecimento especializado, aumentou-se também a necessidade de se desenvolver e ampliar a competência terminológica frente à crescente necessidade e demanda de traduções técnicas, uma vez que os textos produzidos relacionados aos diferentes saberes especializados deverão ser traduzidos.

Segundo Finatto & Krieger (2004, p. 18), “as bases teóricas iniciais da terminologia estão intimamente relacionadas a propósitos pragmáticos de estabelecer e

facilitar a comunicação técnico-científica internacional”. Segundo as autoras, a preocupação por parte dos estudiosos e pesquisadores em firmar as bases para os aspectos teóricos e pragmáticos da terminologia, aliada às reflexões e investigações acerca das características dos termos, deram origem às denominadas Escolas de terminologia, tais como a Escola de Viena, a Escola de Praga e a Escola Russa. Posteriormente, ainda de acordo com as autoras, a escola do Canadá veio agregar-se a essas três primeiras. Para as estudiosas, essas três primeiras Escolas (Viena, Praga e Rússia) são muito reconhecidas por seu pioneirismo e por terem estabelecido as bases para o desenvolvimento da terminologia. Elas afirmam ainda que os maiores representantes dessas escolas tornaram-se muito importantes para a disciplina e sua formação como tal. Na opinião das pesquisadoras, os principais nomes dessas correntes são: Wüster (fundador da escola de Viena), o qual desenvolveu um dos trabalhos pioneiros na área e fundamentou grande parte da teoria terminológica clássica, e D.S.Lotte (da escola Russa), que, juntamente com Drezen, desenvolveu reflexões e propôs diretrizes para o exame dos léxicos terminológicos.

Wüster (1968), pioneiro no estudo sistemático e disciplinar da terminologia, enxergava essa disciplina não apenas pelo seu caráter linguístico, como também pelas relações que ela estabelece com todas as outras áreas do conhecimento. Em outras palavras, a terminologia será responsável tanto pela representação quanto pela transmissão dos conhecimentos especializados em todos os campos do saber científico e tecnológico.

Para Wüster (1968), organizar o conhecimento especializado por meio de uma linguagem especializada garantiria uma comunicação mais eficiente. Da mesma forma que a língua comum possui palavras (unidades lexicais), a língua especializada, com Wüster, passou a possuir também a sua unidade lexical, o termo, transmissor de um conhecimento especializado. Os termos, então, ao circunscreverem conteúdos específicos, contribuiriam para a precisão conceitual, ajudando a desfazer ambiguidades e jogos polissêmicos, os quais são frequentes no léxico da língua comum. Essa é, aliás, uma das principais marcas da linguagem técnico-científica e da Teoria Geral da Terminologia (doravante TGT), elaborada por Wüster, a qual pode ser resumida em duas palavras: a monossêmia e a monorreferencialidade. Dessa forma, atinge-se a pressuposta e almejada univocidade comunicacional entre os especialistas, na qual um termo possuiria somente um significado (excluindo-se assim, a sinonímia e as

ambiguidades). Além disso, os fundamentos da TGT visam à padronização dos termos técnico-científicos, como maneira de garantir a univocidade da comunicação entre especialistas, sobretudo em âmbito internacional. Segundo Zavaglia & Nascimento (2009), porém, as preocupações de Wüster nessa época eram quase que puramente metodológicas e normativas, isto é, muito pouco teóricas; seus estudos teóricos somente surgiriam mais tarde, enquanto realizava algumas reflexões acerca da confecção de seu dicionário *The Machine Tool*, obra publicada postumamente.

Atualmente, no entanto, a TGT é considerada, por grande parte dos estudiosos e pesquisadores em terminologia (CABRÉ, 2002, 2003, 2007a; KRIEGER, 2001, 2004; MACIEL, 2001; FINATTO, 2001, 2004), uma teoria reducionista e um tanto quanto ultrapassada em determinados aspectos. De toda forma, a TGT ainda é considerada um marco para a terminologia, sobretudo porque foi uma das primeiras teorias desenvolvidas na área, capaz de estruturar o tema das terminologias como uma disciplina propriamente dita, já que anteriormente a Wüster a terminologia já existia na prática; todavia, apesar do uso que o homem sempre fez das terminologias de maneira geral, não havia ainda estudos sistemáticos e disciplinares sobre o assunto.

Para Krieger (2001), um dos fatores que mais contribuiu para que a TGT fosse considerada reducionista é a concepção de que os termos são designações de conhecimentos científicos. Para ela, em consequência, os termos não são vistos como elementos naturais das línguas naturais, pois são entendidos como unidades de conhecimentos que transportam denominações. Dessa forma, de acordo com a autora, o conhecimento científico passa a ser identificado pela presença de rótulos e etiquetas denominativas criadas com determinadas características que marcam suas diferenças em relação à língua comum. Segundo Finatto & Krieger (2004, p.33): “isso evidencia uma valorização da dimensão conceitual das terminologias em detrimento do ponto de vista que as considera como elementos naturais dos sistemas [linguísticos] com todas as implicações daí decorrentes”. Na verdade, acreditamos que os termos sejam mais do que meras etiquetas de conhecimentos científico-tecnológicos ou simples rótulos; pelo contrário, os termos representem uma maneira de organizar esse saber especializado, bem como as palavras de uma língua representam a forma que ela possui de ordenar o mundo.

Na segunda metade do século XX, a terminologia inicia um percurso distinto em sua trajetória, impulsionado pelo incremento de novas investigações terminológicas, sobretudo no campo linguístico-comunicacional. Esses novos fundamentos, como argumentam Finatto & Krieger, passam a levar em consideração o comportamento dos léxicos terminológicos no âmbito das comunicações especializadas. Citando Finatto & Krieger (2004, p.34):

De modo geral, as novas proposições criticam os limites de alcance da TGT que, por seu caráter prescritivo, conduzem ao apagamento dos aspectos comunicativos e pragmáticos que também envolvem o léxico temático. Esse reducionismo torna-se um dos focos principais das críticas à teoria clássica, as quais se sistematizam a partir dos anos 1990 com novas concepções sobre os termos e seu funcionamento, bem como sobre a tarefa que compete a uma teoria da Terminologia.

Assim, a partir de meados dos anos 1980, observa-se o nascimento de diferentes correntes terminológicas, que propunham perspectivas distintas. De maneira geral, elas parecem contemplar o discurso de que os termos e as fraseologias não são unidades e nem elementos autônomos e independentes que constituem um sistema próprio, mas unidades incorporadas ao léxico de um falante em uma situação de comunicação especializada. A terminologia deixa, desse modo, de ser vista como uma disciplina responsável pela etiquetagem dos conhecimentos especializados e passa a ser considerada de maneira mais complexa.

Dentre as novas vertentes terminológicas, surge a Socioterminologia, formulada por Gaudin (1993), autor que critica veementemente a política normalizadora aplicada à terminologia durante um longo período de tempo. Gaudin (1993) critica fortemente a não serventia dos instrumentos de referência, tais como glossários e dicionários técnicos que não expressam a realidade dos usos terminológicos e, portanto, não expressam a realidade de suas aplicações. Ele propõe o abandono do ideal normalizador e que esse ideal dê origem à reflexão acerca dos contextos de produção dos léxicos especializados. A primeira consequência da proposta de Gaudin (1993) é o reconhecimento da variação terminológica nas comunicações especializadas. Em certa medida, a teoria desenvolvida por ele, isto é, a socioterminologia terá preceitos similares aos da sociolinguística, considerando que o meio geográfico, por exemplo, pode influenciar e transformar a linguagem, nesse caso, a formulação terminológica.

Auger (2001) retoma os trabalhos de Gaudin (1993) e também aborda as questões de variação terminológica. Para o autor, quanto mais um sistema denominativo se aproximar de um sistema simbólico, menos ele suportará a variação denominativa, pois nesses sistemas o termo funcionaria quase como um reflexo do símbolo. Já nas linguagens científicas e técnicas, a sinonímia terminológica e as variações seriam relativas e aconteceriam de maneira um pouco mais frequente. Segundo Auger (2001), a variação e a sinonímia ocorrem no âmbito especializado e, portanto, na terminologia, bem como essas operações ocorrem na língua comum, afinal, como já foi dito acima, as línguas de especialidade não constituem um conjunto lexical totalmente apartado do léxico da língua comum e, sendo assim, provavelmente, quase todas as operações linguísticas realizáveis na língua comum podem ser efetuadas na língua especializada. A diferença é apenas a frequência com que essas operações acontecerão.

No mesmo período em que Gaudin (1993) expõe sua teoria chamada de Socio-Terminologia, Cabré (1993), terminóloga Catalã do Instituto Pompeu Fabra, de Barcelona, desenvolve sua Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT). Sua teoria fundamenta-se sobre a questão de as terminologias de especialidade serem, acima de tudo, elementos de comunicação entre as pessoas (como veremos adiante, sejam elas especialistas ou não). Portanto, esses elementos figurarão de formas variáveis de acordo com as diferentes situações comunicativas e, nesse sentido, não poderão ser considerados estanques ou nem mesmo algo que possa ser pré-determinado, pois irão assumir o seu caráter de especialidade somente em situações especializadas, uma vez que muitos termos são utilizados também na língua comum com uma aceção diferente.

Outra vertente terminológica importante que é citada por Finatto & Krieger (2004) é a Teoria Sociocognitiva da Terminologia, de Rita Temmerman (2000), que se estrutura sobre paradigmas da Hermenêutica. Em razão desse enfoque interpretativo, a teoria correlaciona-se a uma abordagem cognitivista da ciência, tomando como base uma análise da terminologia empregada pelas ciências biológicas. Essa vertente também surge de contestações dos postulados da Escola de Viena, sobretudo à questão do objetivismo da ciência e de seus termos, “concebidos como etiquetas denominativas de um sistema conceitual, lógica e ontologicamente estruturado”, como afirmam as autoras (cf. FINATTO & KRIEGER, 2004, p. 37). Devido à abordagem hermenêutica, a Teoria Sociocognitiva da terminologia considera os termos como unidades de compreensão e de representação, que obedecem a modelos cognitivos e culturais. Vale ressaltar outro

aspecto fundamental dessa teoria: a compreensão de que as unidades terminológicas estão em constante evolução e, conseqüentemente, aceitam tanto a polissemia quanto a sinonímia. Para Temmerman, essa propriedade evolutiva reflete “o poder das palavras de (se) mover” (2000, p. 236), comprovando por sua vez, os diferentes papéis da linguagem na constituição dos saberes. Nesse sentido, Temmerman aproxima-se de Gaudin (1993) e de Auger (2001), pois também pressupõe a evolução e, desse modo, a variação terminológica, ainda que não pelos mesmos motivos geográficos vistos anteriormente nos dois autores.

Uma autora importante para a teoria variacionista da Terminologia no Brasil é Faulstich (2004). Para ela, a variação terminológica é algo inerente à língua de especialidade, tal como acontece na língua geral, uma vez que a primeira faz parte da segunda. Desse modo, de acordo com ela, as terminologias estão sujeitas à variação, pois fazem parte da língua geral e, sobretudo, porque elas são elementos de uso social. Faulstich cria até mesmo uma tipologia das variações existentes em terminologia. Segundo a autora, existem dois grandes grupos: (i) o das variantes terminológicas linguísticas e (ii) o das variantes terminológicas de registro. O primeiro tipo de variante ocorre quando um fenômeno propriamente linguístico determina a variação, ao passo que o segundo tipo é determinado pelo ambiente de ocorrência. Ainda sob o signo da variação em terminologia, a autora realizou muitas pesquisas no campo da sincronia e da diacronia das línguas de especialidade. Em síntese, Faulstich parece recuperar a proposta iniciada por Gaudin (1993) e desenvolvê-la, formalizando com maior detalhamento a socioterminologia.

Barbosa (2006), por sua vez, concorda com esse aspecto variacionista da terminologia na abordagem desenvolvida por ela acerca das terminologias de maneira geral em sua Etnoterminologia. Para Barbosa (2006), existem dois tipos de discurso distintos: o discurso especializado e o não especializado. As unidades lexicais presentes no primeiro são os termos, e as unidades lexicais do segundo são os vocábulos. Contudo, a autora afirma que no nível de sistema as unidades lexicais são plurifuncionais, ou seja, o estabelecimento da função de uma determinada unidade lexical dependerá do tipo de discurso no qual está inserida a unidade. Desse modo, é o discurso que determinará o “estatuto de vocábulo ou de termo”. Assim, para a estudiosa a diferença fundamental entre a linguagem especializada e comum não será a presença ou a ausência de termos de especialidade, mas o contexto no qual um

determinado discurso está inserido, uma vez que é a situação que age sobre os indivíduos e suas diferentes maneiras de se expressarem.

Assim, notamos que todas essas teorias, surgidas após a TGT formulada por Wüster, guardam entre elas um princípio comum: todas elas consideram a existência da variação no âmbito terminológico. Além disso, essas teorias não consideram que a terminologia seja um campo do conhecimento que esteja completamente separado da língua comum. Ao contrário, essas teorias parecem concordar com o fato de que a separação entre a língua especializada e a língua comum faz-se por meio de uma linha muito tênue e seus limites podem ser mais móveis e mutantes, pois essas duas línguas podem encontrar-se. Para Barbosa (2006) e para Cabré (1993), essa separação entre língua especializada e comum dar-se-á por meio da situação linguístico-discursiva em questão, já para Gaudin (1993) e Auger (2001), a divisão entre uma e outra língua sequer existe, uma vez que a língua de especialidade não se constitui como um conjunto de palavras isolado e imutável. Enfim, ao que nos parece, as ditas “novas” teorias terminológicas demonstram uma visão menos normativa e mais integrada às questões discursivas e comunicativas desse gênero de linguagem. Em síntese, nota-se que as terminologias, ao contrário das pioneiras nomenclaturas, constituem-se em consonância com o léxico comum. Atualmente, a função da terminologia vai bem além da denominação dos elementos, dos processos, dos conceitos ou das práticas técnico-científicas, pois a linguagem de especialidade, diferentemente do que havia sido proposto inicialmente por Wüster, não é mais vista separadamente da língua comum.

Assim, pode-se dizer que os indivíduos, em suas atividades cotidianas, muitas vezes utilizam um vocabulário especializado, o que confirma que essas barreiras e essas separações estanques entre o léxico especializado e o léxico da língua geral impostos teoricamente na verdade inexistem na prática. Dessa forma, pode-se notar que os termos de especialidade passam a figurar nos meios de comunicação, na literatura e em inúmeras outras situações que, de forma geral, nada possuem de propriamente especializadas.

Nesse sentido, para Arntz e Picht (1995), a terminologia tem como seu objeto de estudo as diferentes terminologias existentes em inúmeras outras ciências. Os autores observam, como já foi dito, que todas as terminologias baseiam-se na *língua comum*, uma vez que é nela que se encontram os limites, nem sempre delimitáveis, que separam

os diferentes discursos. Por essa razão, segundo os autores, a língua comum mistura-se à língua especializada e, dessa forma, muitas unidades da língua geral sofrem um processo de terminologização, isto é, adquirem sentidos especializados que coexistem com os sentidos comuns da língua geral. Essa diluição das fronteiras entre léxico comum e léxico especializado mais uma vez confirma que a terminologia não se caracteriza mais como uma área que estuda línguas à parte, restrita a um ambiente de comunicação especializado, visto que não se trata de uma “língua” constituída de palavras completamente distintas da comunicação ordinária.

Em todas as áreas do conhecimento constata-se a permanência do procedimento de cunhar termos novos, muito embora sejam utilizadas em larga medida unidades lexicais que já circulam nos sistemas linguísticos, ressignificadas, porém, em especificidades conceituais, como por exemplo, o termo médico “evoluir”. Ora, esse verbo é muito presente e bastante utilizado na língua comum. Trata-se, segundo o dicionário Houaiss (2001), da atitude de “(1) passar por processo gradual de evolução ou transformação, evolucionar; (2) executar evoluções, movimentos, deslocamentos graduais e harmônicos”. Na área médica, entretanto, essa lexia teve o seu sentido alterado, ou como já dito acima, “ressignificado”: um profissional da área médica pode dizer o termo “evoluir”, por exemplo, para verificar se houve alguma melhora ou piora no quadro de um determinado paciente.

Para Finatto & Krieger (2004), todas essas novas teorias acerca da terminologia mantêm muitos elementos em comum e muitos pontos de intersecção, os quais refletem os avanços dos estudos linguísticos de maneira geral. Desse modo, não compactuam com posições que não acolham o pleno funcionamento da linguagem, criticando as posições redutoras no que tangem ao fenômeno terminológico. Assim, as autoras chamam a atenção para o fato de que todas as novas teorias terminológicas parecem colocar em xeque algumas “certezas” da teoria terminológica clássica, como a ideia de univocidade, fundamentada no pressuposto de monosemia terminológica, da exclusividade designativa, assim como da monorreferencialidade. Segundo elas, isso ocorre, na realidade, porque as novas teorias terminológicas, de base linguístico-comunicacional, compreendem os termos como elementos linguísticos com todas as implicações sistêmicas e discursivas que afetam qualquer unidade lexical em suas realizações sistemáticas (FINATTO & KRIEGER, 2004, p. 38).

O caminho traçado pela terminologia em muito se assemelha ao percorrido por outra disciplina aparentada a ela: a tradução. Tradução e Terminologia são disciplinas que se formam de outras matérias e que, em sua prática, estão a “serviço” também de outras disciplinas. Ambas nasceram na prática e apenas posteriormente receberam um tratamento teórico e disciplinar. No presente trabalho separamos, normativamente, tradução e terminologia, mas o fato é que essas duas disciplinas, frequentemente, contribuem uma com a outra, portanto, ao traçarmos um panorama histórico da terminologia, temos de apresentar, como faremos em seguida, um breve panorama histórico da tradução.

1.2 Breve histórico da tradução

Bem como a terminologia, a tradução nasceu de uma necessidade efetiva de comunicação entre diferentes povos, os quais não falavam a mesma língua, mas precisavam compreender-se por algum motivo. Se pensarmos na interpretação, isto é, na tradução oral, veremos que essa prática nos remeteria quase que aos primórdios da história da humanidade. Além disso, tanto a terminologia quanto a tradução nasceram na prática e somente tiveram esta prática documentada e formalizada posteriormente.

Segundo Van Hoof (1991), a prática da tradução documentada tem a sua origem na tradução do Antigo Testamento do hebraico para o Grego.¹ Durante a versão latina das Sagradas Escrituras, São Jerônimo (340 – 420 d.C), um dos mais notáveis tradutores da história da tradução, esboçava, à sua maneira, alguns conceitos importantes (Cf. ZAVAGLIA, 2002). Por outro lado, Cícero, em 46 a.C formula, segundo Furlan (2003, p. 5) “a primeira reflexão sobre a arte e a tarefa do traduzir, principalmente em *De*

¹ Como Van Hoof (1991) apresenta em sua obra, sabemos que na verdade a prática tradutória iniciou-se ainda anteriormente a isso o que inclusive foi comprovado pelo reconhecimento de rochas com mensagens muito antigas que teriam sido traduzidas para várias línguas.

optimo genere oratorum”. Ao explicitarem suas impressões sobre esse ofício, esses dois autores esboçam pontos de vista diferentes sobre a tradução. Segundo o autor, a divergência entre São Jerônimo e Cícero sob esse aspecto repousa numa das principais querelas tradutórias da Antiguidade (ainda não resolvida): a tradução palavra por palavra ou sentido por sentido. São Jerônimo defendia a tradução do sentido, ao passo que Cícero argumentava em favor da forma, que, para ele, mantinha-se mais próxima e fiel ao texto original.

Contudo, apesar da existência de reflexões acerca da tradução na Antiguidade, como essas citadas acima, é o período histórico denominado Renascimento que teria sido o responsável pela “formação das bases da tradutologia moderna” (FURLAN, 2006, p.1). Segundo Furlan (2006 a, 2006 b, 2006 c, 2006 d, 2004), dentre os pioneiros a refletirem e discutirem sobre essa disciplina figuram nomes como Leonardo Bruni (1374-1444), Luis Vives (1492/3-1540), Étienne Dolet (1509 – 1546) e, talvez o mais popular entre os tradutores renascentistas, Lutero (1483-1546). De acordo com o autor, a grande inovação existente na tradução das escrituras sagradas feita por Lutero reside “na abordagem de tipo comunicativo e suas implicações linguísticas” (idem, ibidem, p. 2), uma vez que Lutero estava menos preocupado com o valor estético do texto do que com a sua capacidade efetiva de “atingir” o leitor, isto é, tinha como intuito que o leitor compreendesse de fato a obra. Para tanto, o reformista alemão utiliza uma linguagem simples, até mesmo popular, trazendo para a escrita o modo de falar do povo alemão; além disso, “traduzia adaptando o texto à mentalidade e ao espírito dos homens de seu tempo a fim de dar a compreender as realidades históricas, culturais e sociais relatadas na Bíblia e próprias de uma sociedade distanciada no tempo e no espaço” (idem, 2006 d, p. 2).

Durante o Classicismo francês do século XVII, a França vive um período de efervescência cultural e a tradução literária dos textos clássicos passa a ser uma atividade de destaque. Segundo Balliu (2001), as traduções francesas dessa época acabaram com o obscurantismo em que estavam submersas as grandes obras clássicas, tornando-as acessíveis a grande parte da população. É nesse cenário que surgem as Belas Infiéis, que eram traduções realizadas com o intuito de agradar ao público leitor da época. O principal nome desse período, Nicolas Perrot d’Ablancourt (1606 – 1664), deixava claro em seus prefácios que procurava retratar os autores clássicos como se eles tivessem vivido e escrito suas obras no século XVII.

Mais tarde, Tytler (1790, 1978) reclama, com os seus três princípios, um espaço para a tradução, que, segundo ele, era o domínio literário mais menosprezado da época. Desse modo, defende a idéia da elaboração de um padrão crítico para as traduções e de princípios dessa arte, ainda sem método determinado.

No século XIX, Schleiermacher [1813 – leitura pública, 1838 – primeira publicação] (2001) divulgou, no texto *Sobre os diferentes métodos de tradução*, algumas ideias que seriam mais tarde retomadas por vários estudiosos. O filósofo alemão afirma que a tradução não ocorre apenas entre duas línguas distintas ou entre dialetos diferentes, mas também entre dois sujeitos de grupos sócio-culturais diversos, e que, no limite, quase tudo seria tradução (trocas intersubjetivas em geral). Schleiermacher (1838, 2001) considera que o discurso do texto de partida, que dá origem aos outros discursos (às traduções), modifica-se à medida que é traduzido, já que, nesse processo, cada tradutor coloca muito de si, posto que as leituras e as interpretações das obras literárias (e, conseqüentemente, suas traduções) referir-se-ão às questões relacionadas à cultura e à visão de mundo de cada indivíduo. Contudo, segundo ele, a tradução não pode dar origem a novos discursos, pois ela sofreria um desgaste com a passagem do tempo, podendo tornar-se anacrônica.

Schleiermacher (2001, p. 41) também ressalta a questão do espaço geográfico e das especificidades culturais. Nesse sentido, o autor propõe dois caminhos possíveis ao tradutor. A primeira opção seria a paráfrase e a segunda, a imitação. Para o autor, a paráfrase “quer dominar a irracionalidade das línguas, mas somente de forma mecânica”, enquanto que a imitação se curva diante da irracionalidade das línguas e coloca em evidência o efeito das palavras e os arranjos das línguas. Em ambos os casos, a única possibilidade de encontro entre leitor e autor se dá de duas maneiras: ou o leitor é levado até o autor, ou o autor é trazido até o leitor, caminhos retomados por Berman (2000), e posteriormente por Venuti (2002), sob os nomes de estrangeirização e domesticação.

Algumas décadas depois, nos anos 1920 do século XX, Walter Benjamin (1892 – 1940) publica o renomado texto *A Tarefa do Tradutor* (1923, 2001). Nessa obra, Benjamin (1923) expõe o seu pensamento acerca do ato tradutório, afirmando que as línguas complementam-se pelo visamento intencional de cada uma delas e é por essa razão que, apesar da maneira de se dizer algo modificar-se de uma língua para a outra,

de modo geral, sempre conseguimos expressar o que desejamos nas diferentes línguas, o que prova essa complementaridade existente entre elas. As línguas seriam complementares e apresentariam a mesma “capacidade” de expressão, a única diferença repousaria na maneira como cada língua expressa uma determinada coisa. Dessa forma, Benjamin (1923) acredita que se pudéssemos unir todas as maneiras de dizer de todas as línguas chegaríamos a uma língua pura e perfeita. É, portanto, discutindo sobre a relação entre as línguas que o autor dá, a nosso ver, uma contribuição importante à área, já que, para ele, a tradução expressaria a mais íntima relação entre as línguas, atualizando-a “de maneira germinal e intensiva”, sobretudo porque as línguas não são estranhas umas às outras, pelo contrário, são “afins naquilo que querem dizer” (BENJAMIN, 1923, p. 195). Desse modo, entendemos que as línguas, apesar de diversas, são complementares (complementam-se, inclusive, por meio de suas diferenças) e a tradução acaba por evidenciar essas diferenças, mostrando-nos a variedade das línguas e como elas somam-se umas as outras.

A partir da década de 1930, autores como Quine (1960) e Jakobson (1959, 1974), embora não fossem efetivamente ligados ao domínio da tradução, produzem trabalhos que contribuem para uma alteração na maneira de se ver o ato tradutório. Claro está que as teorias formuladas por ambos os teóricos eram de caráter linguístico e, no caso de Quine (1960), de fundo behaviorista, dado o momento histórico no qual se encontram inseridos esses autores.

Quine (2000) possui a ambição de construir uma teoria científica da significação, uma “semântica positiva”. Para tanto, essa teoria deveria valer-se de fatos observáveis e publicamente demonstráveis, ou seja, comportamentais. Para desenvolvê-la, o filósofo exemplifica o seu método por meio do processo daquilo que ele chama de tradução radical, isto é, a descrição, pela tradução, de uma língua culturalmente isolada. Nesse caso, os únicos instrumentos de que dispõe o linguísta são os estímulos sensoriais e as emissões verbais que esses mesmos estímulos proporcionam aos falantes nativos dessa língua.

Dessa maneira, para Quine (2000), a tradução será sempre necessariamente indeterminada. A esse respeito, Gochet (1978, p.83) explica que a indeterminação da tradução se dá quando “as hipóteses analíticas colocam em correlação uma mesma frase do indígena com frases francesas distintas”. Assim, segundo Quine, não há na tradução

uma realidade objetiva e, por isso, sua indeterminação não é epistemológica, mas ontológica (QUINE apud GOCHET, p. 83, tradução nossa). Em outras palavras, para Quine a significação será sempre relativa: ela existe, mas ela não é “em si”.

Jakobson (1959, 1974), na qualidade de linguista, desenvolve uma abordagem da tradução centrada em questões também linguísticas, bem como em questões semânticas. No capítulo “Aspectos Linguísticos da tradução” (1959, 1974), Jakobson expõe sua teoria sobre a tradução problematizando questões como a dicotomia linguística significado/significante, as possibilidades de interpretação de um signo verbal e a traduzibilidade. No que diz respeito à dicotomia significado/significante, ele afirma que o significado não é apenas uma questão linguística, mas também uma questão semiótica. Assim, temos que, como para Saussure (1915, 1981) não existe significante sem significado, para Jakobson (1959, 1974) não há *signatum* sem *signum*. Assim, o linguista afirma que cada *signatum* representa um *signum*, mas essa representação pode ser alterada de uma cultura para a outra, ou seja, de uma língua para a outra. Como exemplo, ele cita o queijo, alimento que certamente possui uma representação totalmente distinta em países diferentes. Jakobson (1959, 1974) acredita (e em certa medida isso retoma Benjamin) que essas diferentes representações e maneiras de dizer é que formam a complementaridade das línguas.

O linguista (1959, p.65) categoriza em três as maneiras de interpretarmos os signos verbais. A primeira maneira é a tradução intralingual (ou reformulação), que consiste na “interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua”. A segunda forma é a tradução interlingual ou tradução propriamente dita, “que consiste na interpretação de signos verbais por meio de alguma outra língua”; e, por fim, a terceira maneira, a tradução intersemiótica ou transmutação, que consiste na “interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais”. O autor reforça que, quando reformulamos uma palavra ou frase, fazemos uso do circunlóquio. Contudo, ele diz que, normalmente, quando fazemos uso da reformulação, isto é, quando empregamos sinônimos, não dizemos a mesma coisa, pois não usamos o termo exatamente equivalente. Nesse sentido, entende-se que para Jakobson (1959, 1974) a reformulação guardaria alguns pontos em comum com a tradução interlingual, posto que normalmente não há um equivalente exato entre duas unidades de códigos diferentes.

Embora Jakobson (1959, 1974) reconheça certas dificuldades tradutórias, pode-se dizer que ele defende a possibilidade da tradução e não condena a sua imprecisão, gerada pela não correspondência exata entre as duas línguas, como ocorre com Quine (2000). De fato, a imprecisão é algo intrínseco à tradução, seja no campo da língua comum, seja no âmbito das linguagens de especialidade, como podemos notar quando observamos as traduções de obras literárias ou traduções técnicas. Porém, apesar dessa imprecisão, tem-se a capacidade de entender o que esse outro quer dizer, o que poderia ser a prova de que a tradução é sempre possível. Nesse sentido, o autor afirma: “As línguas se diferem essencialmente naquilo que **devem** expressar, e não naquilo que **podem** expressar” (JAKOBSON, 1974, p. 68, grifos do autor).

Em síntese, notamos que para ambos os autores, Quine (2000) e Jakobson (1959, 1974) as questões linguísticas presentes na tradução são permeadas por questões também de ordem cultural, apesar de em ambas as teorias a questão cultural ser apenas um fator que permeia o linguístico. De toda forma, pode-se dizer que esses autores prenunciam uma mudança e uma nova maneira de se ver a tradução em relação à imagem feita dessa disciplina anteriormente, ou seja, durante os séculos XVI, XVII e XVIII, quando se acreditava que traduzir era dizer a mesma coisa. Ora, se Quine (2000) e Jakobson (1959, 1974) afirmam que a tradução é imprecisa, então eles nos colocam, mesmo que implicitamente, o fato de que não se pode dizer exatamente a mesma coisa, uma vez que as línguas não são iguais.

Os estudos da tradução desenvolvidos dos anos 1950 até meados dos anos 1980 consideravam a equivalência como noção central para definir o ato de traduzir. Além disso, os estudiosos dessa vertente tradutória, como Nida (1964), Catford (1965) e Mounin (1975) apoiavam-se nessa questão para definir o que era uma boa tradução.

Catford (1965), por exemplo, privilegiou em seus estudos sobre a tradução a questão da equivalência entre o texto de partida e o texto de chegada. De acordo com o autor, a equivalência não pode ser vista como uma entidade incontestável e absoluta, mas sim como um elemento relativo e com inúmeras variantes. Esses elementos que intervêm na questão da equivalência, no caso da teoria de Catford (1965), pelo fato de ele tratar a tradução por um viés mais linguístico, serão bastante associados a conceitos lexicais, gramaticais, entre outros. Em seu trabalho *Uma Teoria Linguística da Tradução*, Catford (1965) se restringe a tratar da vertente empírica da equivalência, ou

seja, da equivalência observável quando se compara o original e sua tradução. O autor faz uma distinção entre *equivalência textual* e *correspondência formal* (CATFORD, 1965, p.27). A *equivalência textual* corresponderia à equivalência de sentido que é verificada por meio do cotejo entre o original e sua tradução. “A equivalência tradutória textual é, portanto, qualquer forma da língua meta (texto ou parte de texto) que corresponda ao equivalente da forma da língua fonte (texto ou porção de texto)” (idem, ibidem). Nas palavras do próprio autor (idem, 1965, p. 28): “uma tradução textual equivalente é, então: aquela parte do texto da Língua Meta que é alterada quando, e somente quando, certa parte do texto da Língua Fonte é alterada”. Além disso, o estudioso trabalha com a questão dos traços de substância, que seriam os traços linguísticos relevantes em uma determinada língua. Para ele, esses traços não são constantes em todas as línguas, em outras palavras, eles seriam variáveis de uma língua para a outra e o tradutor, no momento de realizar sua tradução, teria de saber quais são esses traços substanciais dos dois idiomas envolvidos em seu trabalho. Ele ilustra essa questão utilizando-se do inglês, visto que nessa língua não se faz a distinção entre o masculino e o feminino em adjetivos, portanto, se o tradutor vai traduzir algo do inglês para outra língua que faz essa distinção, ele terá de saber se o adjetivo empregado faz referência a um substantivo masculino ou feminino. Ao contrário, se um profissional traduz um texto do francês para o inglês, ele não terá essa inquietação, posto que apesar da língua francesa separar seus adjetivos em masculino e feminino, a língua para qual se está traduzindo, o inglês, normalmente, não marca essa diferença.

Mounin (1975) por sua vez, também trabalha inicialmente com a questão da equivalência e chega até mesmo a se questionar sobre a possibilidade real da tradução, uma vez que considera a equivalência um ideal inatingível. Contudo, após uma longa reflexão, o autor passa a considerar a tradução não somente possível como também necessária. Apesar de acreditar na tradução, Mounin (1975) irá enumerar uma série de problemas possíveis de figurarem em uma tradução, por melhor que ela seja. Todavia, são as questões relacionadas às diferentes maneiras de ver, organizar e interpretar o mundo que iremos ressaltar nesse momento. Mounin (1975) dedica um capítulo para discutir a dificuldade que as teorias neo-humboldtianas impuseram aos tradutores. Para o autor (1975), anteriormente a Humboldt (1990) julgava-se que as estruturas da linguagem resultavam mais ou menos diretamente das estruturas do universo e da universalidade do espírito humano. Portanto, era sempre possível traduzir porque existia

uma igualdade entre as línguas, entre seus seres, processos, qualidade ou relações. As línguas queriam dizer sempre basicamente as mesmas coisas (ideia retomada e já citada anteriormente por outros autores) e por isso, elas eram facilmente transladadas. Dentro dessa ótica, as dificuldades do processo tradutório eram representadas por fatos acidentais: o tradutor deixava de captar o todo do sentido ou do conteúdo linguístico, ou o tradutor conhecia de maneira insuficiente as línguas em questão, dentre outras dificuldades meramente empíricas. Porém, essa visão acerca da linguagem foi transformada e, sobretudo após Humboldt (1990), passou-se a considerar que cada língua estrutura a realidade à sua maneira e, exatamente por isso, estabelece os elementos da realidade que lhe são peculiares. Esses elementos nunca aparecem de maneira exatamente igual e equivalente em outra língua, elementos, bem sabemos, são intrínsecos a cada povo.

Também nos anos 1970, Reiss (2000), teórica alemã, inicia suas pesquisas sobre a Teoria do Escopo conjuntamente com Veermer (1985). Para Reiss (1883, 2000), a tradução interlingual consiste em um processo que tem como objetivo criar, na língua de chegada, um texto “equivalente” (dentro da perspectiva dessa equivalência relativa, a qual alguns dos autores citados acima fizeram referência) àquele da língua fonte. A autora diz que o uso de duas línguas naturais distintas necessariamente implicará em uma mudança da mensagem durante o processo comunicativo. A teoria de Reiss trabalha, portanto, com a questão da recepção das obras traduzidas; isto porque pretende beneficiar o objetivo comunicativo da obra “original” ou da tradução, mas isto sem perder de vista outros aspectos literários importantes, como a função comunicativa ou a variedade textual. Deve-se ressaltar também o caráter inovador da proposta, que focaliza as questões relacionadas à tradução mais do que aquelas relacionadas ao “original”, rompendo assim com a atitude *logocêntrica* (ARROJO, 1993, p.71 - 90) que, durante anos de tradição, valorizou o original atribuindo-lhe a posição de detentor de significados a despeito da tradução (tida, quase sempre, como um mal necessário) (cf. ARROJO, 1993, p. 89).

Nessa mesma época surge a perspectiva hermenêutica da tradução. Ora, a Hermenêutica é a arte de interpretar o verdadeiro sentido dos textos sagrados ou ainda a ciência de interpretar as palavras alheias. Portanto, o que essa nova perspectiva propunha era justamente que a tradução fosse feita dentro dos mesmos moldes da hermenêutica: baseando-se na interpretação cuidadosa dos textos a serem traduzidos,

pois se acreditava que a ideia de tradução como transferência de significados já estava desgastada.

Um dos grandes nomes da perspectiva hermenêutica da tradução é o do teórico George Steiner (1975, 1978). Segundo o autor (2000) a tradução seria um ato inerentemente de apropriação, visto que toma para si, ainda que de maneira um pouco modificada, o sentido que estava presente em outro texto (ou no outro); dessa forma, Steiner (2000) afirma que o ato tradutório é também violento. Por outro lado, apesar da violência, de acordo com o autor, a tradução é um ato necessário porque os textos só ganham significado quando são compreendidos e, nesse sentido, devem ser traduzidos. Exatamente por pensar que a tradução é um ato de apropriação e de interpretação da obra original é que Steiner (2000) critica as traduções demasiadamente domesticadoras e, sobretudo, aquelas traduções que, no intuito de tornar a recepção da obra mais fácil e aceitável, acabam por simplificar o texto. O autor observa, inclusive, que existe uma tendência na prática tradutória de realizar essa domesticação e que essa tendência suplanta quase que completamente a sua vertente oposta, que seria a permissão de que esse discurso linguístico estrangeiro chegue até os leitores das traduções. Devido a essas questões, ele reconhece que a tradução realizará determinadas mudanças no texto original, pois isso é algo inevitável, mas, segundo o autor, a tradução, quando realizada pelo viés hermenêutico, irá detalhar e iluminar o texto.

A Virada Cultural nos Estudos da Tradução, segundo Snell-Hornby (2006), representou uma quebra de paradigma nessa disciplina. Ela cita Lefevere e Bassnet (apud SNELL-HORNBY, 2006, p. 47): “O crescimento da Tradução como uma disciplina autônoma é uma história de sucesso dos anos 80”. Para Snell-Hornby (2006) essa quebra de paradigma foi iniciada alguns anos antes pela escola de Tel Aviv, tendo como um de seus principais representantes o estudioso Even-Zohar (1979) e sua teoria que dividia a Literatura em polissistemas. Even-Zohar (1979), assim como Toury (1995), que de certa forma retoma a teoria dos polissistemas, fazem parte de um momento da história dos Estudos da Tradução situado entre o período predominantemente linguístico e o momento atual. Esse movimento tradutório recebe o nome, segundo a autora, de Estudos Descritivos da Tradução, justamente porque eram explicativos e descreviam o processo tradutório. Segundo a autora, a ruptura de fato ocorreu quando o volume de ensaios *Manipulation of Literature* (HERMANS, 1985) foi publicado. O objetivo da publicação, como o editor deixava claro na introdução do livro, era “estabelecer um

novo paradigma para o estudo da tradução literária, baseado numa teoria detalhada e uma prática de pesquisa em andamento” (idem, 1985, p. 10, tradução nossa). A publicação do volume, acrescida de uma declaração feita pelo editor, a saber: “do ponto de vista da literatura alvo, toda tradução significa um certo grau de manipulação do texto fonte para um determinado propósito” (1985, p. 11, tradução nossa) –, gerou a denominação para a nova corrente tradutória emergente nessa ocasião, a “Escola de Manipulação”. O surgimento da escola de manipulação representou de fato uma mudança enorme no curso dos Estudos da Tradução, pois a concepção que passa a reger a prática tradutória é: “um ponto de vista descritivo, orientado para o texto alvo, funcional e sistemático” (Idem, 1985, p. 12). Anteriormente, a concepção tradutória, como afirma a estudiosa, era diametralmente oposta: prescritiva, orientada para o texto fonte e fundamentalmente linguística.

Além disso, a tradução torna-se, após a Virada Cultural e as transformações sofridas durante esse período, uma disciplina autônoma e independente. Dessa maneira, aspectos como a equivalência passam a ser relativizados pelos teóricos, uma vez que a tradução passa definitivamente a ser vista por um viés de maior complexidade.

Assim, a partir de 1980, autores como Bassnett (1980), Arrojo (1986), Venuti (1992), Baker (1992), Berman (1985), Rodrigues (1999), dentre muitos outros, propõem um novo olhar sobre a tradução, privilegiando a função visível do tradutor como leitor.

Desse modo, de acordo com a corrente atual do pensamento acerca da tradução, chamada de Estudos da Tradução, o ato tradutório é considerado como um processo de transformação linguística, textual e cultural, sem que a referência ao texto original se perca. Como objetivo dinâmico e mutável, o original é construído conforme a leitura de cada indivíduo, que realizará a tradução de acordo com suas inferências e interpretações. A noção de fidelidade, antes atrelada ao original, modifica-se, uma vez que a leitura do original, que dá início à tradução, não será exatamente idêntica àquela idealizada pelo autor, ou seja, àquela que o autor desejaria que seus leitores realizassem. Segundo Arrojo (1986), a tradução passa, portanto, a ter o status de produtora de significados e deixa de ser vista como uma mera ponte entre diferentes línguas. Em síntese, ela deixa de ser considerada como uma atividade que protege os significados originais, até porque essa proteção é impossível. Sob essa perspectiva, diz Arrojo (1986, p. 23):

Traduzir não pode ser meramente o transporte, ou a transferência de significados estáveis de uma língua para a outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura. Essa leitura está condicionada às convenções. A literatura é, por exemplo, uma categoria convencional criada por uma decisão comunitária.

Ainda sobre essa questão da ligação intrínseca da literatura com a sociedade e o seu momento histórico, a estudiosa nos dá o exemplo dos poemas “Os Lusíadas”, de Camões e “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade. Ela afirma que ambos os poemas diferem bastante entre si, tanto em questões formais, quanto no que toca a seus temas. Além disso, Arrojo (1986) argumenta que o “título” de poema somente pode ser atribuído a um texto se a comunidade interpretativa o aceitar e o reconhecer como tal. Nesse caso, os dois poemas foram reconhecidos por suas comunidades interpretativas como poemas, contudo, provavelmente, a sociedade que tem como modelo de poema “Os Lusíadas” provavelmente não reconheceria como poema o texto “Quadrilha”. Nesse sentido, Arrojo (1986) afirma que os padrões que dirigem essas comunidades interpretativas estão intimamente relacionados com a sua época, com as convicções de uma sociedade como um todo.

Bassnett (1980), por sua vez, também desloca a observação da tradução para uma esfera mais dinâmica, diferente da visão tradicional, e predominantemente linguística, da década de 1950. Para a autora, a tradução não pode ser vista somente como a transladação do significado contido em um determinado texto de uma língua para outra, já que esse processo envolve uma série de critérios extralinguísticos. Para ilustrar essa questão, a estudiosa cita Sapir (1980, p. 13-14, tradução nossa), que coloca em relevo o caráter social da linguagem e a estreita relação entre língua e cultura: “A língua é um guia para a realidade social, [uma vez que] nenhuma língua pode existir sem estar envolvida (embasada) no contexto de uma cultura; e nenhuma cultura pode existir sem ter como seu centro, a estrutura da língua natural”. Sobre as questões literárias, a autora complementa dizendo que a principal dificuldade na tradução do texto literário é a sua formação a partir de um complexo sistema de relações dialéticas relacionado a outros campos do conhecimento, o que deve levar o tradutor a considerar todos os seus aspectos. Assim como Arrojo (1992), ela afirma também que o tradutor é, antes de ser

escritor, um leitor, e como leitor ele deve tomar uma posição em relação ao texto, em outras palavras, deve interpretá-lo para depois traduzi-lo. Desse modo, ele certamente colocará no texto sua visão de mundo, sua interpretação dos fatos, entre outros aspectos que, provavelmente, alterarão o texto original, modificarão o seu sentido anterior, sem, contudo, prejudicar sua ideia central.

De acordo com Arrojo (1992), bem como para Rodrigues (1999), a visão desconstrutivista de Derrida (2006) revisa e redimensiona as noções tradicionais de significado, pois, se o signo é originário de um pacto, de uma convenção, então, a origem do significado também deve ser remetida a esse pacto. Assim, Arrojo (1992) argumenta que, se aceitamos a tese de que o significado é construído e atribuído a partir de um acordo comunitário (teoria da convencionalidade do signo), ter-se-á de admitir que a leitura e a compreensão também são frutos desse processo. Dessa forma, não se pode acreditar na existência de um significado “original” que suplanta todos os outros, pois se passa a admitir que, se os significados são gerados a partir de convenções, eles são também um pouco subjetivos, exatamente porque submetidos a muitas variáveis. Então, como demonstra Arrojo (1992a), o leitor deixa de ser visto como um mero decodificador de significados e passa a ser visto como um sujeito que interpreta a obra, ou seja, os significados passam a figurar na “cabeça” de cada indivíduo, no que ele imagina e interpreta a partir daquele texto. Em síntese, a autora conclui que nenhuma tradução poderá ser neutra ou literal, pois ela será sempre uma leitura, uma interpretação. E esse fato (de a tradução ser, na verdade, leitura e interpretação) não constitui uma característica peculiar a ela, mas um traço essencial e comum a todas as atividades linguísticas (ARROJO, 1992c, p. 68):

Toda tradução, por mais simples e breve que seja, revela ser produto de uma perspectiva, de um sujeito interpretante e, não, meramente, uma compreensão “neutra” e desinteressada ou um resgate comprovadamente “correto” ou “incorreto” dos significados supostamente estáveis do texto de partida. Essa ligação intrínseca e inevitável que qualquer tradução mantém com uma interpretação tem criado um sério embaraço para a grande maioria das teorias de tradução, em especial para aquelas que alimentam a ilusão de chegar, um dia, a uma sistematização do processo de traduzir.

Assim, nota-se que a tradução, como toda e qualquer disciplina, conta com abordagens distintas. Nessa seção, tentamos expor as correntes tradutórias que julgamos mais relevantes para este trabalho. Ao final desse histórico da tradução, torna-se visível que, durante bastante tempo, a tradução literária foi privilegiada em detrimento da tradução técnica. Muito se escreveu e discutiu sobre a tradução de literatura, mas foi apenas recentemente que a tradução especializada conquistou o seu posto nessas reflexões e discussões de forma sistemática, pois com o incremento tecnológico e científico do último século, os textos especializados passaram a ter grande circulação e, frequentemente, esses textos precisam (e precisavam) ser traduzidos. Assim, a tradução especializada deixou de ser apenas uma atividade desenvolvida na prática e passou a contar também com um viés teórico. Contudo, se olharmos para a quantidade de autores que discutem esse tipo de tradução veremos que essa produção é ainda quase incipiente quando a comparamos com tudo o que se produz acerca da tradução literária.

Durante muito tempo acreditou-se que um fator determinante no estabelecimento de fronteiras entre o texto especializado e o texto literário seria a presença de termos de especialidade, ou seja, quando um texto apresentava densidade terminológica, ele era considerado especializado. Atualmente, entretanto, percebemos que os termos podem figurar em textos não especializados, como é o caso das obras literárias que abordamos neste trabalho. Ora, se os textos literários e especializados diferem-se entre si, certamente teremos de pensar em dois tipos de tradução distintos para esses dois gêneros textuais. De fato, a tradução literária e a tradução especializada possuem diferenças tanto estilísticas quanto lexicais, apesar de identificarmos também, ao longo da presente pesquisa, que suas fronteiras são instáveis.

Nosso trabalho discute um pouco essa fronteira existente entre o texto especializado e o texto literário e, dessa maneira, discute também a diferença existente entre essas duas práticas tradutórias. Ao notarmos a presença terminológica em textos literários, procuramos uma teoria que desse conta dessa presença e encontramos a Teoria Comunicativa da Terminologia (doravante TCT), proposta por Cabré (1993). Essa teoria pareceu-nos a mais apropriada para a discussão que iniciamos neste trabalho, ou seja, para tratarmos da terminologia no âmbito da literatura.

A TCT de Cabré (1993) guarda algumas semelhanças com as teorias de base linguístico-comunicacional citadas anteriormente neste trabalho. Desenvolvida por

Cabré (1993) e pelo grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, a TCT considera, bem como as outras teorias terminológicas citadas acima, as quais sucederam a TGT de Wüster, que os termos não podem ser considerados simples etiquetas e denominações para processos técnico-científicos. Para Cabré (1999), a terminologia é uma disciplina que se propõe a estudar a maneira como o conhecimento especializado se estrutura, buscando dar conta das unidades conceituais e denominativas chamadas *termos*, os quais formam um sistema de expressão e facilitam um determinado tipo de comunicação. Com as funções de representar o conhecimento, sempre específico, e de transmiti-lo, a terminologia tem como objeto a comunicação especializada, que se caracteriza essencialmente por três elementos: pela especificidade do tema e de sua perspectiva cognitiva, por seus interlocutores e pela própria terminologia, uma vez que o conhecimento especializado se materializa, sobretudo, nos termos.

Portanto, Cabré (1999), bem como outros autores, retira da terminologia o seu lado mais conservador, para conferir-lhe um aspecto mais voltado à perspectiva comunicativa, variacionista e relativista.

2. Terminologia, Tradução e Literatura

2.1 A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

Como já visto no capítulo anterior, em meados dos anos 1980 e 1990, novas teorias de base linguístico-comunicativas começam a surgir; dentre elas figura a TCT desenvolvida por Cabré.

Segundo Cabré (1999, p. 123), a terminologia é um *campo interdisciplinar* constituído a partir de três teorias: a teoria do conhecimento, a teoria da comunicação e a teoria da linguagem. Para a autora, as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática que descreve a língua. Dentro dessa gramática, os termos não são unidades autônomas que formam um léxico especializado, mas que podem ser encarados como *módulos de traços de unidades léxicas*, que se descrevem como unidades *denominativo-conceituais* (cf. CABRÉ, 1999, p. 123), dotadas de capacidade de referência, as quais podem exercer funções distintas (referencial, expressiva, conativa) e que, integradas ao discurso, constituem núcleos diversos. Essas unidades, as quais, inicialmente, não são nem palavras nem termos, podem pertencer a âmbitos distintos.

Segundo a estudiosa catalã (CABRÉ 1990, 2002, 2007a), o objetivo da terminologia teórica é descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem obter ou apresentar valor terminológico. A terminologia deve explicar como essas unidades léxicas são ativadas e explicar a sua relação com outros signos de mesmo tipo para que se possa prosseguir nos estudos sobre o discurso especializado e as unidades que o formam. Por outro lado, o objetivo da terminologia aplicada é reagrupar as unidades terminológicas em um tema e uma situação determinada e definir suas características a partir dessa observação. De acordo com a autora, dentre as características dos termos, pode figurar o fato de tratar-se de uma unidade normalizadora. Todavia, de maneira geral, a finalidade aplicada do reagrupamento e a análise das unidades terminológicas na grande maioria das ocorrências irão ativar a

dupla função dos termos: (i) a representação do conhecimento especializado e suas diferenças; (ii) e a comunicação desse tipo de conhecimento. Além disso, os termos aparecem na comunicação especializada, a qual se caracteriza por certos fatores linguísticos, como os: semânticos, léxicos e textuais; além dos fatores pragmáticos, como o emissor, mediador linguístico ou cognitivo, o destinatário e as situações. Por fim, a autora nos lembra que a comunicação especializada admite níveis de especificidade distintos (1999, p. 123):

O caráter do termo é ativado em função do seu uso em um contexto e situação adequados. Essa ativação consiste em uma seleção de módulos de traços apropriados que incluem os traços morfossintáticos gerais da unidade e uma série de traços semânticos e pragmáticos específicos que descrevem seu caráter de termo dentro de um determinado âmbito.

Desse modo, para caracterizar os textos especializados, é preciso identificar a sua densidade terminológica, que cresce progressivamente à medida que aumenta o seu nível de especialidade.

De acordo com a terminóloga (CABRÉ 1999, 2002, 2007a), a TCT não concebe a terminologia como uma disciplina autônoma, pois ela a considera como interdisciplinar, uma vez que visa formular uma teoria linguística para fenômenos provenientes também de outras áreas, como o campo do conhecimento especializado e técnico-científico e a comunicação. Para ela, a TCT deve ser capaz de explicar as diferenças entre o conhecimento geral e o conhecimento especializado, porém sem dissociá-los completamente, apenas respeitando as particularidades de cada um. Para tanto, é preciso assumir que o discurso especializado possui algumas características peculiares, mas que nem por isso representa algo totalmente apartado da língua comum.

Outro princípio fundamental da TCT citado por Cabré (1999, 2002a e 2002b, 2007a) é o fato de se admitir a existência da sinonímia nas linguagens de especialidade: “A TCT parte do pensamento que a sinonímia na comunicação especializada é um feito real quantitativamente dependente do nível de especialização de um discurso” (CABRÉ,

1999, p. 8-9). Contudo, a autora argumenta que, quanto mais especializado for o texto em questão, maior será o seu grau de sistematização, o que diminui consequentemente o seu grau de variação. Ela diz ainda que na TCT faz-se necessário ter em mente que a diversidade discursiva irá variar de acordo com o tema, a perspectiva temática que se escolhe para tratar desse tema, o tipo de emissor, o tipo de destinatário, o nível de especialização, o grau de formalidade, a situação comunicativa, o propósito e o tipo de discurso (dentre outras variáveis).

Essa diversidade discursiva da qual fala a autora para caracterizar um texto especializado é importante, pois, ao pensar nas obras literárias nas quais há a presença de terminologias e ao considerar a perspectiva comunicativa da terminologia, ter-se-á de se colocar diversas questões para avaliar a presença desses termos nessas obras; sobretudo porque o fato de uma obra apresentar densidade terminológica não quer dizer automaticamente que ela comunique um conhecimento especializado. Na realidade, essa comunicação especializada, no âmbito literário, dependerá de outros fatores, como as intenções do autor, o grau de entendimento e de interesse do leitor, os objetivos da obra, dentre muitos outros. No caso específico das obras abordadas em nossa pesquisa, *L'Étranger* (1942) e *Les Particules Élémentaires* (1998), notamos, ao longo de nossa pesquisa, que os autores inseriram um determinado conhecimento especializado em suas obras na intenção de comunicá-lo, no entanto, a efetividade desse ato somente será possível se o leitor tiver a curiosidade de verificar o significado dos termos apresentados nessas obras, sobretudo porque nenhuma delas possui nem notas de rodapé que expliquem os termos apresentados e nem um glossário que indique o significado deles.

Diante de uma teoria tão ampla, podemos nos questionar então sobre o que é, exatamente, a terminologia, em outras palavras, como poderíamos defini-la atualmente? De acordo com Cabré (1999, 2002, 2004), a terminologia é uma interdisciplina constituída por elementos oriundos da linguística, da ontologia, da lexicologia e das especialidades. Como possui bases teóricas delimitadas e um objeto de estudo definido, os termos, a terminologia é, de fato, uma disciplina. Portanto, é preciso distingui-la da lexicologia, visto que essa estuda o léxico da língua geral, ou seja, seu objeto de estudo são as lexias. A terminologia, por sua vez, estuda unidades chamadas termos, cujos conceitos são tematicamente específicos. Dessa forma, Cabré (1999) também pontua algumas diferenças existentes entre palavras e termos. De maneira simplificada, pode-se dizer, segundo a estudiosa catalã, que a palavra é uma unidade descrita por um conjunto

de características linguísticas, dotada da propriedade de referir-se a um elemento da realidade. Por outro lado, o termo é uma unidade de características linguísticas similares às da palavra, contudo ele é utilizado em um domínio de especialidade. Além disso, termos e palavras distinguem-se: por seus usuários, pelas situações nas quais são utilizados, pela temática que veiculam e, finalmente, pelo tipo de discurso no qual cada um geralmente aparece.

Assim, torna-se evidente uma segunda característica que a referida autora atribui à terminologia: sua transdisciplinaridade, pois ela participa de todas as matérias especializadas, já que todas elas possuem e utilizam uma terminologia para expressar seus conhecimentos, de forma que sem ela não se faz ciência, nem se descreve uma técnica, nem tampouco se exerce uma profissão especializada.

Além disso, durante muito tempo acreditou-se que ambas as disciplinas – a lexicologia e a terminologia – diferenciavam-se também por seus sistemas. Em outras palavras, o sistema lexical, formado por palavras (PIETROFORTE & LOPES, 2003, p. 125), seria capaz de estabelecer relações entre essas unidades, como por exemplo: a sinonímia, a antonímia, a paranomásia, a polissemia, entre outras. Já o sistema terminológico, constituído pelos termos, não formaria esses tipos de relação, posto que essas unidades não seriam definidas umas em relação às outras (o que, como já vimos um pouco acima, não se trata da realidade, pois existe sinonímia entre termos).

A respeito da variação terminológica e da sinonímia dentro do campo do discurso especializado, Cabré & Freixa (2002) tocam na questão da biunivocidade proposta por Wüster com sua TGT. Cabré & Freixa (2002) denominam a relação entre os termos de biunívoca, pois, na visão do autor austríaco, para cada conceito descrito deveria haver apenas uma denominação, formando assim um par “único” – portanto, formalizando uma linguagem unívoca, para cada termo existe um único significado possível. Dessa forma, não deveriam existir denominações ambíguas como homônimos e polissemia, e nem denominações múltiplas para um mesmo conceito, como a sinonímia, no âmbito da linguagem especializada. A TGT tem na biunivocidade uma de suas características mais importantes, uma vez que postulava a monossemita e a mononímia, negando a polissemia e a sinonímia. Na visão de Wüster, os termos deveriam ser “monovalentes sem, necessariamente, serem monossêmicos” (WÜSTER, 1979, p.125).

Segundo Cabré & Freixa (2002), delinea-se aqui uma importante questão: a sinonímia, em terminologia, é um fator amplamente rechaçado, enquanto a polissemia é um fenómeno mais aceite. O próprio Wüster afirmava que, em terminologia, exigir a biunivocidade absoluta é uma ilusão, pois dentro de um determinado campo técnico existem muitos mais conceitos a serem nomeados do que existem raízes lexicais (WÜSTER, 1979 : 1998; p. 137).

Para Cabré & Freixa (2002), a sinonímia, no âmbito da língua comum, é considerada um dos principais mecanismos de coesão lexical, pois ela permite que evitemos repetições. Contudo, no âmbito dos textos de especialidade, ela parece ser algo problemático para a comunicação. As autoras conclamam Fedor (1995, p. 58 apud CABRÉ & FREIXA, 2002) para explicar essa questão. O autor afirma que a sinonímia é algo indesejável para a terminologia, pois pode causar ambiguidades na comunicação. Da mesma forma, segundo Cabré & Freixa, a polissemia é considerada na língua geral tanto como uma imperfeição do léxico, quanto como um recurso fundamental e indispensável.

No entanto, Cabré & Freixa (2002) afirmam que a proposta feita pela teoria clássica da terminologia, ou seja, a inexistência de sinonímia e a biunivocidade absoluta, distancia-se muito da realidade. Para os autores, isso se explica não por uma má fundamentação teórica da disciplina, mas pelo reducionismo ao qual ela foi submetida já em sua concepção, além da rígida uniformização à qual os especialistas queriam submetê-la.

Eles acreditam que a negação da sinonímia na terminologia encontra sua origem no enfoque teórico dado aos termos. Os autores afirmam ainda que a existência da sinonímia não imponha nenhum tipo de contradição para a terminologia; aliás, atualmente há um interesse crescente na análise e na investigação dessa questão, sobretudo partindo de um ponto de vista que considere a existência inerente da variação (não somente denominativa, como também conceitual) na área, considerado seu caráter comunicativo.

Cabré & Freixa (2002) citam Ullmann (1952, p. 180 apud CABRÉ & FREIXA, 2002) para definir o que vem a ser a sinonímia no âmbito da língua comum: “estado raro e precário da comunicação, só ocorrendo quando duas palavras podem substituir-se uma pela outra em todos os contextos sem provocar nenhum tipo de mudança no

enunciado”. Argumentam os autores que essa definição de Ullmann praticamente inviabiliza a existência da sinonímia, mesmo na língua geral. Por essa razão, conclamam a definição proposta por Lyons (1977, p. 202), menos prescritiva, que afirma serem duas palavras sinônimas quando elas puderem ser usadas no mesmo discurso sem alterá-lo. Os estudiosos acrescentam que, apesar de essas duas definições serem discrepantes, elas guardam certa semelhança, pois ambas baseiam-se na possibilidade de “intercâmbio de sentido” em contexto.

Segundo Cabré & Freixa (2002), a questão da sinonímia no campo da terminologia depende, quase que exclusivamente, da teoria da qual se parte. Dessa forma, para a chamada Escola de Viena, na qual o princípio da onomasiologia é considerado o fator principal em terminologia, a definição de sinonímia fica restrita à questão de identidade de conceito. Segundo os autores, quando nos debruçamos sobre a escola terminológica do Leste europeu (sob essa alcunha, eles colocam as escolas das antigas União Soviética e Tchecoslováquia), encontramos um panorama menos homogêneo, ainda que existam também nessas escolas autores muito apegados aos fatores onomasiológicos, tais quais Natanson (1993). Por outro lado, nessas escolas encontramos autores como O. S. Ahmanova (um dos autores sobre terminologia mais expressivos da União Soviética), que formula uma definição mais complexa acerca da sinonímia terminológica, pois leva em consideração o caráter conotativo e estilístico dos termos.

Os autores fazem referência ainda à Escola de Quebec e afirmam que as investigações acerca da sinonímia terminológica são mais presentes nessa escola, já que os autores que se agrupam em torno dela têm um direcionamento bem marcado em suas propostas para a normalização linguística, em que a sinonímia ocupa um lugar de destaque. As teorias do Quebec normalmente afastam-se da teoria clássica da terminologia (proposta por WÜSTER) e aproximam-se da linguística, dado que, além de se basearem na identidade do conceito, ainda analisam os diferentes usos dos aspectos de conotação. Assim, Cabré & Freixa (2002) citam três estudiosos canadenses que lhes parecem importantes: De Bessé (1974); Corbeil (1983) e Héroux (1974). Para esses três estudiosos a sinonímia existe, mas é rara, pois depende do fato de que os termos sejam intercambiáveis em todos os contextos ou que sejam usados em uma mesma situação comunicativa.

Em síntese, podemos inferir que Cabré & Freixa (2002) acreditam que a questão da sinonímia na terminologia seja bastante heterogênea, mas passível de ser observada pelo estabelecimento de alguns critérios, mínimos e máximos. De acordo com Cabré (1992, p.202), nos referimos a esses critérios mínimos e máximos como condicionantes linguísticas e pragmáticas. Dessa maneira, os autores dizem que mesmo a partir do ponto de vista estritamente linguístico, considera-se essencial para a existência da sinonímia a presença de formas distintas e de significados essencialmente iguais. Do ponto de vista mais próximo ao uso, consideram-se pertinentes fatos pragmáticos, como o intercâmbio contextual, e uma grande quantidade de aspectos que se pode chamar, segundo eles, de forma genérica e de acordo com a tradição francesa, de “conotação”.

Diante dessas proposições, podemos concluir que, para a TCT, inicialmente, não podemos falar especificamente nem de termos e nem de palavras, mas sim de unidades lexicais, as quais assumem o papel de termo quando se encontram no âmbito da comunicação especializada. Além disso, essas unidades lexicais chamadas *termos* admitem a variação, bem como as unidades lexicais da língua comum: as palavras. Por fim, essas unidades estruturam o conhecimento especializado, além de transmiti-lo. Elas são, portanto, uma marca do discurso especializado, como se verá mais profundamente a seguir.

2.2 Caracterização do texto especializado e limites entre a tradução literária e a tradução especializada

Segundo Cabré (2007b), uma das principais características do discurso especializado é a presença de termos. A autora afirma que o texto de especialidade deve apresentar densidade terminológica, posto que os termos são os veículos de comunicação dos temas de especialidade. Todavia, Cabré (2007a) discorda que essa seja a única característica apresentada pelo texto especializado. Para a autora, outros fatores também contribuem para a construção de um texto de especialidade, dentre eles fatores

sócio-discursivos, cognitivos, textuais e gramaticais. Aliás, a estudiosa nos lembra que o texto especializado é, na realidade, um discurso, e, portanto, conta, em sua essência, com a grande maioria dos fatores que formam os diferentes tipos de discurso.

Os fatores sócio-discursivos presentes no discurso especializado, para a autora catalã, seriam o emissor e o receptor, isto é, os especialistas que produzem o discurso e os interlocutores, que podem ser especialistas ou não. Os aspectos de ordem textual seriam representados pelo conjunto de regras implícitas que são indicadas para a produção de um texto especializado. Essas regras podem ser bastante restritivas e são vistas como uma maneira de se estruturar esse tipo de discurso. Por fim, temos os aspectos cognitivos do discurso especializado, os quais seriam o conjunto de ontologias e o conjunto daquilo que formaria o núcleo conceitual e até mesmo ideológico do discurso em questão e os fatores gramaticais, que seriam representados pelas construções sintáticas e os elementos morfológicos mais utilizados para a construção desse tipo de discurso.

No que tange à questão dos aspectos gramaticais e textuais que também caracterizam os textos de especialidade, Arntz & Picht (1995, p. 43) citam Hoffmann (1988) para traçar um parâmetro de distinção entre textos especializados e textos, segundo os autores, “leigos”. Hoffmann (apud ARNTZ & PICHT, 1995, p. 43), sob a ótica da *estilística funcional*, realizou estudos com textos especializados de várias línguas européias. Ele identificou uma série de características comuns a um grande número de textos especializados, sobretudo no que diz respeito às questões morfossintáticas. Por exemplo, ele notou que o verbo, nesses textos, perde a referência temporal, aparecendo, normalmente, no presente e na terceira pessoa do singular; além disso, muitas vezes o verbo é colocado na voz passiva; o substantivo é predominante; o singular é empregado mais frequentemente que o plural, e o adjetivo aparece com uma frequência relativa e, via de regra, baixa. Arntz & Picht (1995) concordam com os argumentos de Hoffmann e, em síntese, os autores dirão que a linguagem especializada não se baseia somente no vocabulário específico de determinada área do conhecimento; ela se caracteriza por uma série de outros traços, como os sintáticos e os estruturais. Por outro lado, os autores parecem entender que o discurso especializado tem em seu léxico, isto é, em sua terminologia, uma das suas partes fundamentais.

Baseada nessas diferenças ressaltadas acima, isto é, a presença ou a ausência de terminologias de especialidade, é que se tem a divisão tradicional estabelecida entre tradução técnica (ou especializada) e a tradução literária. Essa divisão pauta-se pela densidade terminológica nos textos em questão. Por volta dos anos 1990, contudo, autores como Snell-Hornby (1988) e Azenha (1996,1999) passaram a repensar e a problematizar essa divisão e, até mesmo, os preceitos vigentes acerca da tradução especializada.

Azenha (1996) diz que uma reflexão mais sistemática acerca da natureza das características da tradução técnica possa ajudar, em um primeiro momento, a esclarecer quais são os tipos de relações envolvidas nesse gênero de tradução; e, em um segundo momento, possa até mesmo transformar o *status* do qual desfrutam esses trabalhos no interior das discussões sobre tradução. Mas, para que isso aconteça, o autor afirma que é necessário abandonar a crença de que a tradução técnica seja completamente distinta da tradução literária. Nesse sentido, Azenha (1996, p. 138) argumenta:

(...) Num plano mais abstrato, parece que traduzir um manual de operação para uma máquina de emborrachamento de tecido, por exemplo, continua sendo uma atividade "menor" do que traduzir um poema. No domínio concreto do uso, porém, se é verdade que o manual dificilmente seria o livro de cabeceira de alguém, também é verdade que o poema de nada serviria ao operário no momento de trabalhar com a máquina. A aplicabilidade imediata do que se entende (ou não) a partir da leitura de um texto técnico traduzido sublinha a questão do erro de tradução, ao mesmo tempo em que chama a atenção para a responsabilidade do tradutor e para as possíveis consequências da atividade de traduzir sobre o dia-a-dia das pessoas.

Para o estudioso (AZENHA, 1996), um dos principais problemas que atinge a tradução especializada é a maneira como ela, de uma forma geral, é vista. Ele afirma que mesmo os teóricos da tradução parecem acreditar que a tradução de textos técnicos é unívoca, ou seja, que a língua de especialidade apresenta uma univocidade inexistente na língua comum, o que explicaria a diversidade linguística e a maior dificuldade de se traduzir textos literários. Segundo essa postura, a tradução dos textos técnicos seria uma operação de transcodificação que se processa a margem dos fatores culturais, isto é, um tipo de tradução que se restringiria ao plano lexical e terminológico. Dessa forma,

Azenha (1996) conclui que o resultado desse trabalho seria tanto melhor quanto fosse o conhecimento terminológico empregado pelo tradutor.

O autor argumenta, no entanto, que, se essa univocidade dos textos especializados fosse verdadeira, então deveria haver um sistema de classificação tipológica de textos capaz de estabelecer uma divisão estanque entre os textos especializados e os textos não especializados. Além disso, os próprios termos, “cunhados para abrigar conceitos” (AZENHA, 1996, p. 141), deveriam formar com os textos especializados um “amálgama indissolúvel e imune aos efeitos do tempo e do espaço, a fim de poderem resistir a uma série de condicionantes” (idem, ibidem), como os diferentes níveis de linguagem, as diferentes situações de comunicação técnica, a evolução das ciências, as defasagens tecnológicas de cada país, dentre muitas outras. Contrariamente a tudo isso, o que o autor acredita ser demonstrável pela experiência no trabalho com textos técnicos é exatamente que também esses textos são instáveis. O pesquisador (Idem, 1996, 1999) argumenta que os textos são, de maneira geral, formas híbridas, pois todos eles estão sujeitos a um número enorme de variáveis. Ele diz que até mesmo a terminologia, longe de ser algo estático, “é dinâmica e reconhece sua dificuldade em controlar a subjetividade no tratamento de seu objeto, a linguagem” (Idem, 1996, p. 141).

Na verdade, Azenha (1996) fundamenta suas afirmações nas próprias características do texto técnico expostas por Hoffman (1988), que vê esse tipo de texto como um todo funcional e estrutural, ressaltando o comprometimento desse gênero textual com a realidade extralinguística. Essa concepção apresentada por Hoffman (1988) é considerada por Azenha (1996) como sendo o ponto inicial para uma mudança de paradigma em relação à tradução especializada, pois, se consideramos as linguagens técnicas como subsistemas da língua comum, passamos a considerar igualmente importantes todos os níveis da hierarquia linguística presentes nos textos técnicos. Assim, consideraremos igualmente importantes para a tradução de textos técnicos os aspectos grafo-fonológicos, semânticos e morfossintáticos, bem como aspectos diretamente ligados à recepção de textos técnicos, ao contexto de comunicação e aos valores culturais.

Além disso, Azenha (1996, p. 142), antes mesmo de Cabré (1999), coloca em relevo o fato de que:

(...) o estudo de conceitos fundamentais das linguagens técnicas mostrou que as diferenças entre a linguagem comum e as linguagens técnicas são diferenças de grau, mas não de essência, e que, portanto, o processo de produção dos textos técnicos está sujeito a variáveis que são diferentes em grau, mas não em essência, das que influenciam a produção e a recepção de qualquer tipo de texto

Segundo o professor (AZENHA, 1999), a questão da interculturalidade existente na tradução de textos técnicos é um dos temas mais complexos dentro do domínio da tradução. Para dar conta dessa questão faz-se necessário um estudo integrado da tradução, termo sugerido por Snell-Hornby (1988), ou seja, um estudo que seja o mais interdisciplinar possível. Contudo, tanto para ele, quanto para a autora alemã, o estudo integrado acerca da tradução reside num paradoxo: “sua especificidade é sua multiplicidade de aspectos” (Idem, 1999, p. 17), ou seja, é preciso primeiramente reconhecer e aceitar a existência da diversidade para em seguida determinar os objetivos do trabalho (para que se possa fundamentá-lo conceitual e metodologicamente). Conforme o próprio autor: “Por envolver aspectos os mais diversos em sua complexidade, o processo de tradução (...) requer do pesquisador um trânsito constante por áreas afins e uma reflexão sobre o que selecionar de cada área por onde transita” (Idem, 1999, p. 18).

Ainda para Azenha (1999), outro problema que pode envolver as questões tradutológicas é considerar que a tradução se dá apenas entre códigos. Para ele, é necessário que se reflita acerca da tradução considerando-a como um processo complexo e multifacetado, bem como vimos anteriormente em relação à tradução do discurso não especializado. O autor afirma que, ao analisar o processo tradutório, notamos que suas variáveis provêm de diversas ordens: estão presentes nos códigos linguísticos (e não linguísticos) utilizados; bem como na figura do tradutor que possui “suas variáveis” enquanto indivíduo – sua história, suas experiências, os seus traços e características psicológicas, entre outros; apresentam-se também na situação de recepção do texto a ser traduzido e também estão na situação de produção da própria tradução. Essas variáveis figuram ainda na eventual intermediação de terceiros, como os agentes literários, as editoras, as agências publicitárias, etc.) e no grau de interferência dos profissionais responsáveis pela revisão e preparação da versão final do texto. Dessa forma, o autor conclui que todas essas variáveis ligam-se a uma realidade

histórico-cultural por normas sociais e linguísticas, e que elas estão sujeitas a mudanças de acordo com as diferentes comunidades, em diferentes momentos históricos.

Ao deparar-nos com essas reflexões de Azenha (1996, 1999) e ao repensar a questão da divisão um pouco artificial entre textos especializados e não especializados, mais especificamente os literários, Zavaglia & Nascimento (2009) afirmam que durante muito tempo acreditou-se possível estabelecer uma separação precisa diante dos diferentes tipos de tradução, uma vez que, segundo as autoras, acreditava-se que a tradução especializada, a tradução literária, a tradução jornalística e a tradução de quadrinhos, por exemplo, representavam práticas distintas, as quais guardavam muito pouco ou quase nada em comum. Entretanto, as estudiosas afirmam que, já há algum tempo, esse pensamento perdeu a sua força, uma vez que para alguns estudiosos da tradução existem mais coincidências entre as práticas supracitadas do que dassemelhanças. Até mesmo as terminologias, que durante muito tempo foram consideradas um dos principais elementos de diferenciação entre as práticas tradutórias, atualmente é vista como um elemento em comum entre elas, podendo figurar tanto nos textos literários quanto nos textos especializados, específicos de determinadas áreas do conhecimento humano.

No entanto, de acordo com Zavaglia & Nascimento (2009), sabemos que, embora não possamos realizar uma demarcação absolutamente precisa do que separa os dois tipos de tradução, podemos localizar elementos mais comuns, isto é, características mais comumente encontradas em um ou em outro tipo de trabalho tradutório, afinal, o discurso e o modelo textual de um artigo de especialidade possui algumas características próprias, enquanto a literatura conta também com algumas particularidades.

Para as autoras, as fronteiras existentes e anteriormente estabelecidas por uma grande quantidade de estudiosos da tradução acerca da separação veemente entre tradução especializada e tradução literária já não podem mais ser traçadas de forma pragmática, uma vez que não contamos com elementos que assegurem essa distinção de maneira clara e explícita no âmbito tradutológico. Suas diferenças efetivas parecem ser provenientes de suas características textuais específicas. Elas dizem que, embora normalmente os textos especializados possuam uma densidade terminológica maior do que a apresentada por textos não especializados e literários, os termos figuram também nessas outras modalidades com certa frequência, pois podem ser utilizados tanto para

dar maior credibilidade e coerência a eles, quanto para, efetivamente, comunicar um saber técnico. Assim, exemplificam dizendo que quando um indivíduo lê matérias e reportagens nos jornais acerca da evolução na busca da cura de uma determinada doença, é esperado que ele se depare com uma grande quantidade de termos médicos, e o emprego desses termos levará aos seus leitores um conhecimento especializado que o fará compreender essa porção de saber técnico. Na realidade, sem essa informação, provavelmente, a matéria do jornal perderia o sentido. As pesquisadoras reiteram que o mesmo pode ocorrer na literatura. Em um romance policial, por exemplo, é comum notarmos a presença da terminologia médica (no caso de um assassinato) ou jurídico-penal, diante da resolução de uma série de crimes (cf. ZAVAGLIA & NASCIMENTO, 2009).

Dessa maneira, percebemos que as terminologias estão presentes no âmbito literário e que, portanto, elas não devem ser encaradas como os elementos de separação entre texto de especialidade e texto literário. Além disso, como será demonstrado na próxima seção, os termos estarão presentes em obras literárias sempre que elas englobarem algum âmbito do conhecimento especializado, como é o caso das obras de José Lins do Rego que apresentam termos referentes ao ciclo do açúcar, ou como se pode notar por meio dessa pesquisa, a qual visa tratar, exatamente, dessa presença das terminologias de especialidade no texto literário.

2.3 As terminologias no texto literário

O estudo da presença de terminologias de especialidade no âmbito literário pode ser considerada um tema, dentro da terminologia, relativamente novo.

Alves (1981), ao estudar as formações lexicais na obra de José Lins do Rego, nota que na literatura do autor a terminologia referente ao ciclo do açúcar (como denominado por COUTINHO, 1971) aparece com frequência. Desse modo, as suas

obras contam com a forte presença de terminologias ligadas à produção da cana-de-açúcar. A autora também estuda as produções literárias de Jorge Amado, que abrigam com certa assiduidade termos provenientes do cultivo e da cultura do cacau (ALVES, 1982). Alves (1981, 1982) argumenta que esses termos, por ela classificados como “culturais”, exigem por parte do leitor um determinado conhecimento especializado sobre esse tema específico para que ele possa compreender adequadamente alguns trechos da obra. Nesse sentido, concluímos que para a autora o caráter de especialidade do termo (da transmissão de um conhecimento especializado) se mantém ainda que esse termo esteja empregado no âmbito literário. Em outras palavras, para ela não é o contexto que determinará se a unidade lexical em questão é um termo ou uma palavra, pois mesmo em discursos não especializados os termos figurarão como uma unidade de divulgação de um conhecimento especializado.

Segundo Cazés (2002) a tradução de unidades lexicais terminológicas presentes em textos literários impõe determinados problemas que devem ser analisados individualmente. Para ela, existem casos nos quais o texto literário utiliza-se dos termos com um propósito específico e então é necessário encontrar os seus equivalentes exatos. Dessa forma, seria necessário solucionar algumas questões como o grau de especialização do termo num ambiente literário. Por outro lado, para Cazés (2002), existem algumas situações nas quais os termos são empregados em textos literários, mas, nessas situações, eles figurariam com um propósito mais relacionado à verossimilhança textual e, assim, o tradutor deveria decidir qual seria o equivalente mais apropriado, não sendo necessária a busca por um equivalente exato. De toda forma, contrariamente à visão apresentada por Alves (1981,1982), Cazés (2002) parece acreditar que os termos, quando em ambiente literário, perdem o seu caráter de especialidade e passam a pertencer à língua geral. No que concerne a esta pesquisa, esses exemplos de utilização de termos por questões de verossimilhança, citados por Cazés (2002), nos parecem distantes do que verificamos. Nas obras que estudamos, pudemos perceber que os termos foram utilizados na intenção de comunicar, verdadeiramente, uma parte de um conhecimento específico (Cf. capítulo 5) e, nesse sentido, concordamos com Alves (1981, 1982) quando a autora afirma que os termos são sempre unidades lexicais que transmitem saberes especializados relacionados a uma determinada área do conhecimento humano, ainda que empregados em contextos que nada possuem de técnicos.

Já Barbosa (2006), por sua vez, apresenta ainda uma terceira visão a esse respeito. Segundo a autora, nenhuma forma textual é homogênea. Para a pesquisadora, conforme já citado no início deste capítulo, as unidades lexicais são pluriformes e, então, “multifuncionais”. Sendo assim, o que irá determinar a função de uma determinada unidade lexical será exatamente o discurso no qual ela encontra-se inserida. Em síntese, podemos dizer que, para Barbosa, da mesma maneira que as unidades lexicais são pluriformes, os discursos também são pluridiscursivos, ou seja, podemos encontrar trechos de discursos especializados dentro de textos literários ou, até mesmo, um discurso literário inserido em um trecho de um texto de especialidade.

Ao considerarmos os aspectos citados pelos autores acima, pensamos que as terminologias estarão sempre presentes em textos que apresentarem relações de proximidade com os âmbitos especializados. De acordo com Zavaglia & Nascimento (2009), as terminologias não aparecem apenas nos textos de especialidade e estão presentes também em obras literárias. Dessa maneira, o tradutor literário, tal qual o especializado, encontrará questões de ordem terminológica em seu trabalho. Como já discutimos, tal realidade aproxima de algum modo a tradução especializada da tradução literária e as competências exigidas do tradutor de textos especializados daquelas do tradutor literário, uma vez que a literatura é uma área que envolve muitas outras, estabelecendo relações dialógicas com diversos campos do conhecimento humano. Como notou García Yebra (2005, p. 24 - 25), “parece, pois, evidente que também os tradutores literários têm que documentar-se para compreender a infinidade de temas que podem aparecer nos textos que vão traduzir”.

Na realidade, da mesma maneira que a terminologia se faz presente nos contextos literários e especializados, ela também poderá ser encontrada na comunicação cotidiana, como em jornais e em revistas, que são meios de comunicação de massa, assim como em quadrinhos. Em suma, como havíamos pensado no início dessa pesquisa, podemos dizer que, muitas vezes, para construir sua coerência interna, a literatura deverá valer-se de termos, uma vez que o pensamento e o conhecimento de determinadas áreas somente podem ser expressos por meio de sua utilização. Contudo, o que concluímos ao longo desse estudo é que as terminologias, via de regra, visarão a transmissão de um conhecimento, de fato, específico de uma área do conhecimento, mesmo quando figuram em discursos não especializados. Por outro lado, quando empregada em um discurso não-especializado, essa terminologia terá de contar com a

curiosidade e o interesse de seu público leitor para que efetivamente comunique esse saber em questão. Ora, o autor e/ou o tradutor podem despertar essa curiosidade facilitando o acesso do leitor aos significados dos termos empregados na obra, realizando um glossário ou explicando os termos empregados no texto em notas de rodapé. Ainda assim, claro está que o conhecimento técnico contido nessa terminologia apenas atingirá seu objetivo se o leitor tiver a preocupação de checar o significado dessa terminologia empregada na obra.

3. Vida e obra dos autores

3.1 Camus: vida e obra

Segundo Barreto (19-- , p.9), a geração de escritores que vivenciaram a “recuperação moral, política, social e econômica da Europa” no pós-guerra pode ser chamada de geração deserdada, posto que essa geração não compõe uma escola literária propriamente dita (já chamada anteriormente de “literatura do desespero”, de acordo com o autor) e nem mesmo uma escola filosófica efetivamente. Para ele, essa geração teria passado por muitos fatos históricos capitais, como a primeira guerra mundial, a depressão econômica americana de 1929, a guerra civil espanhola, a destruição da democracia com Hitler na Alemanha e os massacres de povos inteiros, como foi o caso dos poloneses e dos judeus durante a segunda grande guerra.

Barreto (19--) afirma que essa realidade que se apresenta durante a primeira metade do século XX é completamente contrária àquela correspondente ao final do século XIX, o que ocasionará mudanças estéticas e literárias. Assim, as vanguardas européias do início do século XX seriam uma “resposta” aos ideais românticos de Verdade, Beleza, Liberdade, Natureza e Pureza, descabidos nessa nova realidade. O ápice dessa ruptura de ideais e valores, para o autor, seria o surrealismo que segundo ele (BARRETO, 19--, p.11):

(...) terminou por levar o pensamento para uma forma aguda de alienação. A negação de tudo tornou-se um fim em si mesmo, exaurindo assim toda a capacidade de revolta. Os intelectuais saíram da torre de marfim do romantismo para outra, que os elevava acima da dura, incômoda e incompreensível realidade.

Para ele, a revolta que encontramos nessa literatura possui fundamentalmente três características: (i) a eliminação das diferenças existentes entre o bem e o mal, o certo e o errado, “a vida humana é fundamentalmente incoerente, ilógica, confusa”. Por isso, os personagens dessas obras situadas nesse período “vivem dentro da ambiguidade moral que os obriga a tomar posições condenadas pela moral tradicional”. (ii) A fidelidade aos fatos, isto é, a literatura deve veicular a vida real e concreta do homem,

inclusive com todo o seu absurdo. E, por fim, (iii) a ênfase na responsabilidade humana, muito presente na obra de Camus (BARRETO, 19-- , p.12) .

Camus nasceu em sete de dezembro de 1913 em Manclovi, na Argélia. Filho de um agricultor morto durante a primeira guerra mundial e de uma argelina, o escritor foi criado pela mãe no bairro de Belcourt, em Argel, em um ambiente desfavorecido economicamente. Para Barreto (19-- , p. 14) “essa vida difícil e pobre o fez descobrir que o absurdo da existência somente poderia ser vencido por uma consciência lúcida e sem preconceitos”.

Enquanto frequentava a escola primária, Camus chamou a atenção de um dos seus professores que lhe conseguiu uma bolsa de estudos no Ginásio de Argel. Nessa mesma época, ele realiza suas primeiras leituras e descobre duas grandes paixões: o teatro e o futebol. Após o encontro com o professor Jean Grenier, no ginásio, Camus começa a escrever os seus primeiros artigos, publicados na revista *Sur*. A influência do professor em sua vida é decisiva tanto para que o futuro escritor descubra a sua vocação e talento, como também para que ele se decida pelo tipo de ideologia que iria abordar em suas obras. Como agradecimento ao mestre, Camus dedicou dois livros a ele: *L'Envers et l'endroit* (1937)² (seu primeiro livro) e *L'homme révolté* (1951)³.

Com a ascensão do totalitarismo tanto na Alemanha, quanto na Itália, Camus entra para a militância antifascista e se envolve no Partido Comunista. Mais tarde, ainda engajado no partido, ele funda o *Théâtre du Travail*, projeto que visava elevar o nível cultural do povo. Após anos de engajamento, Camus rompe com o Partido Comunista e, consequentemente, o projeto do *Théâtre du Travail* é desfeito. Seus primeiros contatos com Sartre, que se tornará um grande amigo, datam dessa época, pois Sartre havia publicado o seu romance *La Nausée* (1938)⁴, e Camus escreve uma crítica sobre essa obra. Apesar da amizade que nascerá posteriormente entre os dois pensadores, desde o início da sua relação já podemos identificar uma diferença importante existente entre as filosofias desenvolvidas pelos dois:

O maior erro do romance de Sartre consistiria em tratar a vida como uma experiência trágica por ser miserável. Camus acredita que a tragédia da vida reside no fato de poder ser inquieta e magnífica. A beleza, o amor e o perigo, constituem para ele elementos

² CAMUS, Albert. *L'envers et le droit*. Paris : Gallimard, 1937.

³ _____. *L'homme révolté*. Paris : Gallimard, 1951.

⁴ SARTRE, Jean Paul. *La Nausée*. Paris : Gallimard, 1938.

insubstituíveis na vida da pessoa humana. O herói de Sartre fundamenta sua angústia naquilo que o repugna no homem. Para Camus, devemos desesperar em virtude do homem possuir certas grandezas e não por causa das suas baixezas. A diferença da filosofia de vida sartriana e camusiana reside no fato de que o absurdo para a primeira é o estado vital ‘par excellence’, enquanto para a segunda é uma constatação que permite ao homem começar a viver. (BARRETO, 19--., p. 18)

Após o início da segunda guerra mundial, Camus muda-se para a França, mais precisamente para Paris. Nessa cidade, recém chegado, Camus, ainda não adaptado e sentindo-se um *étrangeiro* (grifo nosso), confessa em seu *carnet* (apud GRENIER, 1987, p. 97, tradução nossa):

O que significa esse despertar repentino – nesse quarto obscuro – com os barulhos de uma cidade repentinamente estrangeira? E tudo me é estrangeiro, tudo, sem um único ser [que seja] meu, sem um lugar onde conter essa ferida. O que faço eu aqui, a que rimam esses gestos, esses sorrisos? Eu não[sou] daqui – também não sou de outro lugar. E o mundo não é mais que uma paisagem desconhecida onde meu coração não encontra mais apoio. Estrangeiro, quem pode saber o que essa palavra quer dizer.⁵

Podemos pensar que essa sensação vivenciada pelo próprio autor nutrirá, um pouco mais tarde, a criação do personagem *Meursault* e, finalmente, a escritura da obra *L'Étranger* (1942)⁶.

Uma vez instalado em Paris, Camus passa a trabalhar no jornal *Paris-soir*, contudo após a invasão nazista, ele refugia-se em Clermont. Durante o período da guerra, Camus teve um papel importante na resistência francesa, sobretudo como jornalista quando se torna um dos dirigentes do jornal *Combat*. Em Clermont, ele termina de escrever o romance *L'Étranger* (1942) e escreve também *Le Mythe de Sisiphe* (1942)⁷.

O fim da segunda guerra mundial obriga os intelectuais a se reunirem para tentar uma reconstrução do continente europeu, nesse caso, da França. De maneira geral, a

⁵ Que signifie ce réveil soudain – dans cette chambre obscure – avec les bruits d’une ville tout d’un coup étrangère ? Et tout m’est étranger, tout, sans un être à moi, sans un lieu où refermer cette plaie. Que fais-je ici, à quoi riment ces gestes, ces sourires ? Je ne suis pas d’ici – pas d’ailleurs non plus. Et le monde n’est plus qu’un paysage inconnu où mon cœur ne trouve plus d’appuis. Étranger, qui peut savoir ce que ce mot veut dire .

⁶ CAMUS, Albert. *L'Étranger*. Paris : Gallimard, 1942.

⁷ _____. *Le mythe de Sisiphe*. Paris : Gallimard, 1942.

questão que norteava a intelectualidade francesa na época era o fato de desenvolver e cultivar os valores democráticos, que haviam sido extintos durante os regimes totalitários. Nesse momento, o jornal *Combat* fez-se bastante importante, pois se tratava de uma imprensa que, mesmo em tempos de paz, lembrava a população dos motivos que justificavam a resistência nos tempos de guerra, por seu caráter questionador e atento às questões em efervescência na época. No entanto, com o passar dos anos o *Combat* será extinto, o que, na verdade, para Camus irá significar uma maior liberdade de ação, já que não havia mais a necessidade de comparecer a compromissos políticos e assim, ele possuiria mais tempo livre para escrever, apesar de que ele não se afastará do engajamento político.

Logo após o desmembramento do *Combat*, Camus publica o livro *La Peste* (1947), que recebe uma crítica bastante favorável e no final de 1948, sua peça *L'état de siège* é encenada no teatro Marigny e é um fracasso de bilheteria.

Em 1951, Camus publica o livro *L'homme révolté* (1951), que o reinsere no debate político e que será o motivo da desavença e do rompimento entre o autor e Sartre, após uma longa e intensa amizade. Na época, Sartre era diretor da revista *Les Temps Modernes*, a qual criticou veementemente a obra de Camus, pois este assumia face ao comunismo uma posição diferente daquela esperada por esse grupo de intelectuais “dirigidos” por Sartre:

Sartre e seus amigos mantinham-se numa posição de ‘colaboração crítica’ com o stalinismo; Camus considerava que toda colaboração crítica com o stalinismo era impossível. A ‘colaboração crítica’ de Sartre e do grupo de ‘Temps Modernes’ com a URSS era feita tendo como base a aceitação da unidade do bloco soviético, considerada uma necessidade da estratégia revolucionária. Para Sartre o mais importante era a derrota da burguesia e a vitória final do proletariado. (...) Qualquer crítica ou restrição à política soviética seria em última análise um serviço à burguesia ocidental. (...) Camus não aceitava esse álibi. Não podia, em nome de princípios abstratos, esquecer como concretamente esses princípios estavam sendo traídos pelo país que se dizia seu defensor. (BARRETO, 19--., p. 23-24).

Entre 1955 e 1960, Camus engaja-se na defesa da causa argelina e, por isso, volta à imprensa. Então ele publica o livro *La chute* (1956)⁸ e realiza a tradução e adaptação do romance de Faulkner, *Requiem para uma freira*⁹. Em 1957 publica os

⁸ CAMUS, Albert. *La Chute*. Paris : Gallimard, 1956.

⁹ _____. *Requiem para uma freira*. Paris : Universitaires, 1956.

contos reunidos sob o título de *L'Exil et le royaume*¹⁰ e apenas dois meses depois, ele publica *Reflexions sur la guillotine*¹¹. Em 1957, ele ganha o prêmio Nobel de Literatura e em 1958 começa a escrever o que seria sua próxima obra, o romance inacabado *Le premier homme*¹².

Em quatro de janeiro de 1960, ao voltar de Paris, Camus sofre um acidente de carro e morre.

Na década 1930, quando o autor ainda estava vivo, a literatura francesa tinha como uma de suas principais expressões o absurdo, conforme já citamos acima. Escritores desse período, tais como Sartre, Malraux e Camus, construíram suas obras em torno dessa estética. Para Malraux (apud BARRETO, 19-- , p. 43): “existe no coração do mundo ocidental um conflito sem esperança... ele ensina à consciência como desaparecer e nos prepara para os reinos metálicos do absurdo”. Nesse sentido, o absurdo seria a conclusão a qual chegamos quando pensamos que encontraremos no mundo a ordem e a razão, no entanto encontramos tão somente a desordem e a irracionalidade. Para Barreto (19-- , p. 44), Camus, Sartre e Malraux expressavam o absurdo de maneiras distintas, todavia essas diferenças não minam a sua importância. Dessa forma, devemos considerar o que os franceses chamavam de “l’absurde” em sua definição mais generalizada, dada por Barreto como: “o absurdo é a constatação da aparente irredutibilidade do mundo às categorias racionais”.

Barreto afirma que a obra de Camus pode ser considerada um pensar prático sobre a existência. Na verdade, o conceito de absurdo não é em si mesmo, ele tratar-se-ia do confronto entre a existência e a inteligência individual. O autor afirma ainda que não devemos ver o absurdo como uma noção universal, mas como uma relação pessoal. Ele nos informa que o próprio Camus teria definido o absurdo como “o confronto da irracionalidade do mundo com o desejo de clareza e racionalidade que se encontra no homem” (BARRETO, 19-- , p. 47). Assim, o absurdo dependeria tanto do mundo quanto do homem, uma vez que ele se cria a partir da relação entre a inteligência do homem deparando-se com o desregramento do mundo.

Barreto (19--) nos explica que o homem dito normal, o homem médio, vive sua vida sem dar-se conta do porquê. Porém, um dia, de maneira inesperada esse homem

¹⁰ CAMUS, Albert. *L'exil et le royaume*. Paris : Gallimard, 1957.

¹¹ _____. *Reflexions sur la guillotine*. Paris : Gallimard, 1957.

¹² _____. *Le Premier Homme*. Paris : Gallimard, 1994.

começa a tentar entender sua razão de viver e, exatamente, quando ele começa a buscar as respostas das suas perguntas em relação ao mundo e à vida, ele percebe que a lógica, nesse mundo, inexistente. Dessa maneira, ele não consegue mais ignorar o fato de que o mundo é estranho e, sobretudo, o fato de que nossa vida parece inútil. Dessa forma: “o desumano aparece da forma mais inesperada. Todos esses sentimentos são sintomas do absurdo. É o absurdo sentido em formas diversas, mas transmitindo ao homem o mesmo sentimento de exílio e alienação” (BARRETO, 19-- , p. 48). Na teoria do absurdo de Camus, quando o homem percebe e aceita o absurdo do mundo e de tudo que o cerca, ele deve viver essa situação conscientemente. Essa percepção coloca o homem frente a um dilema: a vida; a beleza, a felicidade, a verdade; e a precariedade de todos esses aspectos. Portanto, ao homem restam duas soluções possíveis a esse dilema: a fé ou o suicídio – este último podendo ser o físico, pois destruindo seu próprio ser o homem não sentirá mais os efeitos do absurdo, ou o suicídio filosófico, isto é, o homem continua a viver, mas afasta-se desse “esclarecimento” e torna o absurdo algo imperceptível, uma vez que se aliena do mundo. Em realidade, a experiência do absurdo provoca no homem fundamentalmente três sentimentos: revolta, liberdade e paixão. Em suma, aquilo que inicialmente acreditava-se ser um convite à morte, passa a ser um “apelo” a uma vida consciente e intensa.

O absurdo de Camus tornar-se-á, com *L’homme révolté* (1951), um sentimento de revolta, como citado acima, um dos desdobramentos possíveis para a percepção do absurdo. Barreto (19--), no entanto, destaca que esse sentimento de revolta, na obra do autor argelino, nada tem a ver com um sentimento revolucionário. Trata-se da descoberta da existência de outras pessoas e de outras possibilidades. O homem revoltado se permite dizer “não”, pois está cansado de cumprir com obrigações que muitas vezes não compreende. Desse modo, a revolta será um privilégio dos homens esclarecidos e conscientes. De acordo com Barreto, na obra de Camus existem dois tipos de revolta: a metafísica e a histórica. A primeira dá-se quando o homem volta-se contra a sua própria existência, contra a sua condição, já a segunda ocorre quando o homem revolta-se contra um aspecto preciso de sua vida. Em sua obra, Camus privilegiará a revolta histórica, inclusive traçando um panorama dela em sua obra *L’homme Révolté* (1951).

De acordo com Barreto, diante de tudo isso poderíamos pensar que Camus é um pessimista e que sua obra disseminaria esse sentimento. Porém, para o autor brasileiro dizer isso representaria, em última análise, uma fuga do que o próprio escritor francês

afirmava, pois em uma entrevista concedida em 1951, Camus declarou que: “quando procur[ava] descobrir aquilo que [nele] [era] fundamental sempre encontr[ava] o gosto pela felicidade... No centro de [sua] obra existe um sol invisível”. Assim, Barreto afirma que o pessimismo de Camus é sempre acompanhado da presença mediterrânea. O autor argelino não se deixa prender no escuro do pessimismo de alguns escritores, como os representantes dos países nórdicos. Nas palavras de Barreto: “a vida ao ar livre, com sol forte queimando, é uma realidade, tanto quanto as limitações humanas, que terminam sendo a causa do pessimismo.” (BARRETO, 19-- , p. 30).

De acordo com Barthes (1970, p. 61), o romance *L'Étranger* (1942) de Albert Camus apresenta ao mundo uma nova estética, como já dito, a do absurdo. O romance conta a história de um homem privado de seus álibis, destinado a uma solidão que ele mesmo desconhecia, até que, de forma trágica, toma consciência dela e percebe a sua “solidariedade com um mundo que ele não compreende”.

Segundo Grenier (1970) a narrativa de Camus poderia ser explicada da seguinte maneira : um homem vai assistir ao enterro de sua mãe sem expressar o menor sofrimento em relação a isso. Em seguida, ele mata um homem sem querer, sem ao menos compreender por qual razão teve essa atitude e, por fim, quase que sem dar-se conta, ele é preso, julgado e condenado a morte. O crítico literário ressalta que todos esses eventos são narrados com uma linguagem seca, de períodos breves e sem cores, posto que a narrativa quase não emprega adjetivos e tem um ritmo constante. Esse homem, Meursault, será julgado pela sociedade (a opinião pública, o diretor do asilo onde sua mãe morava, os júris, os guardas da prisão, o juiz de instrução, etc.), a qual, aos olhos do leitor, vai tornando-se lentamente uma “vilã”, pois é justamente essa sociedade que julga e condena o protagonista, mais pelo seu comportamento, que pelo seu crime. O leitor, à medida que avança sua leitura, pensa ser um ato de crueldade a condenação de Meursault. Nas palavras do próprio Barthes:

O leitor sente que é odioso prender um homem jovem e ardente em um cômodo onde ocupam-no de uma tarefa estúpida ; de forçá-lo a colocar em um hospital uma mãe muito pobre que ele não pode continuar a alimentar e a cuidar, de fazê-lo esconder a alegria experimentada por ele ao amar uma mulher, depois do do enterro de sua mãe ; de aprisioná-lo por ter atirado em um homem sem o ter querido ; de exortá-lo a ter

confiança em um Deus no qual ele não tem nenhuma razão para acreditar.(BARTHES, 1970, p.37, tradução nossa).¹³

Assim, o leitor ao final do livro perdoa a falta de normalidade de Meursault, pois compreende que ele era um sujeito que não cumpria com as regras sociais e, por essa razão, essa sociedade o teme e o condena.

Grenier afirma ainda que não se trata do fato de que Meursault torne-se simpático aos olhos do leitor, pois efetivamente esse personagem apresenta um cinismo e um escárnio repugnantes, em sua opinião. Por outro lado, a condenação de Meursault por essa sociedade parece evidenciar os valores deturpados e a desordem que as rege. A nosso ver, o fato de Meursault ser julgado e condenado à morte, muito mais pelo fato de não ter chorado no enterro de sua mãe que pelo fato de ter matado um homem, exemplifica o absurdo da existência humana. Na condenação do personagem central do romance de Camus, notamos que não podemos controlar nosso destino e instaura-se também a sensação de “julgamento”, inclusive transmitida pelo discurso do próprio protagonista do romance, desde o princípio da obra. Notamos essa questão da culpa e do julgamento já na primeira parte do livro, quando Meursault comunica a seu patrão que sua mãe havia morrido e que ele deveria ir ao enterro, “abstendo-se do trabalho: “Pedi dois dias de recesso ao meu patrão e ele não podia me recusá-los com uma desculpa como essa. Mas ele não parecia contente. Eu até lhe disse: ‘não é culpa minha’”(CAMUS, 1942, p. 7, tradução nossa).¹⁴

Ou na ocasião do enterro de sua mãe, quando ele a velava e os amigos dela o observam de uma maneira que ele acredita portar certa desconfiança:

Uma vez que eles sentaram-se, a maior parte deles me olhou e balançaram a cabeça com desaprovação, os lábios comidos por suas bocas desdentadas sem que eu pudesse saber

¹³ Le lecteur sent qu’il est odieux d’enfermer un homme jeune et ardent dans un bureau où on l’occupe d’un besogne stupide ; de le forcer à mettre à l’hôpital une mère trop pauvre qu’il ne peut pas continuer à nourrir et à soigner, de le contraindre à cacher la joie qu’il éprouve à aimer une femme, après l’enterrement de sa mère ; de l’emprisonner pour avoir tiré sur un homme sans l’avoir voulu ; de l’exhorter à avoir confiance en un Dieu auquel il n’a aucune raison de croire.

¹⁴ J’ai demandé deux jours de Congé à mon patron et il ne pouvait pas me les refuser avec une excuse pareille. Mais il n’avait pas l’air content. Je lui ai même dit: ‘Ce n’est pas de ma faute. (CAMUS, 1942, p. 7).

si eles me saudavam ou se tratava-se de um tic. Eu acredito que eles me saudavam. Foi nesse momento que eu percebi que eles estavam todos sentados de frente para mim, acenando com a cabeça em torno do zelador. Tive por um momento a impressão ridícula de que eles estavam ali para me julgar. (Idem, 1942, p. 14).¹⁵

Pensamos que, em certa medida, a condenação contundente que a sociedade de maneira geral dá ao Meursault acaba por redimir o personagem de sua frieza, da crueza com a qual ele trata a vida. Além disso, de certa forma, nos identificamos com Meursault, posto que todos nós vivemos em um mundo absurdo, o qual nos apresenta uma lógica fugidia, que nos escapa frequentemente.

Para Barthes, o personagem central do romance simboliza o homem médio em sua existência medíocre, que serve a todos os padrões sociais sem questioná-los ou indagá-los. Contudo, esse personagem demonstra em relação aos valores sociais impostos uma passividade que de tão extremada, pode ser classificada como indiferença. Nas palavras de Barthes (1970) “todo esse gestuário da passividade, Meursault o assume em um tipo de estado segundo que é esse de uma indiferença fundamental às razões do mundo” (p. 61, grifo do autor)¹⁶. O escritor francês afirma que a essa revolta do personagem, a essa insubordinação social, o mundo reagirá. “Meursault será combatido pela sociedade que o condena pela sua alteridade. Ele será rejeitado por esse mundo que não suporta o diferente, que só se aceita entre iguais e que responde com horror ao olhar estrangeiro” (BARRETO, 19--., p. 62).

Como já observado por outros autores, como Sarraute e Sartre, Barthes aponta em seu artigo a importância do sol na presente obra de Camus e do personagem Meursault, bem como para a obra *L'Étranger* (1942). Ele ressalta que nos três principais acontecimentos da primeira parte do livro, o enterro, a praia com Marie e o assassinato do árabe, o sol estava presente. Sartre (1970) já havia pontuado a relação de Meursault com o clima mediterrâneo e, de fato, notamos no livro uma forte presença da luz, do sol, da praia e do verão. A noite quase que não é citada nesse romance, pois quando o narrador faz referência a ela é apenas para marcar que o dia havia acabado. Por outro

¹⁵ Lorsqu'ils se sont assis, la plupart m'ont regardé et ont hoché la tête avec gêne, les lèvres toutes mangées par leur bouche sans dents sans que je puisse savoir s'ils me saluaient ou s'il s'agissait d'un tic. Je crois plutôt qu'ils me saluaient. C'est à ce moment là que je me suis aperçu qu'ils étaient tous assis en face de moi à dodeliner de la tête, autour du concierge. J'ai eu un moment l'impression ridicule qu'ils étaient là pour me juger. (Idem, 1942, p. 14).

¹⁶ tout ce gestuaire de la passivité, Meursault l'assume dans une sorte d'état second, qui est celui d'une indifférence fondamentale aux *raisons* du monde. (p. 61, grifo do autor).

lado, o sol e tudo aquilo que se liga a ele ocupa um lugar de destaque na narrativa, sendo, inclusive, citado pelo personagem central como uma das justificativas para o assassinato que ele comete na praia.

Para Sartre (1970), o absurdo da vida humana é demonstrado no romance de maneira discreta, sem o uso de “máximas pessimistas” (tradução nossa, p. 41). O narrador da obra, personagem principal, descreve sua rotina de maneira bastante regular e que incute no leitor a impressão de que Meursault subsistia durante a semana, pois encontrava o prazer, de fato, nos finais de semana quando ia ao cinema, à praia, encontrar Marie e etc. Essa existência passa sem preocupações e sem sequer a consciência dessa insatisfação. Contudo, no momento em que Meursault atira no árabe e o mata, segundo Sartre: “nós acedemos a uma lucidez sem esperança”¹⁷ (1970, p. 42, tradução nossa), o que inclusive podemos perceber pelas palavras do próprio narrador ao descrever o momento em que ele atira no Árabe:

J’ai compris que j’avais détruit l’équilibre du jour, le silence exceptionnel d’une plage où j’avais été heureux. Alors, j’ai tiré encore quatre fois sur un corps inerte où les balles s’enfonçaient sans qu’il y parût. Et c’était comme quatre coups brefs que je frappais sur la porte du malheur. (CAMUS, 1942, p. 64).

Sartre (1970, p. 43, tradução nossa) descreve ainda o protagonista do romance *L’Étranger* (1942), M. Meursault, como:

Um inocente no sentido do termo, um idiota também se quiserem. E dessa vez nós compreendemos plenamente o título do romance de Camus. O estrangeiro que ele quer pintar ‘justamente um desses terríveis inocentes que fazem o escândalo de uma sociedade porque eles não aceitam as regras de seu jogo. Ele vive em meio a estrangeiros, mas para eles ele também é um estrangeiro. É por isso que alguns o amam, como Maria, sua amante, que se apegam a ele ‘porque ele é bizarro’; e outros o detestam por causa disso, como essa multidão de jurados dos quais ele sente a raiva chegando a ele. E nós mesmo, que ao abrirmos o livro não estamos ainda familiarizados com o sentimento do absurdo, em vão procuraremos julgá-lo segundo nossas normas habituais: para nós também ele é um estrangeiro.¹⁸

¹⁷ nous accédons à une lucidité sans espoir. (1970, p. 42).

¹⁸ Un innocent dans le sens du terme, un ‘Idiot’ aussi si vous voulez. Et cette fois nous comprenons pleinement le titre du roman de Camus. L’étranger qu’il veut peindre, c’est justement un de ces terribles innocents qui font le scandale d’une société parce qu’ils

Grenier (1987) parece concordar com Sartre (1970) nesse sentido, uma vez que afirma que Meursault é um estrangeiro para si e para os outros, pois se recusa a “jogar o jogo” da vida social. Segundo Grenier (1987), essa recusa consiste no fato de que o personagem não aceita mentir e, assim, Grenier explica que mentir não pode ser considerado apenas dizer o que não existe ou não aconteceu, mas também dizer mais do que é a realidade ou mais do que foi sentido e vivenciado. Ora, apesar de a mentira ser algo condenável em nossa sociedade, algo que ensinamos nossos filhos e nossas crianças a não realizarem, existe um tipo de mentira, a mentira social, que é muito apreciada por todos nós. No entanto, Meursault não mente nunca, ele não aumenta os seus sentimentos, não os mascara e nem os “enfeita”. Ele diz a verdade, ele vai ao ápice da sinceridade e, dessa forma, a sociedade assusta-se com ele e o teme.

Segundo o próprio Camus:

Não nos enganaríamos então lendo no O Estrangeiro a história de um homem que, sem nenhuma atitude heróica, aceita morrer pela verdade. Ocorre-me dizer também, e ainda paradoxalmente, que eu tentei figurar no meu personagem o único Cristo que nós merecemos. Compreenderemos, depois de minhas explicações, que eu o disse sem qualquer intenção de blasfêmia e somente com a afeição um pouco irônica que um artista tem o direito de experimentar a respeito das personagens de sua criação. (CAMUS apud GRENIER, 1987, p. 106-107, tradução nossa).¹⁹

n'acceptent pas les règles de son jeu. Il vit parmi les étrangers, mais pour eux aussi il est un étranger. C'est pour cela que certains l'aimeront, comme Marie, sa maîtresse, qui tient à lui 'parce qu'il est bizarre' ; et d'autres le détesteront pour cela, comme cette foule des assises dont il sent tout à coup la haine monter vers lui. Et nous-mêmes qui, en ouvrant le livre, ne sommes pas familiarisés encore avec le sentiment de l'absurde, en vain chercherions-nous à le juger selon nos normes accoutumées : pour nous aussi il est un étranger. (SARTRE, 1970, p. 43).

¹⁹ On ne se tromperait pas donc pas beaucoup en lisant dans l'Étranger l'histoire d'un homme qui, sans aucune attitude héroïque, accepte de mourir pour la vérité. Il m'est arrivé de dire aussi, et toujours paradoxalement, que j'avais essayé de figurer dans mon personnage le seul christ que nous méritions. On comprendra, après mes explications, que je l'aie dit sans aucune intention de blasphème et seulement avec l'affection un peu ironique qu'un artiste a le droit d'éprouver à l'égard des personnages de sa création. (CAMUS apud GRENIER, 1987, p. 106-107).

3.2. Houellebecq: vida e obra

A obra *Les Particules Élémentaires* (1998)²⁰ de Michel Houellebecq é escrita e publicada nos anos 90. Sabe-se que a década de 1990, na Europa, e de maneira geral no mundo ocidental, é uma década permeada por muitas mudanças. Do ponto de vista político, essa década é bastante representativa, pois ela inicia-se com o fim da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim em 1989. Essas mudanças políticas e econômicas acarretaram uma série de transformações na sociedade ocidental, como o desmantelamento de determinadas instituições, como a família, as quais são descritas no romance do autor. Na verdade, esse romance traça um panorama dessa evolução da sociedade francesa a partir do final dos anos 1960 até o final da década de 90, enfatizando as mudanças acarretadas pelo movimento “hippie”, pela revolução sexual, pelo incremento científico, entre outros aspectos de transformação social, econômica e cultural.

Ao conhecer o diretor da *Nouvelle Revue de Paris*, Michel Bulteau, Houellebecq começa a sua carreira de escritor verdadeiramente, pois ele passa a publicar os seus escritos. Ele começa ao publicar alguns de seus poemas na revista dirigida pelo novo amigo. Em seguida, Bulteau o convida para participar de uma publicação chamada *Os infrequents*, que o diretor havia criado e que seria formulada pela editora Rocher. É dessa forma que o autor publica, em 1991, a Biografia de Howard P. Lovecraft, intitulada *Contre le Monde, Contre la Vie*²¹. Nesse mesmo ano, Houellebecq publica *Rester Vivant*, pela editora Différence e, no ano seguinte, em 1992, pela mesma editora, ele publica a sua primeira coletânea poética: *Poursuite du bonheur*²², que obtém o prêmio Tristan Tzara.

Em 1994, Maurice Nadeau edita seu romance *Extension du Domaine de la Lutte*²³, que faz um grande sucesso na França. Após 1996, Houellebecq passa a ser

²⁰ HOUELLEBECQ, Michel. *Les Particules Élémentaires*. Paris : Flammarion, 1998 .

²¹ _____. *Contre le monde, contre la vie*. Paris : Editions du Rocher, 1991.

²² _____. *La poursuite du bonheur*. Paris : Editions de la Différence, 1992.

²³ _____. *Extension du Domaine de la Lutte*. Paris : Editions Maurice Nadeau, 1994.

publicado pela editora Flammarion, onde Raphaël Sorin é seu editor. Nesse mesmo ano, a sua segunda coletânea de poemas *Le Sens du Combat*²⁴ ganha o prêmio Flore. Em 1998, ele recebe O Grande Prêmio Nacional de Letras de Jovens Talentos pela totalidade de sua obra. Ainda nesse ano, o autor publica: *Interventions*²⁵ (coletânea de textos críticos) e *Les Particules Élémentaires*, que será traduzido em mais de 25 países e lhe trará o Prêmio *Novembre*, além de conferir-lhe maior “popularidade”, sobretudo no que diz respeito ao exterior da França.

Em 1999, ele co-adapta com Philippe Harel o romance *Extension du Domaine de la Lutte* para a sua versão cinematográfica. Além disso, o autor publica uma nova coletânea de poemas intitulada *Renaissance*²⁶. Em 2000, ele lança um CD, no qual ele mesmo lê os seus próprios poemas, que são musicados por Bertrand Burgalat. Depois disso, Houellebecq passa a residir em uma casa na Irlanda, onde irá escrever o seu terceiro romance: *Plateforme*²⁷.

Ao considerar a obra de Houellebecq como um todo, Clément (2003) afirma que ele é certamente o autor mais controverso da atualidade francesa. Muitas vezes odiado por grande parte dos críticos literários, outras vezes, adorado, ele parece não deixar ninguém indiferente. Por essa razão, as publicações de seus romances e novelas são seguidas, como exemplifica o Clément (2003), de polêmicas, às vezes, até mesmo, de processos judiciais.

Para a autora, o conjunto da obra de Houellebecq apresenta uma forte ligação com questões sexuais, pois, de fato, o autor insere em sua obra muitos acontecimentos que remetem a relações sexuais; ele as descreve. Além disso, seus personagens e até mesmo o narrador, em suas obras, recorrem a um vocabulário chulo, empregando palavras que remetem ao ato sexual. Diante disso, Clément (2005) escolheu como fio condutor de sua obra os seguintes elementos: o “esperma” e o “sangue”, os quais, segundo ela, estão muito presentes nas narrativas desse autor francês.

Outra observação que a autora faz é o fato de que, em muitas obras deste autor, sobretudo as mais recentes, o protagonista da história chamar-se Michel. Essa inserção constante do próprio nome em suas narrativas parece nos indicar, pelo menos em um

²⁴ HOUELLEBECQ, Michel. *Le Sens du Combat*. Paris : Ed. Flammarion, 1996.

²⁵ _____. *Interventions*. Paris :Ed. Flammarion, 1996.

²⁷ _____. *Plateforme*. Paris : Ed. Flammarion, 2000.

primeiro momento, uma relação entre esses personagens e o próprio autor. De acordo com a autora, não apenas o nome dos personagens protagonistas de suas obras, mas também alguns dados dessas narrativas indicam que os romances de Houellebecq possuem vários dados autobiográficos. Pensamos que a própria obra *Les Particules Élémentaires* (1998) é um exemplo pertinente dessa inserção da própria vida do autor, de suas vivências, em sua obra, uma vez que ocorrem fatos e situações muito semelhantes àquelas vivenciadas pelo autor francês ao personagem Michel, como por exemplo o desinteresse da mãe por Michel quando ele ainda era criança em nome de uma vida mais desregrada e livre, ou o fato de, a partir dessa “separação”, Michel ser criado pela avó ou ainda o fato de ele ser muito inteligente, realmente uma criança acima da média, que destacava-se nas atividades intelectuais, porém que conservava uma personalidade um pouco depressiva.

Segundo a autora, essas informações coincidentes, isto é, essas semelhanças propositalmente demonstradas por Houellebecq ocasionarão, algumas vezes, uma confusão por parte do leitor e até mesmo por parte da crítica. Os personagens do romancista são, majoritariamente, politicamente incorretos, possuindo traços de caráter condenáveis por nossa sociedade, visto que são, frequentemente, nazistas, racistas, xenófobos, pervertidos sexuais, dentre outros. Ora, como esses mesmos personagens, repetidas vezes, possuem o mesmo nome do autor, o público leitor, bem como a crítica, encontra-se com certa frequência indagando-se se aquela ideologia expressa pelo personagem, não seria, na realidade, o próprio ponto de vista do autor. A autora afirma que devemos ser cautelosos em relação a essa possível junção do personagem com o autor, porém, ela também diz que, apesar de Houellebecq não declarar-se um reacionário ou um radical, expressando em suas entrevistas um ponto de vista consideravelmente distinto dessa posição ideológica assumida por seus personagens, ao construí-los com essas convicções ele incita esse tipo de posicionamento ideológico diante do mundo. Ela diz que, na verdade, não importa se o autor Michel Houellebecq não faz apologia dessas convicções reacionárias e extremadas, pois os seus personagens o fazem de uma forma tão declarada que, poderíamos pensar que é como se o próprio autor o fizesse também.

Em relação aos personagens presentes nas obras de Houellebecq, Clément (2003) traça uma diferença entre os personagens masculinos e os personagens femininos. Segundo ela, os homens presentes na obra do autor parecem sustentarem

essa personalidade polêmica do politicamente incorreto, do radical e retrógrado ou do perverso. Por outro lado, ela afirma que as mulheres, na obra do autor, assumem um papel inverso, ou seja, elas não se envolvem nesse tipo de polêmica ideológica, mesmo quando são mulheres engajadas em movimentos sócias, como no caso da mãe de Michel e Bruno, a qual estava totalmente inserida no movimento hippie. As mulheres de Houellebecq são muito sexualizadas e erotizadas e estão, aparentemente, sempre à disposição para satisfazer os devaneios e as fantasias sexuais masculinas. Segundo a autora : “essas mulhres são mais fantasias do que seres de carne e sangue”²⁸(CLÉMENT, 2003, p.65, tradução nossa).

O livro *Les Particules Élémentaires* (1998) seria, para Gantz (2005), a obra mais importante de Houellebecq, pois apesar dos sucessos posteriores do autor, foi esse romance que o posicionou como um autor controverso, classificado por alguns críticos como niilista ou ainda, por outros, como neo-naturalista. Porém, para todas as correntes críticas, Houellebecq passa a ser um bom representante da literatura do século XXI.

A obra em questão, de acordo com Gantz (2005), baseia-se na decadência da sociedade ocidental com a destruição de suas noções primordiais após os movimentos de 68. A autora realiza uma breve síntese da narrativa: as mudanças sociais pós 1968 serão relatadas, no romance, por meio das histórias de dois meio irmãos – Bruno e Michel. Filhos da mesma mãe com homens diferentes. Essa mãe não corresponde aos ideais de maternidade, pois se desliga deles, absorvida pela filosofia “hippie” dos anos 1960, fazendo o uso de drogas e vivenciando o amor livre.

Os irmãos diferem-se bastante entre si. Bruno cresce obcecado e frustrado pelas questões sexuais:

Bruno follows his mother's lead, and spends his life in fruitless pursuit of bodily pleasures. He is both obsessed with and frustrated by the sexual freedom of the age, moving ceaselessly among humiliating sexual encounters, New Age nudist colonies and drug-addled karmic gurus. (GANTZ, 2005, p. 4).

²⁸ “ces femmes sont plus des fantasmes que des êtres de chair et de sang”. (CLÉMENT, 2003, p.65).

De acordo com a autora, Bruno viverá, portanto, atormentado pelo fato de viver em uma época pós revolução sexual, na qual os prazeres do corpo deveriam, teoricamente, estar ao alcance de todos e, contudo, ele parece ter sempre sua entrada negada nessa sociedade. Assim, o personagem não encontra o alívio e o prazer dessa nova organização social, dessa liberdade sexual e desse culto aos prazeres carnavais. Grantz (2005) conclui que, à medida que a decepção de Bruno aumenta e desenvolve-se, na mesma proporção, também a sua depravação. Paralelamente a história de Bruno, o narrador conta a história de Michel, seu meio irmão, que também possui como ponto de partida as revoluções vivenciadas durante os anos 1960. Contrariamente a seu irmão, Michel adquire uma personalidade avessa a todo tipo de vício e depravação, os quais eram vistos por ele como uma fraqueza de sua sociedade. Ao contrário de Bruno, Michel é apático em suas relações e busca sentido para sua vida na biologia, conseqüentemente, ele torna-se um biólogo conhecido e renomado.

Para Grantz (2005), essa obra de Houellebecq pode ser aproximada da obra, como um todo, de Baudelaire, pela presença do que ela chama “La flânerie” e do decadentismo de fim de século presente em ambas as obras. Baudelaire retrata o decadentismo do final do século XIX, ao passo que Houellebecq revisitaria esse mesmo estado de espírito, porém, adequando-o ao seu tempo, isto é, à passagem do século XX ao século XXI, uma vez que a obra *Les Particules Élémentaires* é publicada em 1998, como já dissemos anteriormente. A autora cita como elementos comuns às duas obras os personagens que flanam pelos espaços urbanos, fazendo com que a cidade assuma, muitas vezes, um papel quase de personagem. Além disso, na passagem do século XIX ao XX, Baudelaire discutia em sua obra aspectos que estavam em destaque em sua sociedade, da mesma forma que Houellebecq irá abordar questões ligadas às, historicamente, recentes mudanças sócio-culturais vivenciadas a partir da metade do século XX, as quais ditarão novas diretrizes ao século seguinte, ou seja, a revolução feminista, a revolução sexual, a ideologia hippie, dentre outros movimentos que contribuíram para mudanças estruturais na sociedade ocidental do século XX e, como consequência, do século XXI.

Ao que nos parece, a obra *Les Particules Élémentaires* (1998) é, de fato, como Clémant (2003) afirma em seu livro, polêmica. Seus personagens retratam a ruína de instituições sociais muito arraigadas até a metade do século XX, como a família e o casamento. Nesse sentido, a obra de Houellebecq faz quase que um estudo sociológico

desse período histórico. Ao mesmo tempo, nos parece, por vezes, um tanto quanto apelativa a forma como essas questões são abordadas pelo autor, sobretudo por suas escolhas lexicais. De toda forma, é inegável a violência dessa obra e o seu efeito sobre o leitor. De fato, é difícil manter-se indiferente a esta narrativa de Houellebecq.

Ao longo deste trabalho tivemos grande dificuldade em encontrar informações acerca do conjunto da obra de Houellebecq. Pensamos que, por tratar-se de um autor atual e suas obras serem ainda bastantes recentes, não existam muitos artigos ou obras que tratem do autor e de seus romances e poemas publicadas no Brasil. O que encontramos efetivamente foram alguns artigos em revistas e jornais ou em bancos de dados internacionais, que comentavam alguma obra recentemente lançada pelo autor. Todavia, esses comentários, situados nos meios de comunicação de massa, eram um tanto quanto superficiais e esparsos.

Assim, diante de nossa dificuldade em colher informações sobre Michel Houellebecq, citamos uma definição do autor brasileiro Moacyr Scliar na esperança de, dessa forma, indicar como ele têm sido definido pelos críticos literários atuais e também por outros autores, inclusive como nesse caso, brasileiros, da atualidade:

O fato é que Houellebecq põe o dedo em feridas dolorosas. Faz um retrato perturbador da cultura ocidental, para ele estagnada e até decadente, mas que paradoxalmente mantém o poder econômico, científico e intelectual. “Vão me esquecer bem rápido” é a última frase do protagonista de *Plataforma*. Soa como vaticínio para a sociedade que Houellebecq retrata e que o produziu. (SCLIAR, 2002)

4. Análise do material

4.1 Apresentação do processo de análise

Para realizar um estudo envolvendo tradução e terminologia, nos pareceu interessante a utilização da linguística de *corpus*, a qual, segundo Sardinha (2004), ocupa-se da coleta e análise de *corpora*, isto é, de conjuntos de dados linguísticos textuais levantados de acordo com determinados critérios a fim de servirem para a pesquisa de uma língua em si ou de uma variedade linguística. Dessa forma, “dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador” (SARDINHA, 2004, p. 3). O autor destaca o fato de que, apesar de a linguística de *corpus* depender de uma coletânea de dados linguísticos naturais, legíveis por computador, não é todo e qualquer conjunto de dados que pode ser considerado um *corpus*. Os textos naturais são aqueles que ocorrem normalmente na linguagem comum e não foram criados com o objetivo específico de figurarem no *corpus*. Além disso, amplia-se a idéia de natural para a abrangência de textos exclusivamente produzidos por humanos. Assim, exclui-se a produção textual proveniente de programas de geração de textos.

Sardinha (2004, p. 30) considera a linguagem como um *sistema probabilístico*, pois, apesar da imensa gama de possibilidades existentes teoricamente dentro de uma determinada língua, existem construções lexicais que são muito mais utilizadas do que outras, isto é, existem construções que ocorrem com maior frequência:

A linguagem é um sistema probabilístico, no qual certos traços são mais frequentes que outros. No caso do léxico, pode-se diferenciar as palavras entre aquelas de maior frequência e as de menor frequência, sendo que a diferença entre elas é relativa [...] Quanto maior a quantidade de palavras, maior a probabilidade de aparecerem palavras de baixa frequência. (SARDINHA, 2004, p. 23-24).

Portanto, o *corpus*, de maneira geral, em sua essência, é sempre representativo da linguagem, de um idioma ou de uma variedade dele.

Sardinha (2004) afirma também que há um debate acerca de a linguística de *corpus* tratar-se de uma disciplina ou de uma metodologia. Segundo o autor, claro está que não se trata de uma disciplina tal qual a psicolinguística, sociolinguística ou a semântica, pois o seu objeto de pesquisa não é delimitado como nessas áreas, uma vez que ela não se dedica a um assunto definido. Por outro lado, ela ocupa-se de vários fenômenos comumente enfocados em outros

campos do conhecimento (léxico, sintaxe, textos). Contudo, não se pode dizer que ela é puramente uma metodologia porque ela não se resume a um conjunto de ferramentas. Desse modo, se entendermos metodologia como “modo típico de aplicar um conjunto de pressupostos de caráter teórico” (SARDINHA, 2004, p. 36), então a linguística de *corpus* poderá ser vista como uma metodologia, pois é um instrumental computacional e teórico que permite a exploração de outras áreas do conhecimento (com o uso de suas ferramentas).

No entanto, há uma terceira possibilidade, a qual propõe a idéia de que a linguística de *corpus* não seja classificada nem como disciplina nem como metodologia. Para Hoey (apud SARDINHA, 2004, p. 36), “Linguística de *corpus* não é um ramo da Linguística, mas a rota para a Linguística”. Assim, segundo ele, não se trata de um instrumental, mas de uma abordagem. De maneira similar, Leech (idem, ibidem) a define como “não somente uma nova metodologia emergente para o estudo da linguagem, mas uma nova empreitada de pesquisa e, na verdade, uma nova abordagem filosófica”.

Sardinha (2004) nos informa que, apesar de estar frequentemente associado à computação, já existiam *corpora* antes do computador, afinal, essa palavra, plural de *corpus*, possui como sentido original corpo, ou seja, conjunto de documentos. Segundo o autor, na Grécia antiga, Alexandre, O Grande, definiu o *corpus* Helenístico, assim como durante a Idade Média produziram-se *corpora* de citações bíblicas. No final dos anos 50, com o surgimento das teorias de Chomsky, houve uma mudança radical dos paradigmas da linguística, pois o empirismo e os trabalhos baseados em *corpora* perderam o seu “lugar de destaque” nos estudos linguísticos, sendo substituídos pelas teorias racionalistas da linguagem, especialmente a Linguística Gerativa. Atualmente, porém, a linguística de *corpus* é uma das áreas de pesquisa da linguagem que mais cresce e exerce grande influência nas pesquisas linguísticas. Ela baseia-se em *corpus* para a descrição dos mais variados aspectos da linguagem.

Utilizando-nos da linguística de *corpos*, e mais especificamente, o programa WordSmith Tools, realizamos, para efetuarmos as análises deste trabalho, a elaboração de tabelas de termos. Essas tabelas tinham como objetivo organizar os termos encontrados nas duas obras originais *L'Étranger* (1942) e *Les Particules Élémentaires* (1998), bem como a organização das traduções desses mesmos termos para o português, nas obras traduzidas *O Estrangeiro* (2005) e *Partículas Elementares* (1999).

O Programa WordSmith Tools, versão 5, utilizada por nós nesse trabalho, é composto por quatro partes essenciais: (i) as ferramentas; (ii) os utilitários, (iii) os instrumentos e (iv) as funções. Dessas quatro partes, a mais significativa para nossa pesquisa é a parte das ferramentas, a qual subdivide-se em três itens: (i) Wordlist (lista de palavras), que realiza uma lista de todas as palavras existentes no *corpus* de estudo, podendo inclusive fazê-lo de duas

formas distintas: em ordem alfabética ou de acordo com a frequência dessas palavras na obra. É válido explicar que independentemente da preferência do usuário pela lista de palavras em ordem alfabética ou de acordo com a frequência, o programa sempre indicará ao lado de cada palavra da lista o número de ocorrências dela no *corpus*; (ii) keyWords (lista de palavras-chave), a qual pode ser obtida quando o programa confronta o *corpus* de estudo, nesse caso as obras literárias, com o *corpus* de referência, textos jornalísticos retirados do jornal *Le Monde*, *Le Figaro*, *Folha de S. Paulo* e *Jornal da USP*) e por fim a função (iii) Concord (concordância), que nos permite ver o trecho do texto (do *corpus*) no qual uma determinada palavra que nos interessa está inserida; assim, podemos ver o seu contexto de utilização, o que pode ser bastante esclarecedor em determinados momentos, como pudemos notar em relação aos nossos candidatos a termo.

Com a ajuda do programa WordSmith Tools construímos três tabelas para cada obra original estudada. A primeira tabela, (i) a tabela de termos, foi feita a partir da lista de palavras das obras *L'Étranger*, de Camus, e *Les Particules Élémentaires*, de Houellebecq, realizadas pelo programa. Ao observarmos essas listas de palavras que continham todas as palavras existentes em uma e outra obra, pudemos escolher os nossos candidatos a termo. Nosso critério de escolha inicial foi a frequência dessas palavras na obra em questão, isso é, o seu número de ocorrências nas obras, além do seu contexto de uso (o que podíamos observar por meio da ferramenta *Concord* que nos permitiu recuperar todos os contextos de utilização dos nossos candidatos a termos e, assim, verificarmos se, naquele trecho da obra havia uma situação de especialidade, isto é, se aquela parte específica do romance, comunicava um saber especializado. Abaixo, colocamos a imagem da tela do programa WordSmith Tools ao realizar a concordância do termo *Jury* presente na obra de Camus, *L'Étranger*:

concord jury etranger.cnc

File Edit View Compute Settings Window Help

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t.	#	os.	t.	#	os.	t.	#	os.	File	%
1	Le procureur s'est alors retourné vers le jury et a déclaré: «Le même homme qui			24,678	794	0%	0	8%		0	8%		txt corrigido.txt	78%	
2	conclusions pour ne pas indisposer le jury. Il m'a expliqué qu'on ne cassait			27,315	950	0%	0	6%		0	6%		txt corrigido.txt	86%	
3	m'a quitté en disant : «Le président du jury va lire les réponses. On ne vous fera			27,415	959	5%	0	7%		0	7%		txt corrigido.txt	86%	
4	président à l'avocat, au procureur et au jury (à chaque fois, toutes les têtes des			21,802	621	5%	0	9%		0	9%		txt corrigido.txt	68%	
5	objectivité. La sentence rendue par le jury serait prise dans un esprit de justice			22,017	632	6%	0	0%		0	0%		txt corrigido.txt	69%	
6	ces gens-là. Après avoir demandé au jury et à mon avocat s'ils avaient des			22,869	676	7%	0	2%		0	2%		txt corrigido.txt	72%	

Imagem 1: tela do programa WordSmith Tools ao realizar a concordância do termo Jury, presente na obra *L'Étranger*.

Podemos notar, ao visualizarmos essa imagem, que utilizando a ferramenta Concord do programa torna-se relativamente simples recuperar todos os contextos de uso de cada termos empregado na obra, uma vez que o próprio programa o faz em questão de poucos segundos.

A segunda tabela que construímos, também para ambas as obras, foi a (ii) tabela de termos e definições de termos. Utilizando a primeira tabela, isto é, a tabela dos termos presentes nas duas obras francesas originais (uma e outra obra, separadamente), fizemos essa segunda tabela, na qual constam, na coluna da esquerda todos os termos empregados nas duas obras e na coluna da direita a definição de cada um desses termos de acordo com dicionários da língua comum e/ou vocabulários especializados. Procedemos dessa forma, pois pensamos que assim poderíamos definir com maior clareza os candidatos que eram, de fato, termos e os candidatos

que pertenciam, na verdade, à língua comum. Para a obra *L'Étranger* (1942) essa busca foi feita exatamente da maneira citada acima, posto que os termos provenientes do Direito eram de fácil identificação, além de serem de fácil acesso (pudemos consultar mais de um vocabulário jurídico francês). Além disso, o dicionário on-line *Trésor de la langue française* possuía grande parte das definições desses termos (marcados com rubrica, o que indicava que tratavam-se efetivamente de termos de especialidade. Desse modo, pudemos, inclusive, comparar as definições dos vocabulários especializados com aquelas fornecidas pelo dicionário da língua comum. Entretanto, com a tabela dos termos e definições de termos da obra *Les Particules Élémentaires* (1998) procedemos de maneira um pouco distinta, uma vez que as definições dadas pelos vocabulários de especialidade eram muito próximas daquelas encontradas em dicionários da língua comum. Além disso, todos os termos encontrados nos dicionários de língua comum eram marcados por rubrica o que já indicava o fato de aquela palavra pertencer a um âmbito especializado. Desse modo, recorreremos ao dicionário de língua geral francesa, *Trésor de la langue française*.

Por fim, nossa terceira tabela, efetuada como as outras duas, para ambas as obras, foi a (iii) tabela de termos presentes na obra original e suas respectivas traduções para o português brasileiro. Pautando-nos nessas duas tabelas é que realizamos algumas das reflexões presentes neste capítulo, pois pudemos à partir delas observar e analisar a tradução de cada um desses termos para o português brasileiro, identificando se havia ou não variação em suas traduções.

Para confeccionarmos as tabelas de comparação dos termos originais e suas traduções, pensamos, inicialmente, em utilizar o programa ParaConc (2003), pois ao fazermos o alinhamento do original com a sua tradução, poderíamos, facilmente, localizar o termo original desejado e, como ao lado apareceria o texto traduzido, poderíamos cotejar ambos os textos (tradução e original), analisando, assim, a forma como cada termo presente nos originais teria sido traduzido. Além disso, dessa forma seria simples notar a variação na tradução dos termos, pois já havíamos considerado a possibilidade de que nem sempre os termos originais fossem traduzidos exatamente da mesma forma, ou seja, já havíamos pensado na possível existência de variabilidade nessas traduções.

Contudo, o programa ParaConc (2003) a que temos acesso na sala 20 da Faculdade de Letras da FFLCH/USP, apresentou muitos problemas de funcionamento, os quais, a princípio, acreditamos tratar-se de uma dificuldade inicial em lidar com o programa, todavia, após termos pesquisado sobre as funções do ParaConc (2003), tanto no seu manual de funcionamento, quanto em trabalhos acadêmicos sobre linguística de *corpus*, percebemos que as dificuldades que estávamos encontrando deviam-se, não a uma inabilidade, mas ao fato de que o programa não estava executando todas as suas funções normalmente, deixando de realizar algumas

operações que, para o nosso trabalho seriam importantes, bem como alinhar os termos originais e suas traduções para que pudéssemos cotejá-los e fazermos a análise da tradução terminológica. Ao percebermos isso, tentamos entrar em contato com o suporte do programa, mas não obtivemos nenhuma resposta e, por isso, decidimos suplantar essa dificuldade do uso do programa (que, aparentemente, inviabilizava uma parte da pesquisa) realizando o alinhamento manualmente no Word.

Dessa maneira, tivemos de alterar os nossos procedimentos, e, ao invés de utilizarmos o programa ParaConc (2003) para efetuar o alinhamento e assim buscar os termos de cada uma das obras originais (os quais já havíamos levantado com a ajuda da lista de palavras de cada obra), decidimos realizar o alinhamento manualmente, por meio de uma tabela feita no Word que continha duas colunas. Em cada uma das colunas colocamos o texto integral de uma obra, estando sempre o original na coluna da esquerda e a sua respectiva tradução na coluna da direita. Os parágrafos foram marcados com um espaçamento maior entre as linhas (antes e depois), o que deixou essa separação entre eles mais visível. Assim, para localizarmos um termo devíamos procurá-lo primeiramente no texto original (com a ferramenta “localizar” do Word) e em seguida buscá-la no texto traduzido. Podemos dizer que esse método “alternativo” foi bastante eficaz e satisfatório, uma vez que o método ideal não nos foi de grande utilidade. Abaixo, colocamos um trecho do alinhamento realizado com a obra *Les Particules Élémentaires* e sua tradução *Partículas Elementares* como ilustração do procedimento supracitado:

Les Particules Élémentaires, Michel Houellebecq	As Partículas Elementares, traduzido por Juremir Machado da Silva
Ce livre est avant tout l'histoire d'un homme, qui vécut la plus grande partie de sa vie en Europe occidentale, durant la seconde moitié du XXe siècle. Généralement seul, il fut cependant, de loin en loin, en relation avec d'autres hommes. Il vécut en des temps malheureux et troublés. Le pays qui lui avait donné naissance basculait lentement, mais inéluctablement, dans la zone économique des pays moyen-pauvres ; fréquemment guettés par la misère, les hommes de sa génération passèrent en outre leur vie dans la solitude et l'amertume. Les sentiments d'amour, de tendresse et de fraternité humaine avaient dans une large mesure disparu ; dans leurs rapports mutuels ses contemporains faisaient le plus souvent preuve d'indifférence, voire de cruauté.	Este livro é, antes de tudo, a história de um homem que viveu a maior parte da sua vida, durante a segunda metade do século XX, na Europa ocidental. Geralmente só, esteve, entretanto, de longe em longe, em relação com outros homens. Viveu em tempos infelizes e conturbados. O país em que nascera deslizava, lenta mas inexoravelmente, para a zona econômica dos países intermediários; frequentemente acossados pela miséria, os homens da sua geração passaram, além disso, a vida na solidão e na amargura. Os sentimentos de amor, de ternura e de fraternidade humana tinham, em ampla medida, desaparecido; nas relações entre eles, os seus contemporâneos demonstravam, quase sempre, indiferença ou mesmo crueldade.
Au moment de sa disparition, Michel Djerzinski était unanimement considéré comme un biologiste de tout premier plan, et on pensait sérieusement à lui pour le	No momento do seu desaparecimento, Michel Djerzinski era considerado, por unanimidade, como um biólogo de primeiro plano e pensava-se, seriamente, nele para o

prix Nobel ; sa véritable importance ne devait apparaître qu'un peu plus tard.	Nobel; a sua verdadeira importância só se revelaria um pouco mais tarde.
À l'époque où vécut Djerzinski, on considérait le plus souvent la philosophie comme dénuée de toute importance pratique, voire d'objet. En réalité, la vision du monde la plus couramment adoptée, à un moment donné; par les membres d'une société détermine son économie, sa politique et ses mœurs.	À época em que viveu Djerzinski considerava-se, na maior parte do tempo, a filosofia como sendo destituída de qualquer importância prática e até mesmo de objeto. Na realidade, a visão de mundo dominante, em dado momento, numa sociedade, determina-lhe a economia, a política e os costumes.
Les mutations métaphysiques - c'est-à-dire les transformations radicales et globales de la vision du monde adoptée par le plus grand nombre - sont rares dans l'histoire de l'humanité. Par exemple, on peut citer l'apparition du christianisme.	As mutações metafísicas – ou seja, as transformações radicais e globais da visão de mundo adotada pela maioria – são raras na história da humanidade. Pode-se, por exemplo, citar o surgimento do cristianismo.
Dès lors qu'une mutation métaphysique s'est produite, elle se développe sans rencontrer de résistance jusqu'à ses conséquences ultimes. Elle balaie sans même y prêter attention les systèmes économiques et politiques, les jugements esthétiques, les hiérarchies sociales. Aucune force humaine ne peut interrompre son cours - aucune autre force que l'apparition d'une nouvelle mutation métaphysique.	Desde que uma mutação metafísica acontece, ela se desenvolve, sem encontrar resistência, até as últimas consequências. Varre, sem mesmo prestar-lhes atenção, os sistemas econômicos e políticos, os julgamentos estéticos, as hierarquias sociais. Nenhuma força humana pode interromper-lhe o curso — a não ser o aparecimento de uma nova mutação metafísica.
On ne peut pas spécialement dire que les mutations métaphysiques s'attaquent aux sociétés affaiblies, déjà sur le déclin. Lorsque le christianisme apparut, l'Empire romain était au faite de sa puissance ; suprêmement organisé, il dominait l'univers connu ; sa supériorité technique et militaire était sans analogue ; cela dit, il n'avait aucune chance. Lorsque la science moderne apparut, le christianisme médiéval constituait un système complet de compréhension de l'homme et de l'univers ; il servait de base au gouvernement des peuples, produisait des connaissances et des œuvres, décidait de la paix comme de la guerre, organisait la production et la répartition des richesses ; rien de tout cela ne devait l'empêcher de s'effondrer.	Não se pode dizer que as mutações metafísicas atacam, especialmente, as sociedade enfraquecidas, em declínio. Quando o cristianismo apareceu, o império romano encontrava-se no apogeu; supremamente organizado, dominava o universo conhecido; a sua superioridade técnica e militar era incomparável; dito isso, ele não tinha nenhuma chance. Quando a ciência moderna apareceu, o cristianismo medieval constituía um sistema completo de compreensão do homem e do universo; servia de base ao governo dos povos, produzia conhecimentos e obras, decidia sobre a paz e a guerra, organizava a produção e a repartição das riquezas; nada disso conseguiria impedi-lo de desabar.

Tabela 1: alinhamento das obras *Les Particules Élémentaires* e *Partículas Elementares*.

Além das três tabelas citadas acima (tabela de termos do original, tabela de termos do original e suas definições e tabela de termos do original e suas respectivas traduções para o português brasileiro) e das tabelas usadas para o alinhamento dos originais com suas respectivas

traduções, antes de nos debruçarmos verdadeiramente sobre as análises terminológicas, observamos ainda as listas de palavras-chave das quatro obras (os dois originais e suas duas respectivas traduções) e estabelecemos, partindo delas, algumas reflexões gerais e, não apenas referentes à terminologia e à tradução.

Em suma, começamos nossas análises pelas listas de palavras-chave de cada uma das obras em questão e suas respectivas traduções. Esse olhar mais atento a essas listas nos permitiram perceber questões que julgamos relevantes na obra e que, por isso, decidimos comentá-las nesse capítulo. Somente após refletir sobre as palavras-chave é que passamos às análises mais ligadas à terminologia presentes nas duas obras originais, *L'Étranger* (1942), de Albert Camus e *Les Particules Élémentaires* (1998), de Michel Houellebecq. Nas subseções seguintes apresentamos os resultados dessas análises.

4.2. Comentários sobre as listas de palavras-chave

Segundo Sardinha (2004, p. 96) a ferramenta KeyWords:

Permite a seleção de itens de uma lista de palavras (ou mais) por meio de comparação de suas frequências com uma lista de referências. O resultado do contraste é uma lista de palavras-chave, ou palavras cujas frequências são estatisticamente diferentes no *corpus* de estudo e no *corpus* de referência.

Em outras palavras, para a construção da lista de palavras-chave é preciso que haja dois *corpus* diferentes: o *corpus* de estudo (aquele que está sendo analisado e pesquisado, aquele que pretendemos definir) e o *corpus* de referência, que irá justamente servir como um elemento de comparação e contraste em relação ao *corpus* de estudo.

No caso da nossa pesquisa, nosso *corpus* de estudo, aquele que estamos tentando definir, é esse formado pelas obras literárias tanto originais, quanto traduzidas, ou seja: *L'Étranger* e *O Estrangeiro*; e *Les Particules Élémentaires* e *Partículas Elementares*. O *corpus* de referência que construímos é proveniente de textos jornalísticos. Assim, o *corpus* de referência em língua francesa é formado de trechos extraídos dos jornais *Le Monde* e *Le Figaro*, enquanto que o *corpus* de referência brasileiro conta com textos retirados da *Folha de S. Paulo* e do *Jornal da USP*. Ao contrastar ambos os *corpus* (de referência e de estudo) o programa fará um levantamento das palavras de maior chavicidade e irá organizar isso em uma lista por ordem decrescente de chavicidade. O que chamamos de chavicidade, nesse caso, é o quanto aquela palavra ou termo é considerada peça chave para o *corpus* de estudo, ou seja, as palavras de maior chavicidade na lista de palavras-chave serão aquelas que possuem maior frequência no *corpus* de estudo que no *corpus* de referência, o que demonstra que são palavras importantes para *corpus* de estudo. Em síntese, a lista de palavras-chave é feita de palavras que possuem alta chavicidade no *corpus* de estudo. Sardinha (2004, p. 97) explica a questão da seguinte maneira:

Os componentes principais de uma análise de palavras-chave são, portanto, dois:

1. Um *corpus* de estudo, representado por uma lista de frequência de palavras. O *corpus* de estudo é aquele que se pretende descrever. A ferramenta KeyWords aceita a análise simultânea de mais de um *corpus* de estudo.
2. Um *corpus* de referência, também formatado como uma lista de frequência de palavras. Também é conhecido como *corpus* de controle, e funciona como termo de comparação para a análise. A sua função é fornecer uma norma com a qual se fará a comparação das frequências do *corpus* de estudo. A comparação é feita por meio de uma prova estatística selecionada pelo usuário (qui-quadrado ou log-likelihood). As palavras cujas frequências no *corpus* de estudo forem significativamente maiores segundo o resultado da prova estatística são consideradas chave, e passam a compor uma listagem específica de palavras-chave.

Na linguística de *corpus* quase sempre que trabalhamos com listas de palavras-chave, temos como palavras de maior chavicidade do texto as palavras ditas “gramaticais”, isto é, pronomes e preposições, portanto essas palavras serão, frequentemente, as primeiras palavras a figurarem na lista de palavras-chave. É fácil identificar na lista as palavras de maior chavicidade, pois elas são as primeiras palavras da lista, o que se explica pela sua alta frequência no *corpus* de estudo e sua baixa frequência no *corpus* de referência.

Antes apenas de passarmos às nossas interpretações acerca das listas de palavras-chave, apresentamos, na tabela abaixo, algumas questões que julgamos importantes sobre os *corpus* tanto de estudo, quanto de referência:

- a. Sobre o *corpus* de estudo e as obras literárias que o constituem:

<i>Corpora</i>	Número de palavras do <i>corpus</i>
<i>L'Étranger</i>	23. 324
<i>O Estrangeiro</i>	28. 756
<i>Les Particules Élémentaires</i>	89.088
<i>As partículas Elementares</i>	74.149

Tabela 2: informações gerais sobre o *corpus* de estudo.

- b. Informações sobre o *corpus* de estudo:

Tipologia	Francês	Português
Obra	<i>Le Monde, Le Figaro</i>	<i>Folha de S. Paulo, Jornal da USP</i>
Modo	Escrito	Escrito
Tempo	Sincrônico	Sincrônico
Seleção	de Amostragem	de Amostragem
Conteúdo	Monolíngue	Monolíngue
Autoria	Falante Nativo	Falante Nativo
Disposição Interna	Comparável	Comparável
Finalidade	Referência	Referência

Extensão	Médio – 206. 315 palavras.	Médio 206. 190 palavras.
----------	----------------------------	--------------------------

Tabela 3: Informações sobre o *corpus* de referência

Sobre o *corpus* de referência, gostaríamos de ressaltar que uma das maiores dificuldades da pesquisa foi justamente encontrar um *corpus* francês de referência. Houve uma tentativa de se trabalhar com o *corpus* WAC, da *Università di Bologna*, mas essa tentativa foi invalidada pela impossibilidade de se acessar o documento em questão. Diante disso, a orientadora dessa pesquisa juntamente com a aluna de mestrado (sua orientanda), Claudia Viégas decidiram construir um *corpus* de referência que viabilizasse essa, dentre outras, pesquisas. Assim, foi originado o *corpus* de referência em língua francesa (cujas informações estão expostas acima, na tabela 3) ao qual tivemos acesso para realizarmos nossas análises.

Portanto, se considerarmos os dois *corpus* necessários para a realização das análises desta pesquisa, temos, de maneira geral, o que expomos na tabela seguinte:

<i>Corpus</i> de Referência	412. 505
<i>Corpus</i> de Estudo	215. 317

Tabela 4: número de palavras no *corpus* de Referência x número de palavras no *corpus* de estudo.

4.2.1 *l'Étranger*

Ao analisarmos a lista de palavras-chave da obra *l'Étranger* (1942), de Albert Camus, percebemos questões importantes da obra e até mesmo de sua interpretação literária.

No caso da lista de palavras-chave do romance *L'Étranger* (1942) essa regra se mantém, como podemos facilmente notar se verificamos as treze primeiras palavras dessa lista: *je, me, m'a, j'ai, il, ai, dit, j'étais, moi, mon, que, e lui*. As palavras que sucedem *lui* não são, em sua maioria, palavras gramaticais, mas substantivos e verbos. Se nos ativermos um instante nas

palavras gramaticais citadas, notaremos que dessas treze palavras, oito relacionam-se de alguma maneira com o enunciador, em outras palavras, com a primeira pessoa do singular, o *je*. Esse fato, considerando a obra *L'Étranger* (1942), parece-nos bastante compreensível e até mesmo plausível, posto que trata-se de uma obra narrada em primeira pessoa (um narrador/protagonista) e que, dessa forma, empregará os pronomes e os verbos em sua maioria na primeira pessoa do singular, pois eles fazem referência ao próprio narrador do texto.

Assim, temos que, em um segundo momento, a lista de palavras-chave passa a nos apresentar não apenas elementos puramente gramaticais, mas elementos como substantivos próprios e comuns e verbos. Os substantivos próprios que surgem são todos nomes de personagens do romance. Inicialmente, a partir das primeiras leituras da obra em questão, pensamos que a personagem de maior destaque na narrativa seria a mãe do senhor *Meursault* e, portanto, pensávamos que o nome de personagem (que nesse caso não se tratava de um substantivo próprio e sim de um substantivo comum que representa uma pessoa específica dentro da narrativa) que aparecia com maior frequência no romance seriam *maman* ou *mère*. No entanto, quando analisamos a lista de palavras-chave verificamos que o substantivo próprio de maior chavicidade na obra é o nome do vizinho e amigo do senhor *Meursault*: *Raymond*. Em seguida, na ordem de chavicidade, nos deparamos com o substantivo próprio *Marie*, a namorada do senhor *Meursault*, que queria casar-se com ele e que vai ao seu julgamento com esperança de que ele seja absolvido e solto. O terceiro personagem que aparece na lista de palavras-chave é o *Massom*, amigo de *Raymon*, dono da casa na praia na qual o senhor *Meursault*, *Marie* e *Raymon* passam o último dia de liberdade do personagem central da obra, visto que nesse mesmo dia *Meursault* mata o árabe que perseguia seu amigo *Raymon*, e é levado à prisão, de onde não sairá mais até o dia de sua decapitação em praça pública, uma vez que ele será condenado à pena capital. Em seguida, encontramos respectivamente os seguintes personagens: *Céleste*, *Salamano* e *Pérez*. O primeiro é amigo de *Meursault* e é o dono do restaurante no qual o protagonista almoça diariamente. *Salamano* é o vizinho de *Meursault* que possui um cachorro com o qual vive de maneira ambígua, numa relação de dependência afetiva que se mistura com ódio e desprezo. E finalmente, temos o personagem *Pérez*, namorado da mãe de *Meursault*, que apresentado a *Meursault* no enterro de sua mãe. Esses três últimos personagens, quando lemos a obra, não nos parecem tão importantes e temos a impressão de que eles não figurariam na obra com tamanha frequência e nem mesmo tamanha importância. Contudo, quando analisamos a chavicidade e a frequência desses substantivos próprios no romance de Camus, verificamos que esses três personagens são citados com maior frequência que a própria personagem da mãe do protagonista, substantivo próprio que está classificado na lista de palavras-chave após todos esses seis nomes próprios de personagens citados acima e que, inicialmente, acreditávamos ser o substantivo referente a personagem de maior chavicidade da obra.

Em meio aos substantivos, na lista de palavras-chave, também verificamos a presença de verbos conjugados majoritariamente no passado, o que nos parece bastante compreensível, posto que se trata de uma narrativa e esse gênero textual é normalmente escrito no passado. A narrativa tem o valor de memória quase que intrinsecamente vinculado a ela, pois não se pode narrar algo no futuro. Dessa maneira, podemos citar os seguintes exemplos de verbos conjugados no passado: *avait, avais, pensais, trouvais, voyais, connaissais, c'était, j'avais, demandé, répondu, eu* (particípios passados possivelmente utilizados para a formação do *passé composé*, *plus-que-parfait*, *conditionnel passé*, dentre outros verbos no passado), *voulait, fallait, entendu, disait e faisait*. Como podemos perceber, a maior parte dos verbos que figuram na lista de palavras-chave, está conjugado no passado imperfeito do indicativo (*l'imparfait de l'indicatif*), seja na terceira pessoa do singular (*on, il, elle*) ou na primeira pessoa do singular (*je*). Identificamos também a presença de três particípios passados (*demandé, répondu e entendu*) que nos levam a pensar na provável utilização do pretérito *passé composé* (o uso deste tempo verbal foi, inclusive, algo inovador da presente obra de Camus), o que vem contribuir para nossa conclusão exposta acima de que no romance *l'Étranger* (1942) a maior parte dos verbos está empregada no passado, pelo fato de tratar-se de uma narrativa. Além disso, podemos pensar em uma divisão desses verbos considerando seus sentidos, pois verbos como: *pensais, trouvais e connaissais* sugerem certa introspecção do narrador, uma atividade desenvolvida por esse indivíduo de maneira silenciosa e reflexiva; diferentemente do que nos sugere o grupo verbal formado pelos seguintes verbos: *demandé, répondu, entendu e disait*. Estes são verbos de elocução, verbos que sugerem uma atividade que se desenvolve externamente aos indivíduos e que se relacionam com a fala e, nesse sentido, com a sociedade de maneira geral, posto que a fala é um elemento social. Por tratarem-se de verbos de elocução, esses verbos figuram com maior frequência na segunda parte da obra, ou seja, na parte da obra onde há o julgamento de *Meursault*.

Dentre os substantivos comuns encontrados na lista de palavras-chave, chama-nos a atenção os nomes que fazem alusão ao campo lexical do verão, como: *soleil, ciel, plage, chaleur, sueur e sommeil*, os quais figuram na lista nessa ordem respectivamente. A questão da luminosidade e do sol parecem ocupar espaço importante nessa obra de Camus, uma vez que a justificativa do narrador para ter apertado o gatilho do revólver e matado o árabe que perseguia seu amigo Raymond parece ser, segundo ele mesmo, o sol intenso, a luminosidade da praia que o cegou pouco antes de disparar os cinco tiros que acabam por matar o seu oponente. A importância do sol, da luminosidade e do verão na obra de Camus, e particularmente, na obra *L'Étranger*, já havia sido levantada e citada anteriormente por Barreto (19--), Grenier (1970) e Sartre (1970) (Cf. 4.1).

Por fim, é importante notar, ao analisar essa lista de palavras-chave, a presença de alguns termos presentes na obra *L'Étranger* (1942), tais como: *avocat*, *procureur*, *jurés* e *affaire*. Percebemos que o termo que tem a maior chavidade na lista de palavras-chave é também o termo que possui o maior número de ocorrências quando verificamos a lista de palavras da obra, havendo quarenta ocorrências desse mesmo vocábulo, isto é, o termo *avocat*. Nesse número de ocorrências identificado pela lista de palavras da obra, sabemos que constam tanto o termo *avocat*, quanto o termo *avocat d'office*, uma vez que o programa WordSmith Tools não identifica fraseologias e nem termos compostos por duas palavras, por isso classifica como *avocat* também o termo composto, *avocat d'office*. Além desse termo proveniente do Direito (sobretudo, o Direito Processual Penal) ser muito empregado em textos especializados da área em questão, como peças jurídicas, ele também circula com certa regularidade na língua comum, uma vez que fazemos uso desse termo em esferas não especializadas, como quando debatemos sobre alguma questão judicial que nos cerca ou que está sendo debatida pelos jornais. Assim, poderíamos até mesmo nos questionar acerca desse termo, nos perguntando se ele foi empregado na obra realmente como um termo ou apenas por uma questão meramente estética.

O segundo termo que identificamos na lista de palavras-chave é o termo *procureur*, que na obra possui vinte e sete ocorrências. A presença desse termo segue em certa medida as mesmas razões do termo *avocat*, isto é, trata-se de um termo que também é muitas vezes utilizado em âmbitos não especializados, e por isso, desloca-se, sendo empregado como uma palavra, unidade formadora do discurso comum (em oposição ao discurso especializado). Entretanto, esse termo destaca-se dos outros, pois sugere um falso cognato em português, visto que, contrariamente ao que pensaria um leigo o *procureur* do Direito Processual Penal do francês não corresponde ao *procurador* do sistema brasileiro, mas ao *promotor*. Dessa forma, temos que no que tange a tradução desse par terminológico (*procureur*/promotor) o tradutor precisa instrumentalizar-se para que esse conhecimento terminológico seja transmitido ao leitor, e, nesse sentido, o tradutor conta com duas possibilidades distintas: realizar uma tradução estrangeirizadora, ou seja, traduzir o termo de maneira a deixar aparente a presença da cultura estrangeira nessa obra e suas possíveis diferenças em relação à cultura local ou realizar uma tradução domesticadora, isto é, apagar as evidências da cultura estrangeira, escondendo as diferenças entre ela e a cultura local.

O terceiro e o quarto termos presentes na lista de palavras-chave, *jurés* e *affaire* respectivamente, estão presentes na obra quatorze e vinte e seis vezes. Trata-se de dois termos que se deslocam frequentemente para a língua comum, sendo empregados como palavras e sem tanta especificidade terminológica. Contudo, ambos os termos figuram em vocabulários jurídicos, constituindo-se como termos de fato. Na verdade, na própria obra, o termo *affaire*,

não está empregado todas às vezes em sua acepção jurídica, mas algumas das vezes ele consta no sentido da língua comum, referindo-se a *caso* de maneira geral.

Nas duas imagens abaixo, temos, na primeira, a tela inicial do programa WordSmith Tools, e, na segunda, a tela do mesmo programa quando utilizamos a função KeyWords para formularmos a lista de palavras-chave do romance *L'Étranger*.

Imagem 2: tela inicial do programa WordSmith Tools.

WordSmith Tools -- 22/10/2010															
Total	16279	50.348	32287	30.704	12275	1E-05									
Max	1057	3.2691	5366	5.1028	1057.1	8E-07									
Min	3	0.0093	0	0	0	2E-19									
Mean	92.494	0.2861	183.45	0.1745	69.742	7E-08									
Sd.	161.98	0.501	604.95	0.5753	187.25	2E-07									
1/8	81.71%	81.71%	93.71%	93.71%	86.78%	#####									
2/8	10.86%	10.86%	2.29%	2.29%	7.47%	0.00%									
3/8	2.86%	2.86%	1.71%	1.71%	3.45%	0.00%									
4/8	0.57%	0.57%	1.14%	1.14%	1.72%	0.00%									
5/8	1.71%	1.71%	0.57%	0.57%	0.00%	0.00%									
6/8	1.14%	1.14%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%									
7/8	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.57%	0.00%									
8/8	1.14%	1.14%	0.57%	0.57%	0.00%	0.00%									
N	Key word	Freq.	%	LC Freq	RC %	Keyness	P	Lemma	Set						
1	JE	738	2.2825	301	0.2862	1057.1	7E-19								
2	IL	743	2.298	647	0.6153	584.63	5E-18								
3	MA	224	0.6928	26	0.0247	496.62	8E-18								
4	ME	288	0.8907	85	0.0808	480.56	9E-18								
5	JAI	289	0.8938	93	0.0884	464.07	1E-17								
6	AI	184	0.5691	19	0.0181	417.43	1E-17								
7	DIT	243	0.7516	70	0.0666	409.46	2E-17								
8	QUE	642	1.9856	765	0.7275	332.94	3E-17								
9	ÉTAIT	228	0.7052	91	0.0865	328.35	3E-17								
10	J	159	0.4918	26	0.0247	324.58	3E-17								
11	AVAIT	233	0.7206	112	0.1065	300.59	4E-17								
12	LUI	240	0.7423	127	0.1208	290.43	5E-17								
13	MOI	151	0.467	36	0.0342	273.7	6E-17								
14	A	597	1.8464	786	0.7475	261.41	7E-17								
15	MON	178	0.5505	80	0.0761	239.26	9E-17								
16	RAYMOND	92	0.2845	5		229.82	1E-16								
17	AVAIS	73	0.2258	0		211.46	1E-16								
18	DEMANDÉ	87	0.2691	9		197.12	2E-16								
19	C'ÉTAIT	95	0.2938	18	0.0171	185.76	2E-16								
20	J'AVAIS	75	0.232	7		173.16	3E-16								
21	QU	91	0.2814	20	0.019	169.62	3E-16								
22	RÉPONDU	63	0.1948	3		159.67	4E-16								
23	L	139	0.4299	80	0.0761	158.1	4E-16								
24	M	100	0.3093	36	0.0342	151.79	5E-16								
25	N	86	0.266	23	0.0219	149.11	5E-16								
26	MOMENT	89	0.2753	27	0.0257	146.4	6E-16								
27	ET	942	2.9134	1875	1.783	145.35	6E-16								
28	QUIL	166	0.5134	141	0.1341	132.96	8E-16								
29	MAMAN	50	0.1546	2		128.92	9E-16								

Imagem 3: tela do programa WordSmith Tools ao realizar a lista de palavras-chave da obra *L'Étranger*, de Camus (uso da ferramenta KeyWords).

Como podemos notar na primeira imagem, na tela inicial do programa WordSmith Tools, temos as três opções de ferramentas presentes no programa, às quais podemos recorrer para analisar textos por meio da linguística de corpus: Concord, KeyWords e WordList.

4.2.2 O Estrangeiro

Na lista de palavras-chave da tradução *O Estrangeiro* (2005), encontramos um resultado bastante similar ao apresentado pela lista de palavras-chave da obra original. Na lista figuram palavras gramaticais, como pronomes, preposições, além de verbos, nomes de personagens e alguns termos de especialidade.

No que concerne às palavras gramaticais, notamos que também na tradução os pronomes mais recorrentes serão aqueles referentes à primeira pessoa do singular, tais como: *me, eu, mim, minha, meu, meus e comigo*. Percebemos que nessa lista, referente ao português brasileiro, o *eu* é menos recorrente que o *je* da obra francesa. Essa questão pode ser justificada pelo fato de que a supressão do sujeito nas frases é algo que acontece com muita frequência no português do Brasil, mas trata-se de um procedimento não utilizado em língua francesa.

Os três personagens com maior chavacidade na obra original mantêm essa mesma chavacidade na lista de palavras-chave da tradução, isto é, *Raymon, Marie e Massom*. A mãe do narrador, portanto as palavras *mamãe* ou *mãe*, aparecem na tradução como o quarto personagem de maior chavacidade, enquanto que no original essa personagem figurava em sétimo lugar na lista de palavras-chave. A personagem da mãe de *Meursault* é sucedida por *Salamano, Celeste, Emmanuel* e o próprio *Meursault*. Na lista da tradução não consta um personagem que figura na lista de palavras-chave da obra original, o *Perez*, namorado da mãe de *Meursault*.

No que tange aos verbos mais recorrentes na lista de palavras-chave, nesse caso, também encontramos alguns que sugerem a expressão verbal, intelectual e até mesmo sentimental. Como na obra francesa, esses verbos aparecem empregados com muita frequência na primeira pessoa do singular, *eu*, embora também notemos uma forte presença de verbos de mesmo valor semântico empregados em formas verbais que podem referir-se tanto à primeira (*eu*) quanto à terceira pessoa do singular, *ele* ou *ela*, como por exemplo: *era, estava, tinha, queria, sentia, dizia, podia, quis, parecia e sabia*. Para ilustrar os exemplos referentes à

primeira pessoa do singular, poderíamos citar: *disse, respondi, senti, pensei e tive*. Como já dito acima, percebemos que todos esses verbos presentes na lista de palavras-chave estão conjugados no passado, provavelmente pelo fato de tratar-se de uma narrativa, gênero textual que guarda uma relação intrínseca com esse tempo verbal.

E finalmente, chegamos aos termos de especialidade que figuram na lista de palavras-chave da tradução. São eles, respectivamente: *advogado, promotor, caso, jurados, prisão e juiz*. Conforme já foi dito acima, o termo *avocat* é bastante presente na obra original e, dessa forma, também apresenta grande importância para a obra traduzida. Bem como o termo *procureur*, o qual também figura muitas vezes no original, até pela importância de seu personagem na obra, durante o julgamento de *Meursault*. O par terminológico *procureur/promotor*, em um primeiro momento, pode gerar dúvidas a leigo e ele poderia até mesmo questionar-se sobre a correspondência desses dois termos. Contudo, se olharmos atentamente (e procurarmos as definições de ambos os termos em dicionários jurídicos), veremos que a função do *procureur*, na França, guarda inúmeras similaridades com a função do nosso *promotor*. Nesse sentido, a tradução proposta por Rumjanek foi bastante eficaz. Outro tradutor, que não tivesse se instrumentalizado para o trabalho em questão, poderia, pela similaridade linguística presente entre os termos *procureur* e *procurador*, querer traduzir um pelo outro. Contudo, essa não seria uma tradução tão adequada quanto a efetuada por Rumjanek, uma vez que essas duas funções guardam menos similaridades entre si (e mais diferenças) que as funções aproximadas pela nossa tradutora.

Além disso, na tradução o termo *prisão* também figura na lista de palavras-chave, o que não ocorre com a lista da obra original, pois no português brasileiro utilizamos esse termo tanto para indicar o local geograficamente no qual os presidiários residem quanto para indicar o ato de se encaminhar alguém para esse lugar, diferentemente do francês. Em francês o termo *prison* indica geralmente o local físico, mas o ato de se prender alguém é, normalmente, indicado pelo termo *arrestation*.

4.2.3 *Particules Élémentaires*

Ao verificarmos a lista de palavras-chave da obra *Les Particules Élémentaires* (1998), de Michel Houellebecq, notamos, contrariamente ao observado na lista da obra de Camus, no

que toca às palavras gramaticais, uma forte presença de pronomes ligados à terceira pessoa do singular e, em menor medida, mas ainda assim, notável, pronomes ligados à terceira pessoa do plural. Para citarmos alguns exemplos: *il, elle, se, lui, tu, ils, e sa*. Essa diferença entre as duas listas [*L'Étranger* (1942) et *Les Paticules Élémentaires* (1998)] pode ser explicada pelo fato de o foco narrativo ser diferente em uma e outra obra, isto é, a primeira apresenta foco narrativo em primeira pessoa, trata-se de um narrador personagem; já na segunda, temos o foco narrativo em terceira pessoa, pois trata-se de um narrador onisciente. A questão do foco narrativo também explicará a presença de tantos verbos conjugados na terceira pessoa do singular e do plural na lista de palavras-chave. No que se refere aos verbos de alta chavicidade dessa lista, notamos que não se trata de verbos que designam algum tipo de expressão, como havíamos visto na obra de Camus. Na obra de Houellebecq são verbos que não designam nenhuma expressão, diríamos que são verbos que simplesmente narram a história, sem exprimir opiniões, desejos e nem pensamentos. São os de maior chavicidade nessa lista: *était, avait, devait, pouvait e étaient*.

Os substantivos encontrados na lista de palavras-chave parecem indicar muito sobre a obra e sua narrativa, pois emergem dela: *visage, seins, sexe, mère, filles, cuisses, ventre, yeux e hippie*. Ora, se pensarmos nessa obra de Houellebecq, notamos que por meio dessa lista já podemos fazer hipóteses interessantes que serão confirmadas ao longo da leitura, posto que em vários momentos o autor tratará de questões sexuais relacionadas aos dois personagens principais: Bruno e Michel. Além disso, a presença da palavra *mère* parece-nos relevante pelo fato de que ambos os personagens centrais tinham uma relação conturbada com a mãe, pois havia entre eles uma certa sensação de abandono materno. E, finalmente, podemos dizer que o substantivo *hippie* oferece-nos a ambientação da obra, o cenário do momento histórico vivenciado por esses personagens, pois, de fato, o livro faz muitas referências ao tempo da infância de Bruno e Michel, que data da década de 70 e, assim, a história será permeada pelo movimento hippie do qual, inclusive, seus pais participavam na época e por isso acabaram, em certa medida, abandonando os filhos.

Os personagens que possuem maior chavicidade na lista são, como já era previsto *Bruno e Michel*, fato explicável por tratarem-se dos dois personagens principais da obra e pelo fato de tratar-se de uma narrativa em terceira pessoa. O segundo nome de *Michel, Djerzinski*, também aparece com chavicidade alta e além dele, as personagens *Cristiane e Annabelle* também figuram nessa lista.

E finalmente, chegamos aos termos presentes na lista de palavras-chave, ou seja, termos que são considerados como elementos de relevância para a obra. Esses termos são provenientes da biologia, mais especificamente da genética. De maneira geral, os termos encontrados na obra são de fácil acesso ao leitor leigo, pois tratam-se de termos científicos que circulam com certa

freqüência em ambientes não especializados. Os termos que aparecem na lista de palavras-chave do livro *Les Particules Élémentaires* (1998) são respectivamente: *espèce, métaphysique, moléculaire, mutation, génétique* (Cf: tabela 3).

Abaixo, temos a imagem do programa WordSmith Tools ao realizar a lista de palavras-chave (utilizando-se da função KeyWords, já explicada acima) da obra de Michel Houellebecq, *Les Particules Élémentaires*:

WordSmith Tools -- 11/2/2011									
1	Total	35644	38.934	67421	32.421	9331.9	2E-05		
2	Max	4261	4.6543	11057	5.3171	1340.7	9E-07		
3	Min	3	0.0033	0	0	0	2E-20		
4	Mean	130.56	0.1426	246.96	0.1188	34.183	9E-08		
5	Sd.	369.86	0.404	958.53	0.4609	241.2	2E-07		
6									
7									
8	1/8	94.49%	94.49%	95.59%	95.59%	96.31%	#####		
9	2/8	3.31%	3.31%	2.94%	2.94%	1.85%	0.00%		
10	3/8	0.74%	0.74%	0.74%	0.74%	0.74%	0.00%		
11	4/8	1.10%	1.10%	0.37%	0.37%	0.74%	0.00%		
12	5/8	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%		
13	6/8	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%		
14	7/8	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%	0.37%	0.00%		
15	8/8	0.37%	0.37%	0.37%	0.37%	0.00%	0.00%		
16									
17	N	Key word	Freq.	%	RC. Freq	RC. %	Keyness	P	Lemma: Set
18	1	IL	2074	2.2655	1337	0.6429	1340.7	4E-19	
19	2	ÉTAIT	627	0.6849	183	0.088	756.51	2E-18	
20	3	BRUNO	360	0.3932	17		728.13	2E-18	
21	4	AVAIT	615	0.6718	297	0.1428	525.28	7E-18	
22	5	ELLE	661	0.722	408	0.1962	444.84	1E-17	
23	6	C'ÉTAIT	203	0.2217	23	0.0111	349.59	3E-17	
24	7	SE	830	0.9066	795	0.3823	297.34	4E-17	
25	8	MICHEL	201	0.2196	47	0.0226	270.19	6E-17	
26	9	LUI	399	0.4358	262	0.126	249.86	8E-17	
27	10	PEU	287	0.3135	149	0.0717	229.43	1E-16	
28	11	DEVAIT	123	0.1344	17		200.54	2E-16	
29	12	TU	107	0.1169	9		196.99	2E-16	
30	13	CHRISTIANE	77	0.0841	0		182.57	2E-16	
31	14	DJERZINSKI	75	0.0819	0		177.83	3E-16	
32	15	POUVAIT	103	0.1125	13		172.33	3E-16	
33	16	ANNABELLE	71	0.0776	0		168.34	3E-16	
34	17	ILS	307	0.3353	230	0.1106	162.51	4E-16	
35	18	ÉTAIENT	149	0.1628	59	0.0284	148.27	5E-16	
36	19	SA	486	0.5309	516	0.2481	140.88	7E-16	
37	20	NAVAIT	97	0.106	19		140.41	7E-16	
38	21	EUT	63	0.0688	5		117.29	1E-15	
39	22	JE	392	0.4282	414	0.1991	114.88	2E-15	
40	23	VISAGE	74	0.0808	12		114.7	2E-15	
41	24	PUIS	146	0.1595	78	0.0375	113.54	2E-15	
42	25	SON	661	0.722	860	0.4136	112.53	2E-15	
43	26	ÇA	124	0.1354	59	0.0284	106.97	2E-15	
44	27	SEINS	51	0.0557	2		105.34	2E-15	
45	28	PRIT	43	0.047	0		101.94	3E-15	
46	29	MAINTENANT	70	0.0765	14		100.49	3E-15	

Imagem 4 : tela do programa WordSmith Tools ao realizar a lista de palavras-chave da obra *Les Particules Élémentaires*, de Houellebecq (uso da ferramenta KeyWords).

4.2.4 *Partículas Elementares*

Os resultados que encontramos na lista de palavras-chave da tradução da obra de Houellebecq, ou seja, no livro *Partículas Elementares* (1999), de Juremir Machado da Silva, são bastante similares aos citados acima.

As palavras gramaticais mais encontradas são, de fato, os pronomes em terceira pessoa, como *lhe* e *se*. Entretanto, diferentemente da obra original, aqui não encontramos o mesmo alto grau de chavicidade para pronomes oblíquos do caso reto (pronomes sujeitos), pois em português não há a necessidade de marcarmos sempre o sujeito da frase e, assim, muitas vezes suprimimos os pronomes sujeitos, o que ocasiona a menor ocorrência desses pronomes.

Os verbos que possuem maior chavicidade são, na tradução, bem como no original, os verbos conjugados na terceira pessoa do singular e, em menor medida, os verbos conjugados na terceira pessoa do plural, como: *estava*, *tinha*, *era*, *podia* e *parecia*. Contudo, na tradução encontramos um verbo que denota a expressão dos sentimentos como um verbo de chavicidade considerável, o verbo *sentia*, o que difere do resultado obtido na análise da lista de palavras-chave da obra francesa. Apesar de as formas verbais indicadas poderem referir-se tanto à primeira quanto à terceira pessoa do singular, pensamos que majoritariamente elas ligam-se à terceira pessoa do singular, uma vez que a obra de Houellebecq é integralmente narrada em terceira pessoa e não há na narrativa muitos momentos no qual o discurso direto é empregado (como podemos encontrar em diálogos, por exemplo).

No que diz respeito aos substantivos, encontramos na lista de palavras-chave os mesmos substantivos vistos na lista da obra francesa, contudo eles não estão na mesma ordem e, dessa

forma, sabemos que não apresentam a mesma chavicidade. São eles: *rosto*, *seios*, *garotas*, *sexual*, *mulheres*, *garota*, *mãe* e *pernas*.

No que toca à questão dos termos presentes nessa lista, notamos que são os mesmos, com exceção de um, da lista de palavras-chave do livro *Les Particules Élémentaires* (1998). O termo que ocorre com alta chavicidade na lista da obra traduzida e não figura na lista da obra original é *DNA*, por outro lado, aqui não encontramos o termo metafísico (tradução do termo *métaphysique*, encontrado na lista da obra francesa). Os três termos de maior chavicidade na tradução são os mesmos da obra original: *molecular*, *DNA*, *mutação* e *genético*. Todos esses termos, com exceção de *DNA*, figuram também na lista de palavras-chave da obra de Houellebecq apesar de não possuírem a mesma chavicidade.

Após observarmos essas listas de palavras-chave e ao notarmos que os termos de especialidade figuravam nessas listas, concluímos que essas terminologias constavam em maior quantidade em nosso *corpus* de estudo, ou seja, as obras literárias, e não no nosso *corpus* de referência (extraído de textos jornalísticos), afinal é exatamente esta a definição de palavras-chave dada por Sardinha (2004) e citada acima.

4.3 Reflexões sobre os termos presentes na obra *L'Étranger*

O romance de Camus, *L'Étranger* (1942), é um bom exemplo da presença da terminologia na literatura. A obra conta a história de um personagem que, em meio a uma situação confusa (ao menos para o leitor), acaba por matar um homem e, pelo assassinato cometido, é condenado à pena de morte. A obra de Camus divide-se em duas partes. Na segunda parte é narrado o processo vivido pelo personagem principal que vai de sua prisão até sua condenação à pena capital. Portanto, esta parte da narrativa é permeada por muitos termos do Direito Penal e Processual Penal, o que impõe ao tradutor uma série de dificuldades, sobretudo se pensarmos na questão da equivalência tanto tradutória, quanto terminológica, já que o sistema jurídico brasileiro não é exatamente idêntico ao sistema jurídico francês. Por essa razão, há no texto alguns termos que não encontram equivalentes no português brasileiro, posto que se referem a funções judiciais e institutos jurídicos inexistentes em nosso país.

Ao lermos a obra *L'Étranger* (1942), de Albert Camus, percebemos a existência de uma forte relação intrínseca entre a linguagem especializada e a estrutura da segunda parte da obra. Em primeiro lugar pela quantidade de termos empregados (a variedade não é tão grande, mas há repetição). Em seguida, pela riqueza de detalhes dos processos jurídicos franceses fornecidos pelo autor (por meio da voz do narrador). Há dois momentos da narrativa, situados na segunda parte do romance, que nos parecem bastante ilustrativos dessa preocupação do Camus em detalhar alguns procedimentos jurídicos do sistema francês. O primeiro seria quando, após sua prisão, Meursault é convocado pelo juiz de instrução para sucessivos depoimentos acerca de seu crime. O narrador descreve esses interrogatórios e os classifica como interrogatórios de identificação. Em seguida, o personagem explica que se trata de um procedimento comum do sistema processual penal francês, pois esses interrogatórios são apenas para que o acusado apresente a sua versão dos fatos, explicando-o e narrando-o:

Tout de suite après mon arrestation, j'ai été interrogé plusieurs fois. Mais il s'agissait d'interrogatoires d'identité qui n'ont pas duré longtemps. La première fois au commissariat, mon affaire semblait n'intéresser personne. Huit jours après, le juge d'instruction, au contraire, m'a regardé avec curiosité. Mais pour commencer, il m'a seulement demandé mon nom et mon adresse, ma profession, la date et le lieu de ma naissance. Puis il a voulu savoir si j'avais choisi un avocat. J'ai reconnu que non et je l'ai questionné pour savoir s'il était absolument nécessaire d'en avoir un. « Pourquoi ? » a-t-il dit. J'ai répondu que je trouvais mon affaire très simple. Il a souri en disant: "C'est un avis. Pourtant la loi est là. Si vous ne choisissez pas d'avocat, nous en désignerons un d'office ». J'ai trouvé qu'il était très commode que la justice se chargeât de ces détails. Je le lui ai dit. Il m'a approuvé et a conclu que la loi était bien faite . (CAMUS, 1942, p. 65)

A segunda passagem que nos remete a essa questão dá-se no momento mesmo do julgamento do personagem central, pois ele irá explicar como o julgamento se organiza, isto é, ele evidencia para o leitor, leigo muitas vezes, quais são os procedimentos que envolvem um julgamento. Meursault explica, então, ao leitor que haverá um sorteio para a composição do júri, quem são as pessoas que participarão de todo o processo, como ele deve se portar (não dirigir-se ao juiz, segundo seu advogado), dentre outros detalhes citados pelo narrador.

Dessa forma, seja pelo léxico de especialidade empregado pelo autor, seja pelo detalhamento dos procedimentos jurídicos e processuais penais citados também por ele, o leitor

é levado a voltar o seu olhar para essa “realidade” especializada, nesse caso, a área do Direito. A presença na literatura de termos provenientes de uma área específica demonstram ao leitor uma intenção do autor da obra: a comunicação de um conhecimento especializado. Essa comunicação pode ser mais ou menos clara e eficaz de acordo com os recursos utilizados pelo autor e, conseqüentemente, pelo tradutor para a transmissão dessas informações. Por exemplo, se o autor explica as terminologias empregadas em sua obra em notas ou em glossários ele instrumentaliza o seu leitor a uma melhor compreensão daquilo que está sendo dito em sua obra. Nesse sentido, pensamos que o emprego de terminologias de especialidade em uma obra literária não se faz acidentalmente, mas de maneira propositada, isto é, o autor pretende comunicar um conhecimento técnico-científico. Não concordamos, portanto, com aqueles que eventualmente possam acreditar que esse emprego estaria relacionado somente a questões estéticas.

Assim, o uso da terminologia proveniente do Direito, ao que nos parece, assume inclusive um papel fundamental dentro da obra (que irá contribuir para as questões literária e estéticas da obra), pois transmite ao leitor, com clareza, a situação vivenciada pelo personagem: uma situação de dúvidas e incertezas, uma vez que, embora ele explique com clareza as situações que vivencia, embora ele pareça, inicialmente, aos olhos do leitor, interado e ciente de sua condição e do que está acontecendo à sua volta, perceberemos, no transcorrer da segunda parte do romance, que Meursault não se dá conta da gravidade de sua situação. O leitor experimenta um descompasso entre suas inferências acerca do processo do personagem central e as descrições feitas por ele mesmo, narrador. Na verdade, o leitor sabe, muito antes de receber a notícia da condenação do personagem, que Meursault será condenado. Todavia, o narrador parece não se dar conta desse fato e, em alguns momentos, parece até mesmo acreditar em seu advogado que diz que o processo está se transcorrendo em sua normalidade. Notamos, dessa forma, que a terminologia empregada nessa obra é responsável também por sua ambientação, pelo menos no que tange a segunda parte do livro.

No que concerne às questões tradutológicas dos termos empregados pelo autor em *L'Étranger* (1942), apresentamos a tabela abaixo:

Termos da obra <i>L'Étranger</i> (1942), de Camus	Traduções dos termos em <i>O Estrangeiro</i> (2005), traduzidos por Rumjanek
Accusation	Acusação
Accusé	Acusado

Acte d'accusation	Auto de acusação
Affaire	Caso e Processo
Arrestation	Prisão
Assassin	Assassino
Assassinat	Assassinato
Audience	Audiência e Julgamento
Audition	Auditiva
Avocat*	Advogado
Avocat d'office	Defensor Público
Cassation	Derrogação
Cellule	Cela
Commissariat	Delegacia
Condamné (condamnation)	Condenado
Cour	Corte e Tribunal
Cour d'assises	Corte e Tribunal
Crime	Crime
Défense	Defesa
Dossier	Processo
Droits	Direitos
Exécution	Execução
Interrogatoire	Interrogatórios
Juge	Juiz
Juge d'instruction	Juiz de Instrução ou somente Juiz
Jugement	Julgamento
Jurés	Jurados
Jury	Juri
Justice	Justiça
Magistrat	Magistrado
Parricide	Parricida
Peine	Pena
Prison	Prisão e Cadeia

Prisonnier	Prisioneiro
Procès	Caso
Procureur	Promotor
Sentence	Sentença
Témoin	Testemunha

Tabela 5: termos da obra original *L'Étranger* (1942) e suas respectivas traduções em *O Estrangeiro* (2005).

Esses termos foram selecionados prioritariamente de acordo com sua frequência (número de ocorrências na obra original), mas também de acordo com a sua pertinência e possível contribuição para a resposta à questão que, como citamos já na introdução, originou este trabalho, ou seja, o questionamento se os termos, quando inseridos no contexto da tradução literária, são tratados como tal por seus tradutores.

O que notamos, ao visualizarmos esta tabela, é que muitos dos termos presentes no original foram transpostos literalmente na obra traduzida. Isso ocorre, pois, de fato, o sistema jurídico francês e o sistema brasileiro guardam algumas semelhanças, visto que ambos são originados a partir do Direito Latino. Porém, esses dois sistemas também guardam dessemelhanças, como veremos adiante.

Além disso, ao observarmos a tabela percebemos que não há grande variação na tradução dos termos jurídicos franceses em português, ou seja, a tradutora conseguiu padronizar sua tradução, vertendo alguns termos do francês sempre da mesma forma para o português. Apenas alguns poucos termos, como: *Affaire*, *Audience*, *Cour*, *Cour d'assises* e *Prison*, que apresentam, efetivamente, variação em sua tradução.

Alguns pares terminológicos apresentados na tabela, não parecem oferecer grande dificuldade ao tradutor, pois eles não exigem por parte desse profissional uma pesquisa tão detida, já que são termos que representam funções jurídicas correspondentes às funções existentes no Brasil e que são, inclusive, nomeadas de maneira semelhante. Ainda assim, o tradutor, nesse caso, precisará atuar como um terminólogo, verificando o que esses termos significam na língua de partida e na língua de chegada. Mas, feito isso, como os termos equivalem-se, esse tradutor não terá de pensar em estratégias que solucionem a falta de correspondência entre eles. Em nossa tabela, podemos considerar que termos como: *juré* (jurados), *jury* (júri), *exécution* (execução), *accusé* (acusados) e, em certa medida, *avocat*

(advogado), são ilustrativos dessa realidade, pois são termos que se equivalem, de maneira geral, nos sistemas jurídicos francês e brasileiro.

Por outro lado, temos nessa obra termos que colocam o tradutor literário na posição de um estudioso da terminologia bilíngue, pois alguns dos termos presentes no romance e apontados por nós na tabela abaixo, ou não possuem um equivalente no sistema jurídico brasileiro ou induzem o tradutor ao erro, já que são termos similares a termos existentes no Brasil, apesar de não quererem dizer exatamente a mesma coisa. Poderíamos citar como exemplo disso os termos: *procureur*, *prison*, *procès*, *juge d'instruction*, *arrestation* e *avocat d'office*.

Logo no primeiro capítulo da segunda parte do romance encontramos o par terminológico *avocat d'office* e *defensor público*. A questão da correspondência entre estes dois termos torna-se hermética, uma vez que ao longo dos anos, desde a publicação dessa obra até os dias atuais, houve mudanças no sistema jurídico brasileiro no que se refere à defesa de réus sem advogado próprio. Anteriormente, na época da publicação do romance, não se tratava de uma carreira propriamente dita, isto é, institucionalizada. Segundo Acquaviva (1998):

Defensoria pública é a instituição de caráter público destinada a proporcionar assistência jurídica integral e gratuita às pessoas necessitadas. Seus integrantes iniciam-se na carreira mediante concurso público, assegurada a eles a inamovibilidade, vedado, entretanto, o exercício da advocacia fora das atribuições constitucionais.

No Brasil, a carreira da defensoria pública foi criada pela Constituição de 1988, a partir da qual os Estados da Federação e a União, então, passaram a organizar suas respectivas instituições (as Defensorias Públicas Federal e Estaduais). Antes da existência dessa carreira específica, aos réus em processo criminal, não assistidos por advogado próprio, eram atribuídos *advogados dativos* - profissionais particulares (e não servidores públicos de uma carreira) que se encarregavam da defesa do réu. É interessante notar que mesmo hoje, com a existência das Defensorias Públicas, há, ao menos em tese, casos em que os *advogados dativos* continuam atuando: é que a Defensoria Pública atende apenas às pessoas necessitadas (pessoas pertencentes às classes menos favorecidas economicamente; sem condições de contratar um advogado). Ao réu que, mesmo não sendo proveniente das classes econômicas mais baixas, não queira contratar um advogado por não querer se defender (como parece ser o caso do

protagonista do romance em questão), atribui-se, ainda hoje, um *advogado dativo*. Pode-se dizer, pois, que o termo *defensor público*, atualmente, após a consolidação das Defensorias Públicas no Brasil, não seria a melhor opção, do ponto de vista técnico-jurídico, para a tradução de *avocat d'office*, até porque, segundo as nossas pesquisas, na época da publicação da obra a carreira de *defensor público* muito provavelmente ainda não havia sido instituída, nem na França e nem na Argélia (país no qual a obra se passa).

O termo *prisão* proveniente do Direito Processual Penal Brasileiro aparece na obra traduzida como correspondente, ou seja, é a tradução de dois termos empregados na obra original, provenientes do Direito Francês: *arrestation* e *prison*. No que toca o primeiro par terminológico (*arrestation* e *prisão*), verificamos que os termos são realmente correspondentes, pois segundo o Direito Processual Penal Francês *arrestation* é o ato de apreender um indivíduo, isto é, privá-lo de seu direito natural de ir e vir. Trata-se do ato da captura. Já o termo *prisão*, do Direito Brasileiro, é proveniente do latim e também é uma medida judicial de caráter punitivo, restritiva da liberdade de locomoção. Assim, verificamos que a tradutora conservou o valor terminológico do termo francês, empregando em sua tradução uma terminologia capaz de expressar a mesma informação presente no original. Contrariamente a isso, no momento de traduzir o termo *prison*, traduzido por Rumjanek (2005) também por *prisão*, a tradutora desconsiderou o termo em questão, afinal em francês o termo *prison* restringe-se à acepção de local físico, no qual o indivíduo deve permanecer preso ou encarcerado durante certo período de tempo, determinado pela Justiça. Ela pode remeter, nesse caso, a: *maisons d'arrêt*, *maisons centrales*, *centres de détention* e *centres spécialisés*. Nesse sentido, os termos *prison* e *prisão*, apesar de sua semelhança linguística não podem ser tratados como equivalentes no âmbito jurídico, pois o primeiro designa um local e o segundo, um ato judicial, por mais que, em situações não especializadas, no Brasil, os leigos utilizem o termos *prisão* para indicar o que seria melhor expresso pelo termo *penitenciária*.

Outros termos que figuram na segunda parte da obra são: *dossier* e *audience*. Notamos que para ambos os casos existem termos correspondentes no Sistema Jurídico Processual Penal Brasileiro e que eles correspondem também lexicalmente aos termos do original. Todavia, a tradutora optou por traduzir *dossier* por *processo* e *audience* por vezes por *julgamento* e outras vezes por *audiência* mesmo. Partindo do pressuposto de que traduzir implica “negociar”, como afirma Eco (2007), podemos pensar que, nesse caso, a tradutora decidiu privilegiar a fluência do texto e a linguagem cotidiana, em detrimento à “fidelidade terminológica” e, conseqüentemente, a despeito da linguagem de especialidade. Se a autora quisesse conservar o caráter terminológico da obra de Camus, ela poderia empregar como correspondente a *dossier* o termo *autos (do processo)*. Em relação ao termo *audience*, acredita-se que ela poderia ter traduzido simplesmente por *audiência* em todas as ocorrências, visto que este termo, tanto no Sistema

Processual Penal Francês, quanto no Brasileiro, designa um ato processual no qual as partes (réu e acusador) e, eventualmente, terceiros (testemunhas, peritos, etc.) são ouvidos (sentido este já revelado pela própria origem latina do termo - *audientia*). Pode haver certos tipos de audiência (a *audiência de instrução e julgamento*, por exemplo) nos quais o julgamento ocorre ao final, após a oitiva das partes e terceiros. Não se pode afirmar, contudo, que os termos audiência e julgamento sejam correspondentes. Mas isso, para nós, não faz da escolha da tradutora, inadequada, pois, conforme já visto acima, a terminologia, tanto monolíngue, quanto bilíngue pode, muitas vezes, recorrer à sinonímia, e, conforme já visto anteriormente, dizer sinônimos significa reformular sentenças ou palavras e assim, quando recorremos à sinonímia não dizemos exatamente a mesma coisa. Todavia, o sentido e o valor semântico, seja de um termo, seja de uma palavra, não se perde nessa operação linguística.

Mas uma das questões terminológicas mais complexas encontradas nessa obra do escritor argelino é exatamente a função jurídica representada pelo termo *juge d'instruction*, sem correspondente em nosso sistema jurídico processual penal, uma vez que possui uma função que está na intersecção das funções do nosso promotor e do nosso delegado de polícia²⁹. Segundo Nascimento & Zavaglia (2009):

[...] o termo *juge d'instruction*, que remete a uma função que não encontra correspondente em nosso sistema jurídico-penal. Trata-se do magistrado francês instituído do poder de instruir uma ação penal junto ao *Tribunal de Grande Instance* francês, coordenando a análise das provas apresentadas pela acusação. Sem tradução em dicionários bilíngues, a função do *juge d'instruction* encontra similaridades com algumas exercidas pelo delegado e pelo promotor brasileiros. (...). Essa função, no entanto, inexistente no sistema jurídico penal brasileiro.

Assim, notamos que, nesse caso a tradutora contaria com três caminhos possíveis para a sua tradução: (i) ela poderia realizar uma tradução literal com ou sem nota, (ii) ela poderia manter o termo original do francês em francês, colocando uma nota explicativa (*Juge d'instruction* é uma função existente no Sistema Processual Penal Francês que inexistente no

²⁹ Para maior detalhamento acerca da função jurídica do *juge d'instruction* e sua correspondência no sistema jurídico Processual-Penal brasileiro, vide NASCIMENTO, Aina C. C. Souza; ZAVAGLIA, Adriana. Relação entre Terminologia e Literatura no contexto da Tradução in ABRALIN. João Pessoa, 2009.

Brasil. No Brasil os juízes não realizam a instrução do processo, pois via de regra isso é feito pelo delegado de polícia, portanto a figura do *Juge d'instruction* francês guarda semelhanças com a figura do nosso delegado de polícia, uma vez que exercem funções jurídicas parecidas durante o andamento do processo judicial-penal) e, finalmente, (iii) ela poderia substituir o termo original por um termo existente no Sistema Brasileiro que guardasse algum tipo de semelhança com o termo francês (como o termo *Delegado*). Essa última medida seria um tanto domesticadora e, ao nosso ver, acabaria privando o leitor dos elementos estrangeiros naturais dessa obra, também estrangeira. Ao que nos parece, é sempre interessante notar as diferenças culturais, linguísticas e organizacionais entre os diferentes países e esse tipo de medida acaba por encobrir a expressão dessas singularidades.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que a tradução de uma obra como essa, que se utiliza de termos jurídicos em sua composição, também parece evidenciar as diferenças acerca do funcionamento dos dois sistemas penais (pois o direito penal brasileiro foi inspirado no direito penal italiano em maior parte do que no direito francês), o que acaba por gerar dificuldades terminológicas. Um exemplo disso seria o termo: *cour d'assises*. De acordo com Nascimento & Zavaglia (2009):

Este termo remete a um instituto próprio do direito penal francês que se refere ao órgão jurisdicional que julga os crimes e é composto por três magistrados profissionais, que formam a corte, e por mais nove cidadãos comuns, os quais têm os nomes sorteados e formam o júri. Portanto, o *Júri* francês constitui-se de nove cidadãos comuns, enquanto que no Brasil o *Júri* (na verdade, o tribunal do júri, de acordo com o direito penal) 'compõe-se de um juiz de direito, que é o seu presidente, e de vinte e um jurados que se sortearão dentre os alistados, sete dos quais se constituirão o conselho de sentença em cada sessão de julgamento. (Acquaviva, 1998).

Nesse sentido, entendemos que as diferenças existentes entre os dois sistemas judiciais, francês e brasileiro, extrapolam as questões terminológicas, pois concernem também a diferenças conceituais e procedimentais provindas de organizações culturais distintas.

Embora alguns dos termos apresentados circulem com bastante frequência no âmbito da língua comum, entendemos que eles mantenham a sua especificidade

terminológica em todos os discursos nos quais são empregados, pois como pensamos os textos como polidiscursivos (Cf. BARBOSA, 3.4), podemos identificar trechos de especialidade em diferentes gêneros textuais, como no caso da literatura. Além disso, é comum, atualmente, encontrarmos um termo que, ao longo do tempo, passou a ser empregado na língua comum, bem como, podemos encontrar palavras que, por algum motivo, assumiram, com o uso, uma acepção de especialidade, tornando-se termos, como já dito anteriormente (Cf. 2.1). Nesse sentido, os termos, mesmo empregados no âmbito literário ou em outros âmbitos não especializados, são passíveis de conservar seu caráter terminológico, uma vez que se encontrem em uma situação especializada ainda que descontextualizada (pois não se trata de um discurso de especialidade, mas de um discurso da língua comum ou de um discurso literário) que divulga um conhecimento especializado. Para nós, não restam dúvidas de que Camus pretendia ao menos fazer parecer ao leitor que ele, tal como seu personagem, estava, no momento da leitura, inserido em um contexto especificamente marcado por questões jurídicas, como um tribunal de justiça. Portanto, entendemos que um termo será sempre um termo e sempre irá transmitir um conhecimento específico de uma área do conhecimento, no entanto, é preciso que consideremos que para que esse conhecimento seja efetivamente passado adiante será necessário que o interlocutor desse discurso (nesse caso, o leitor) compreenda o que está sendo dito, compreenda a informação que lhe está sendo transmitida e que, no caso de não entendê-la, terá a curiosidade de pesquisar a respeito dela. Em suma, pensamos que em obras que fazem uso de uma certa terminologia muito específica e desconhecida pelo público leitor de maneira geral, o autor possa, talvez, contribuir com a propagação do saber especializado e facilitar o seu acesso ao leitor, realizando um glossário a respeito dos termos citados na obra ou incluído notas que expliquem os usos e os significados desses termos.

Por fim, apresentamos a tabela que contém os termos presentes na obra original, *L'Étranger*, de Camus, seguidos de suas definições retiradas tanto de vocabulários especializados (RAYMOND, 1981; FRONTETTE, 1990) quanto o dicionário on-line de língua geral *Trésor de La Langue Française* :

Termos <i>L'étranger</i>	Definições (dicionários especializados: RAYMOND, 1981; FRONTETTE, 1990)	Definições (dicionário on-line <i>Trésor de la langue française</i>)
-----------------------------	--	---

Accusation		Action en justice par laquelle on accuse l'auteur d'une infraction, d'un délit ou d'un crime avec l'intention de le faire condamner.
Accusé	Personne soupçonnée d'un crime et traduite, pour ce fait, devant la Cour d'assises, afin d'y être jugée.	Déférer à la justice un individu désigné comme l'auteur d'une infraction, d'un délit ou d'un crime, à fin de le faire condamner.
Actes	<p>Sens généraux: 1. Au sens le plus général, tout fait quelconque de l'homme, en notant que l'abstention est parfois équivalente à l'acte (négligence préjudiciable). 2. Acte juridique (negotium), toute manifestation de volonté destinée à produire des effets de droit ; s'oppose au fait juridique (ad solemnitatem, acte solennel) soit à titre de preuve préconstituée (ad probationem, écrit probatoire). (Vocabulaire Juridique François de Fontette).</p> <p>l'acte d'accusation: Acte de la procédure qui suit l'arrêt de renvoi à la cour d'assises, prononcé par la chambre des mises en accusation de la cour d'appel. Il forme un des éléments les plus importants de l'accusation. Il expose la nature du délit qui forme la base de l'accusation et le fait, et toutes les circonstances qui peuvent aggraver ou diminuer la peine.</p>	Document de nature ou de portée juridique constatant un fait, consignat une convention, une décision, marquant une étape dans une procédure (...) ce fait, cette convention, etc.
Affaire	Il y en a deux types: affaires courantes – affaires n'impliquant pas l'engagement d'une politique nouvelle, et qu'un Gouvernement démissionnaire à la suite d'une motion de censure doit se borner à expédier. Affaire um état – Une affaire est dite en état lorsqu'elle est prête à être portée à l'audience des plaidoiries.	Action en projet ou en cours, à laquelle une ou plusieurs personnes (agents) sont directement ou indirectement intéressées. JUST. Procès.
Agent de police		Fonctionnaire proposé à la Police administrative c'est à dire la surveillance le maintien de l'ordre et la tranquillité dans une ville, une commune, etc.
Arrestation	fait d'appréhender un individu en recourant, si besoin est, à la coercition, en vue de la comparution devant une autorité judiciaire ou administrative ou de son incarcération. Hors le cas de flagrance, l'arrestation exige un mandat.	Action d'appréhender au corps un coupable ou un suspect au nom de la loi ou de l'autorité.
Assassin		Celui qui tue, qui commet un homicide avec préméditation ou guet-apens.
Assassinat		Homicide volontaire commis avec préméditation ou guet-apens.
Audience	Séance publique d'un tribunal ou d'une cour. (Vocabulaire Juridique François de Fontette)	Séance durant laquelle se déroulent les débats et sont rendus les jugements.
Audition		Action d'entendre les dépositions des témoins en justice.
Avocat*	Auxiliaire de justice exerçant l'ensemble des attributions antérieurement dévolues aux professions supprimées d'avoué près le tribunal de grande instance, d'agréé près les tribunaux, cet-à-dire cumulant les fonctions de mandataire et de défenseur des plaideurs. L'avocat peut plaider devant toutes les juridictions et tous les conseils disciplinaires, mais doit respecter le principe de territorialité en ce qui concerne la postulation.	Personnes défendant les intérêts de quelqu'un ou de quelque chose. Personne qui, étant inscrites aux barreaux fait profession de défendre devant les tribunaux soit oralement, soit par écrit l'honneur, la vie, la liberté et les intérêts des justiciables et à les éclairer de ses conseils.

Avocat d'office		
Cassation	Annulation par la cour suprême d'une décision passée en force de chose jugée et rendue en violation de la loi.	Plus particulièrement, décision rendue par la juridiction suprême qui annule une décision définitive rendue en dernier ressort, en statuant sur le droit sur le droit mais non sur le fond.
Cellule		Petite pièce d'une prison réservée à un seul détenu. - Spéc. Local sombre et isolé où l'on enferme le prisonnier soumis à une punition disciplinaire.
Commissariat		Lieu où se trouvent les services d'un commissaire et spéc. d'un commissaire de police.
Condamné (condamnation)	Désigne soit la décision d'une juridiction répressive prononçant une peine contre l'auteur d'une infraction, soit toute décision de justice obligeant un plaideur à donner satisfaction totale ou partielle à son adversaire. (Vocabulaire Juridique François de Fontette).	Déclarer quelqu'un ou quelque chose coupable par un jugement officiel. Déclarer quelqu'un coupable à l'issue d'une sentence judiciaire et le frapper d'une peine.
Cour	Expression par laquelle on désigne certains tribunaux d'ordre supérieur (cour de cassation, cour d'appel) ou particulièrement importants (cour des comptes, cour d'assises, cour permanente de justice internationale). (<i>vocabulaire juridique</i> , organizado por Henri Capitant).	Lieu ou la justice est rendue (primitivement par les souverains puis par les magistrats), organe de justice. [Dans l'anc. temps] Tribunal.
Cour d'assises	(<i>vocabulaire juridique</i> , organizado por Henri Capitant) : Expression par laquelle on désigne certains tribunaux d'ordre supérieur (cour de cassation, cour d'appel) ou particulièrement importants (cour des comptes, cour d'assises, cour permanente de justice internationale). La cour d'assises : juridiction propre au droit pénal jugeant les crimes et composée de deux éléments distincts, délibérant ensemble, à savoir trois magistrats professionnels formant la cour et neuf citoyens, dont les noms sont tirés au sort au deuxième degré sur une liste départementale annuelle, formant le jury. Il y a une cour d'assises par département.	
Crime	Infraction de droit commun ou politique, punie d'une peine criminelle afflictive et infamante comme la réclusion ou la détention à la perpétuité ou à temps, ou simplement infamante comme le bannissement ou la dégradation civique.	Infraction grave punissable par la loi d'une peine afflictive ou infamante.
Défense		(i) Action de défendre en justice. (ii) Moyens de justification mis en œuvre par la personne qui défend. (iii) Partie qui défend et ceux qui l'assistent.
Dossier	Réunion des documents, actes de procédure, jugements relatifs à un litige ouvert devant une juridiction civile, commerciale, sociale, dans un dossier sur lequel se trouvent mentionnés en outre les divers événements de la procédure.	Ensemble de documents relatifs à une affaire ou concernant une personne groupés dans un carton, un classeur portant au dos une étiquette distinctive.
Droits	Sens objectif : « désigne l'ensemble des règles munies des sanctions qui régissent la vie des hommes vivant dans une	Ensemble des règles à caractère contraignant, régissant le

	société donnée ; on l'oppose aux – subjectifs : constitués par des intérêts juridiquement protégés dont la personne peut exiger le respect en vertu des règles du Droit objectif. (Vocabulaire Juridique François de Fontette)	comportement et les rapports des hommes en société.
Exécution	Accomplissement de la prestation par un débiteur, qui remplit volontairement ou non une obligation – forcée : exécution d'une obligation conventionnelle, judiciaire ou légale, par recours à la force publique ou par un moyen de contrainte comme la saisie. – provisoire : permet d'écarter l'effet suspensif du délai des voies de recours et d'exécuter le jugement dès sa signification. (Vocabulaire Juridique François de Fontette).	(i) Destruction, liquidation de quelqu'un ou de quelque chose. (ii) Châtiment suprême infligé à un individu en vertu d'une sentence rendue par un tribunal.
Gardien		Personne qui assure la garde, qui est chargé de protéger ou de surveiller quelqu'un ou quelque chose.
Gendarme		Militaire appartenant à un corps de gendarmerie chargé du maintien de l'ordre et de la sûreté publique, ainsi que de l'exécution des arrêts judiciaires.
Instruction	Phase de la procédure pénale, facultative en matière de délit, obligatoire à deux degrés en matière de crime, au cours de laquelle le juge d'instruction, sous le contrôle de la chambre d'accusation, procède aux recherches, rassemble et apprécie les preuves de la culpabilité des personnes poursuivies et décide de la suite à donner à l'action publique.	Action d'instruire une affaire, résultat de cette action, ensemble des éléments nécessaires (documents, témoignages, interrogatoires) par lesquels un magistrat met une affaire en état d'être jugée.
Interrogatoire		Ensemble de questions que pose un magistrat et des réponses que fait celui qui est entendu dans une affaire pénale ou civile.
Juge	Au sens large, celui qui est appelé à juger, à dire le droit, qu'il soit membre d'une juridiction judiciaire ou administrative ; plus étroitement, les magistrats du siège, membres des cours et portent alors le titre de conseiller ou haut conseiller (Vocabulaire Juridique François de Fontette).	Celui qui a autorité reconnue pour trancher un différend, qui est désigné pour juger. Celui qui est investi officiellement de l'autorité de rendre la justice, un jugement, de dire le droit.
Juge d'instruction	Magistrat du siège appartenant au tribunal de grande instance et constituant la juridiction du premier degré.	
Jugement	Terme général pour désigner toute décision prise par un collège de magistrats ou par un magistrat statuant comme juge unique. Désigne plus spécialement les jugements rendus par le tribunal de grande instance, par le tribunal de commerce et par le tribunal administratif.	Action de juger, audience au cours de laquelle une affaire est jugée.
Jurés	Citoyen appelé à faire partie d'un jury criminel. (vocabulaire juridique, organizado por Henri Capitant).	Citoyen choisi par le sort dans une liste annuelle pour faire partie du jury de la Cour d'assises.
Jury	Groupe de neuf jurés désignés conformément aux articles 254 et s. Du CPP et qui, siégeant aux côtés de trois magistrats professionnels, composent la cour d'assises qui doit juger les crimes. (Vocabulaire Juridique François de Fontette).	(i) Institution en vertu de laquelle de simples citoyens sont appelés spécialement à participer, comme juges du fait, à l'exercice de la justice criminelle. (ii) ensemble de jurés inscrits sur les listes départementales annuelles ou sur une liste de session. (iii) ensemble de jurés d'une Cour d'assises appelés par tirage au sort à participer, comme juges du fait,

		à un jugement.
Justice		Principe moral impliquant La conformité de la retribution avec le mérite, le respect de ce qui est conforme au droit.
Magistrat		Personne investie d'un pouvoir politique, administratif ou judiciaire.
Meurtre		Action de tuer délibérément un être humain avec violence.
Parricide	Meurtre des peres ou mères legitimes, naturels ou adoptifs ou de tout autre ascendant legitime, puni de la peine de mort.	(i) Personne qui tue son père ou sa mère ou un des ses ascendants selon la nature ou le droit. (ii) Personne qui attente à la vie de très proches parents. (iii) Personne qui attente à la vie de son souverain.
Peine		Sanction pénale applicable à une personne ayant commis une infraction.
Capitales (peines)	Não achei nos vocabulários jurídicos franceses recentes, provavelmente porque a França não possui pena capital atualmente. Peine: Châtiment édicté par la loi pour prevenir ou réprimer les infractions portant atteinte à l'ordre social. (Vocabulaire Juridique François de Fontette)	Qui postule une condamnation à avoir la tête tranchée, plus généralement une condamnation à mort.
Pourvoi (en cassation)	Recours contre une décision em dernier ressort porte devant la cour de cassation et fondé sur la violation de la loi, l'excès de pouvoir, l'incompétence, l'inobservation des formes, le manque de base légale, la contrariété de jugements ou la perte de fondement juridique.	Recours contre une décision rendue en dernier ressort par une juridiction de l'ordre judiciaire porté devant la Cour de cassation et fondé sur la violation de la loi, l'excès de pouvoir, l'incompétence, l'inobservation des formes ou la contrariété de jugements.
Prison	Terme générique qui, dans le langage courant, désigne les établissements dans lesquelles sont subies les mesures privatives de liberté. On distingue les maisons d'arrêt, les maisons centrales, les centre de détention et les centre spécialisés.	Lieu de détention. Établissement pénitentiaire clos, aménagé pour recevoir des individus condamné par les tribunaux à une peine les privant de liberté ou des prévenus en instance de jugement ; p.méton., ensemble des détenus d'un tel établissement.
Prisonnier		Personne qui détenue en prison.
Procès		(i) Litige soumis à un tribunal. (ii) Ensemble de pièces produites pour l'instruction et le jugement d'une affaire.
Procureur	Magistrat placé a la tête du ministère public. A la cour de cassation (il est assité d'un premier avocat général, d'avocat généraux). A la cour d'appel (il est assisté d'avocats généraux et de substituts généraux).	Réprésentant du ministère public et chef du Parquet près la cour de cassation, la cour des comptes et les cours d'appel.
Sentence		Décision de justice, jugement.
Témoin	Personne appelée à déposer em justice sur des faits qu'elle a constates, après avoir prêter serment de dire la vérité. Les personnes frappées d'incapacité de témoigner peuvent être entendus sans prestations de sermant. (Vocabulaire Juridique François de Fontette).	(i) Personne qui dépose en justice. (ii) personne qui certifie l'exactitude, l'authenticité des identités, des déclarations.

Tabela 6: termos da obra *L'Étranger* (1942) e suas respectivas definições.

Ao observarmos a tabela acima, notamos que alguns termos encontram-se sem definição em um dos dois campos: no âmbito especializado ou no âmbito comum. Isso ocorre devido ao fato de alguns termos presentes na obra, tais como *Gendarme*, *Commissariat*, *Agent de Police*, dentre outros, não pertencerem exatamente ao campo do Direito. Dessa forma, esses termos não figuram nos vocabulários de especialidade ou nos dicionários jurídicos franceses. Esses termos estão mais relacionados, na verdade, à organização da polícia. Por outro lado, temos termos como *Cour d'Assises* e *Juge d'Instruction*, os quais não encontram definição nos dicionários de língua geral, por serem mais específicos do Sistema Processual Penal e, por isso, menos utilizados no âmbito da língua comum. Finalmente, chamamos a atenção para o termo *Avocat d'office*, que não possui nenhuma definição, ou seja, a definição desse termo não pode ser encontrada em nenhum dos dois vocabulários especializados e nem mesmo no dicionário de língua geral. Tentamos buscar o termo pelo verbete *avocat*, mas, ainda assim, não o encontramos.

4.4 Reflexões sobre os termos presentes na obra *Les Particules Élémentaires*

O romance de Michel Houellebecq *Les Particules Élémentaires* (1998) é também um bom exemplo do emprego de terminologias de especialidade no âmbito da literatura. Seu enredo trata da vida de dois irmãos: Michel e Bruno, os quais possuem personalidades completamente distintas. Por meio de suas trajetórias familiares e afetivas conturbadas e caóticas, o autor discute e demonstra o declínio das crenças, valores, ideologias e instituições das sociedades ocidentais a partir da década de 60. Devido ao fato de Michel ser um importante pesquisador de biologia, encontramos na obra termos oriundos dessa mesma área, além da física e da química. Na verdade, esses termos são empregados quando o narrador (onisciente, em terceira pessoa) faz referência à vida de Michel, que é um biólogo renomado. O personagem parece tentar explicar um pouco sua vida e suas dificuldades em lidar com seus relacionamentos afetivos por meio da biologia. Já quando o narrador trata de Bruno, parece recorrer a um vocabulário um pouco mais chulo, pois há toda uma questão ligada à sexualidade que permeia a trajetória desse personagem.

A terminologia proveniente da química e da física, mas, sobretudo, a oriunda da biologia, tem uma presença considerável no romance *Les Particules Élémentaires* (1998).

Diferentemente do que ocorre na obra de Camus, *L'Étranger* (1942), aqui os termos citados, normalmente, não se repetem muitas vezes ao longo do livro, aparecendo uma única vez (ou, quando se repetem, a frequência ainda assim é pequena). Além disso, os termos são citados pelo narrador, contudo não existe, por parte de Houellebecq, a mesma preocupação que encontramos em Camus de se explicar os processos jurídicos, que nesse caso seriam processos químicos, físicos e biológicos. Apesar disso, identificamos na obra *Les Particules Élémentaires* (1998), a mesma preocupação autoral da utilização dos termos da área de especialidade à qual o livro faz referência. Inclusive, na obra de Houellebecq essa intenção por parte do autor do emprego dessas terminologias de especialidade é ainda mais clara, uma vez que os termos empregados pelo narrador ao longo da história poderiam facilmente ser descartados pelos leitores leigos, afinal, não se trata, na narrativa, de termos fundamentais para a ambientação da obra, como era o caso da segunda parte do romance de Camus, a qual narrava exatamente um processo judicial e, por isso, inevitavelmente teria de recorrer à terminologia jurídica (certamente não com o detalhamento como Camus o fez, mas o aparecimento de alguns termos provenientes do Direito nessa parte da obra era, de fato, quase que inevitável). Além disso, diferentemente do Direito, a Biologia possui termos mais herméticos ao público não especializado, isto é, de certa forma o público conhece e possui maior familiaridade (ainda que com equívocos conceituais) com os termos provenientes do Direito do que com aqueles vindos da Biologia. Portanto, quando Houellebecq cita esses termos em sua obra, ele, pela ausência de glossário ou de notas explicativas dos termos, acaba por dificultar o acesso do público leitor a esses termos. Dessa forma, grande parte dos leitores sequer entende o uso dessa terminologia que permeia toda a obra e assim, o conhecimento especializado veiculado por esses termos é comunicado, no entanto, sem ser transmitido. Podemos citar como exemplo um trecho da primeira parte da obra, quando Michel é ainda criança:

Une après-midi de juillet, alors qu'il lisait dans le jardin, Michel pris conscience que les bases chimiques de la vie auraient pu être entièrement différentes. Le rôle joué dans les molécules des êtres vivants par le carbone, l'oxygène et l'azote aurait pu être tenu par des molécules de valence identique, mais de poids atomiques plus élevé. Sur une planète, dans des conditions de température et de pression différentes, les molécules de la vie auraient pu être de silicium, le soufre et le phosphore ; ou bien le germanium, le sélénium et l'arsenic ; ou encore l'tain, le tellure et l'antimoine. Il n'y avait personne avec qui il puisse réellement discuter de ces choses : à sa demande, sa grand-mère lui acheta plusieurs ouvrages de biochimie. (HOUELLEBECQ, 1998, p. 37-38).

Apesar da escassez de descrições acerca de processos físicos e químicos elaborados, que escapem à compreensão do leigo, o narrador dessa obra realiza descrições com bastantes pormenores de processos naturais já conhecidos pela maioria dos leitores, como o processo de decomposição do cadáver do avô de Michel. Como veremos de acordo com o exemplo citado abaixo, o narrador o faz, isto é, narra um processo natural e conhecido de uma forma extremamente especializada, pois o faz empregando termos da linguagem científica, o que envolve o leitor nessa situação de especialidade, transportando-o para um contexto distinto:

En 1960, son grand-père mourut. Sous nos climats, un cadavre de mammifère ou d'oiseaux attire d'abord certaines mouches (*Musca*, *Curtonevra*); dès que la décomposition le touche en tant que soit peu, de nouvelles espèces entrent en jeu, notamment les *Calliphora* et les *Lucilia*. Le cadavre, sous l'action combinée des bactéries et des sucs digestifs rejetés par les larves, se liquéfie plus ou moins et devient le siège de fermentation butyriques et ammoniacales. Au bout de trois mois les mouches ont terminé leur oeuvre et sont remplacés par l'escouade des coléoptères du genre *Dermestes* et par le lépidoptère *Aglossa pinguinalis*, qui se nourrisse surtout des graisses. (Idem, p. 39).

Ao observarmos a tabela abaixo, notamos que, também diferentemente da obra de Camus *L'Étranger* (1942), os termos presentes na obra de Houellebecq parecem não colocarem o tradutor em uma situação de conflito, isto é, aparentemente o tradutor não possui dúvidas e nem hesitações diante dessas traduções, ainda que elas envolvam terminologias de uma certa área do conhecimento especializado, como já visto a Biologia, a Química e a Física. Inferimos isso, pois, ao olharmos atentamente a tabela de termos e suas traduções, vemos que todos os termos presentes no original foram traduzidos de maneira literal para o português brasileiro. Podemos citar, por exemplo, pares terminológicos como: *espèce/espécie*, *mutations/mutações*, *clonage/clonagem* e *anomalies/anomalias*.

A despeito do que possa eventualmente parecer em uma primeira observação, essa tradução literal, a nosso ver, nada tem de descuidada. A questão é que as três áreas de especialidade envolvidas por essa narrativa não são áreas culturalmente marcadas, pois não se

constituem como sistemas fundamentados e gerenciados por cada país, de acordo com sua cultura. Dessa forma, por não serem tão variáveis de cultura para cultura, de país para país, como seria o domínio do Direito, da Educação ou da Política, também são menos marcados linguisticamente, uma vez que não é cada país e cada língua que decidirá como nomearão esses processos ou como serão identificados os elementos que participam deles e que os compõem. Nesse sentido, podemos afirmar que a tradução foi tão atenta à questão terminológica nessa obra que mesmo termos que foram empregados em trechos da obra que não se referiam a questões especializadas, mas que, apesar disso, davam um caráter científico a questões cotidianas, foram traduzidos como termos, no intuito de conservar a intenção do autor do uso dessas terminologias. Por exemplo, quando o autor comenta “uma mulher de baixa estatura pertence a uma espécie diferente do resto da humanidade”. Ao empregar o termo *espèce*, traduzido por *espécie*, o autor tenta atribuir um caráter especializado a uma reflexão aparentemente banal. O fato de o tradutor manter o uso do termo em português demonstra uma preocupação em manter o caráter especializado da obra, pois ele bem poderia ter traduzido, nesse caso especificamente, o termo *espèce* por *tipo* ou *gênero*. Contudo, essas palavras são mais associadas ao âmbito da língua geral e assim, o seu emprego descaracterizaria o tom de especialidade utilizado pelo narrador na obra original.

Assim, temos que na obra *Les Particules Élémentaires* (1998), de Michel de Houellebecq, e em sua tradução, *As Partículas Elementares* (1999), de Juremir Machado da Silva, há uma certa densidade terminológica. Ao analisarmos a obra, encontramos cerca de 110 ocorrências de termos. No entanto, é preciso que digamos que haveria uma densidade ainda maior de termos se tivéssemos considerado e analisado as fraseologias presentes na obra, como inicialmente, inclusive, havíamos pensado. Mas, conforme nossa pesquisa avançava, passamos a considerar um trabalho demasiado ambicioso a análise da tradução de terminologias tão diferentes quanto essas, em obras também bastante distintas, somando-se a inclusão de fraseologias. Decidimos, dessa forma, excluir de nossa análise as fraseologias, permanecendo com a observação apenas dos termos. Contudo, utilizaremos aqui duas fraseologias da obra, apenas para exemplificar uma questão que nos parece pertinente ressaltar. Em síntese, como já dito acima, notamos ao observarmos a tabela abaixo (de termos e suas traduções para o português brasileiro) que terminologias provenientes de sistemas e disciplinas culturalmente marcadas apresentam, muitas vezes, diferenças e incongruências que termos oriundos de áreas que não são “próprias” a um país ou a uma cultura específica, não possuem. Porém, nas fraseologias, algumas vezes podemos perceber alguma diferença denominativa, por exemplo, se pensarmos nas duas fraseologias: *congélation d’embryons*, traduzida por *congelamento de embriões* e *principe de la synthèse de protéines*, traduzida por *princípio de síntese de proteínas*, perceberemos que a primeira está traduzida, tal qual cem por cento dos termos observados, ou

seja, de maneira literal e praticamente igual ao original. Por outro lado, a segunda fraseologia guarda uma pequena diferença entre o original e sua tradução. Em outras palavras, essa diferença reside em uma diferença linguística e organizacional de cada língua, pois, na língua francesa denomina-se essa síntese como única e, dessa forma, coloca-se em sua fraseologia um artigo definido, enquanto em português denomina-se o conceito de uma maneira mais geral e, assim, opta-se pela ausência do artigo definido, ou seja, pelo artigo zero. De toda forma, as diferenças terminológicas que encontramos aqui não remetem a conceitos diferentes que se transformam de uma língua para a outra, mas sim a questões linguísticas que não alteraram o conceito desses termos.

Abaixo, podemos observar a tabela com todos os termos encontrados na obra *Les Particules Élémentaires* e suas respectivas traduções na obra *As Partículas Elementares*:

Termos presentes na obra <i>Les Particules Élémentaires</i> (1998), Houellebecq	Traduções dos termos na tradução <i>Partículas Elementares</i> (1999), de Juremir Machado da Silva
Espèce	Espécie
Métaphysique	Metafísica
Moléculaire	Molecular
Code génétique	Código genético
Mutations	Mutações
Science	Ciência
Scientifique	Científica e cientista
ADN	DNA
Sperme	Esperma
Cancer	Cancer
Coma	Coma
Neurones	Neurônio
Noyau	Núcleo
Quantique	Quântica e quântico
Corpuscules	Corpúsculos
Particules	Partículas
Synthèse (des protéines)	Síntese de proteínas
Atomique	Atômica e atômico

Bactéries	Bactérias
Cellules	Células
Élémentaires	Elementares
Molécule	Molécula
Phénomène	Fenômeno
SIDA	AIDS
Fellation	Felação
Avortement	Aborto
Alvéole	Gaveta (funerária) e fenda
Clonage	Clonagem
Curetage	Curetagem
Lithium	Lítio
Ovaires	Ovários
Phallus	Falo
Silicium	Silício
Sillon	Sulco

Tabela 7: Termos presentes no *Les Particules Élémentaires* (1998), de Houellebecq e suas respectivas traduções em *As Partículas Elementares* (1999) de Juremir Machado de Silva.

Notamos, ao ver a tabela acima, que a maior parte dos termos empregados na obra de Houellebecq, por tratarem-se de termos científicos e, desse modo, não possuírem diferenças conceituais de um país para o outro, são traduzidos de maneira literal (como já havíamos, inclusive, citado anteriormente).

Além disso, é possível perceber a pouca variação existente nas traduções desses termos, ou seja, cada termo empregado no original (termos em francês) é traduzido, quase sempre, pelo mesmo termo em português, por exemplo: *espèce/espécie*; *métaphysique/metafísica*; *moléculaire/molecular*; *code génétique/código genético*; *mutations/mutações* e assim por diante. Essa tradução literal na qual existe para cada termo do original apenas um termo correspondente na tradução se aplicaria a maior parte dos termos empregados na obra. No entanto, existe uma

pequena variação nas traduções para termos que são, no âmbito da língua geral, adjetivos, como por exemplo: *scientifique*, *quantique* e *atomique*. Esses termos, por serem também adjetivos terminados em *-que*, acabam por serem traduzidos de duas maneiras distintas ao longo da obra. Temos então: *scientifique* traduzido por *científica* e *cientista*; *quantique* traduzido por *quântica* e *quântico* e, finalmente *atomique*, como *atômica* e *atômico*. Essa variação acontece por uma questão linguística e não por questões conceituais. O fato é que os adjetivos terminados em *-que*, em língua francesa, são invariáveis no que diz respeito ao gênero, portanto, esses adjetivos podem ser empregados tanto para o masculino quanto para o feminino.

Por fim, apresentamos a tabela com os termos encontrados na obra original de Michel Houellebecq e de suas definições retiradas do dicionário on-line de língua geral *Le Trésor de La Langue Française*:

Termos presentes na obra <i>Les Particules Élémentaires</i> (1998), Houellebecq	Definições dos termos retiradas do dicionário <i>Trésor de la langue française</i>
Espèce	Niveau de la classification des êtres vivants, placés immédiatement sous le genre et comprenant lui-même des sous-espèces et des variétés.
Métaphysique	Partie fondamentale de La réflexion philosophique qui porte sur la recherche des causes, des premiers principes.
Moléculaire	Qui concerne la/les molécule(s) ; qui appartient à la/aux molécule(s).
Code (génétique)	Não encontrado.
Mutations	Changement brusque du patrimoine d'un être vivant.
Science	Somme des connaissances qu'un individu possède ou peut acquérir par l'étude par la réflexion ou l'expérience.
Scientifique	Qui porte sur un sujet relevant de la/d'une science et est le résultat d'une activité menée dans ce domaine.
ADN	Não encontrado.
Sperme	Liquide opaque, blanchâtre et visqueux, formé par les sécrétions des différentes glandes génitales mâles (testicules, glandes bulbo-urétrales, prostate, vésicules, séminales, etc) et contenant les spermatozoïde.
Cancer	Tumeur maligne due à une multiplication anarchique des cellules d'un tissu organique.
Coma	Prostration avec perte de la motricité volontaire, de la conscience, de la sensibilité et maintien partiel des fonctions vitales.
Neurones	ANAT. Cellule nerveuse qui est l'unité fondamentale morphologique et fonctionnelle du tissu nerveux, formé d'un corps cellulaire, d'un prolongement constant, l'axone et de prolongements inconstants, les dendrites.
Noyau	BOT. Matière dure et ligneuse de l'endocarpe, se trouvant au milieu de certains fruits qui enveloppe l'amande ou les amandes.

Quantique	PHYS. Relatif aux quanta ou à la théorie des quanta.
Corpuscules	PHYS. Corps d'une extrême ténuité. MÉD. BIOL. Élément anatomique des très petites dimensions.
Équations	Não encontrado.
Particules	CHIM. Chacun des atomes intégrant des corps simples ou composés. CHIM., PHYS. NUCL. ET ATOM. <i>Corpuscule</i> constitutif de la matière, de l'énergie en partic. d'une substance radioactive.
Synthèse (de protéines)	Não encontrado.
Atomique	PHYS.,CHIM. Qui se rapporte, qui est relatif à l'atome.
Bactéries	BIOL. Micro-organisme uni-cellulaire le plus souvent dépourvu de chlorophylle, résistant selon son espèce à une chaleur inférieure à 100 à 120°, visible seulement au microscope, se reproduisant par scissiparité et dont les deux principales formes sont les microscopes et les bacilles.
Cellules	BIOL. Cavité délimitée par une membrane et susceptible de renfermer un organe. Espace limité par les fibres du tissu conjonctif (cf. Tissu cellulaire). Élément fondamental du tissu vivant.
Élémentaires	CHIM. ET PHYS. NUCL. Qui constitue un corps simple ; atomes, molécules et substances élémentaires. ANAT. Tissu simple entrant dans la constitution d'un organisme (animal ou végétal).
Molécule	CHIM. ET PHYS. Entité matérielle extrêmement petite. La plus petite partie d'un corps pur (simple ou composé) qui soit capable d'exister à l'état libre et dans laquelle soit conservée la composition et les propriétés chimiques caractéristiques du corps.
Phénomène	PHYLOS. Ce qui apparaît, ce qui se manifeste ou sens ou à la conscience, tant dans l'ordre physique que dans l'ordre psychique et qui peut devenir l'objet d'un savoir.
SIDA	MÉD. Maladie infectieuse, due à un virus transmis par voie sexuelle ou sanguine (en particulier placentaire) et provoquant un affaiblissement du système immunitaire, pouvant se manifester d'abord par des signes généraux (fièvre, asthénie, amaigrissement, diarrhée, gonflement ganglionnaire, etc) et qui se caractérise essentiellement par la multiplication d'infections diverses (cutanées, intestinales, pulmonaires, cérébrales) et par des cancers, entraînant la mort (dans l'état actuel de la science).
Érection	PHYSIOL. Action par laquelle certain tissus ou organes augmentent de volume se dressent et deviennent durs par l'afflux de sang dans leurs vaisseaux. Action par laquelle le penis se dresse, résultat de cette action.
Fellation	Pratique sexuelle consistant à lécher et à manoeuvrer la verge d'un partenaire à l'aide de la bouche.
Réaction	CHIM. Action d'un corps agissant sur un autre corps et pouvant entraîner une ou des transformations chimiques.
Traitement	MÉD. Action de soigner un malade de façon continue. Ensemble de moyens appropriés destinés à enrayer une maladie, ou à guérir un malade.
Avortement	MÉD. Expulsion du produit de la conception avant qu'il ne soit viable, manoeuvre entraînant cette expulsion.
Biochimie	Science qui a pour objet l'étude des êtres organisés ainsi que des phénomènes dont ils sont sièges, du point de vue de la chimie.
Cellulaire	BIOL. Tissu cellulaire. Membrane, tunique formées par du tissu cellulaire.
Électromagnétiques	Rélatif à l'électro-magnétisme. Qui utilise les forces électro-magnétiques.
Élément	Substance (réputée) simple entrant à titre privilégié dans la composition de ce qui se rencontre dans la nature.
Énergie	SCIENCES ET PHYSIQUE : capacité d'un corps ou d'un système à produire du travail mécanique ou son

	équivalent.
Évolution	BIOL. Développement individuel d'un organisme animal ou végétal depuis la cellule initiale qui le renferme tout entier en puissance et jusqu'à l'âge adulte (ou la sénescence).
Alvéole	ANATOMIE : cavité maxillaire où s'implante la dent. Vésicule terminale de la bronchiole.
Macromolécules	Molécule de grande dimension comprenant un grand nombre d'atomes (généralement de l'ordre de mille à cent mille) dont les enchaînements covalents produisent des structures linéaires, lamellaires ou tridimensionnelles, existant à l'état naturel dans de nombreuses substances biologiques (protéines, acides nucléiques, etc.) cristallines (diamants, etc.) ou fabriquée artificiellement par polymérisation.
Métaphysiques	PHILOSOPHIE : partie fondamentale de la réflexion philosophique qui porte sur la recherche des causes, des principes.
Acariens	ENTOMOL., PARASITOL. Qui concerne les acares ; qui ressemble à un acare.
Clonage	Não encontrado.
Curetage	MÉD. Opération effectuée à l'aide d'une curette, qui consiste à nettoyer une cavité pour la vider de son contenu, en nettoyer les parois.
Diagnostic	Qui permet d'identifier une maladie ; qui ressort à un diagnostic.
Génétiques	BIOL. Qui est propre aux gènes, qui concerne les gènes ou l'hérédité.
Kilocalories	Unité de mesure de quantité de chaleur valant mille calories ; unité de mesure de fréquence valant mille hertz ; unité de mesure de travail valant mille joules.
Lithium	CHIM. Corps simple, le plus léger de tous les métaux connus, de couleur blanc argenté, utilisé dans la fabrication d'aillages et des produits pharmaceutiques .
Méiose	BIOL. Dans la formation de gamètes, ensembles des deux division cellulaires successives qui terminent l'ovogenèse et la spermatogenèse, et constituant pour la première en une réduction du nombre des chromossomes (etc).
Ovaires	PHYSIOLOGIE : Organe végétal généralement pair, qui produit des ovules et secrète des hormones sexuelles.
Phallus	Répresentation de l'organe sexuel masculin en érection en tant que symbole de puissance génésyque, faisant l'objet d'un culte dans diverses sociétés.
Silicium	CHIM. Corps simple métalloïde du groupe du carbone, très répandu par La nature en combinaison, cristallisant en aiguilles brillantes, octaédriques, d'un gris foncé, ou bien se présentant sous en état amorphe en une poudre brune brillante.
Sillon	ANATOMIE: (i) enfoncement étroit et allongé, sinuex et linéaire, à la surface d'une structure anatomique. (ii) Anfractuosité linéaire du cortex cérébral qui sépare deux circonvolutions d'un même lobe.
Amoniacales	
Anomalies	Caractère anormal de quelque chose. PHYS. : différence entre une grandeur observée et la valeur qu'en donne une théorie. Écart présenté par une substance à une loi, à une règle notamment l'aditivité de la refraction moléculaire.
Antipodes	CHIM. Substances isomères dont les formules développées dans un plan ou dans l'espace ne sont pas superposables l'une à l'autre, mais sont symétriques l'une de l'autre par rapport à un plan. Chose concrète ou abstraite, diamétralement opposée à une autre par sa nature, sa fonction, etc.
ARN	

Atome	CHIMIE ET PHYS. NUCL. Partie d'un élément matériel conçue comme un système composé d'un noyau de protons et de neutrons autour desquels gravitent des électrons.
Biochimique	Qui est relatif à la biochimie.
Biopsie	Examen histologique et histochimique d'un prélèvement tissulaire ou organique sur le vivant en vue du diagnostic.
Calcium	CHIM. Métal alcalino-terreux (de symbole Ca) blanc argent, mou, très répandu dans la nature où il existe combiné sous forme notamment de carbonate.
Corpusculaire	Qui a rapport aux <i>corpuscules</i> , aux atomes.
Cytosine	Base azotée de la série pyrimidique.
Aluminium	Metal Blanc, très léger, de symbole Al que l'on obtien généralement par electrolyse de l'alumine pure.
Electron	Particule portant une charge electrique élémentaire négative.
Embryons	BIOL. L'oeuf à partir du moment où commence sa segmentation jusqu'au moment où il se libère des enveloppes vitellines. Dans l'espèce humaine, conventionnellement, l'embryon existe existe depuis la segmentation jusqu'à la huitième semaine du développement intra-utérin.
Fluor	Corps simple gazeux, premier élément de la famille des Halogènes, de couleur jaune pâle, d'odeur irritante et d'une très grande activité chimique.
Germanium	CHIM. Métal rare, de numéro atomique 32, de symbole Ge, découvert par l'allemand Winkler à la fin du 19 ^{ème} siècle.
Hamadryas	Grand singe synocéphale d'Abyssinie et d'Arabie remarquable par sa crinière.
Haploïdes	MÉD. Se dit du noyau et de la cellule qui possède un seul génome ainsi que de l'organisme ou de la phase de son cycle biologique dont les cellules possèdent un seul génome.
Inerte	PHYS. Qui ne peut par soi-même changer l'état de repos ou de mouvement dans lequel il se trouve.
Latence	État ou caractère de ce qui est latent (...). MÉD. Et BIOL. Inactivité apparente.
Atomisation	Action d'atomiser.
Lépidoptère	Ordre d'insectes aux quatre ailes couvertes de minuscules écailles, aux pièces buccales en forme de trompes, qui subissent une métamorphose complète : l'arve (appelée chenille), nymphe (appelée chrysalide) ; p. méton. au sing. ou au plur. Animal de cette ordre.
Hélium	Corps simple, gazeux, inflammable et très léger, découvert dans l'atmosphère solaire et très rare dans l'air (symbole He).
Oestradiol	Oestrogène ovarien et placentaire, environ dix fois plus actif que l'oestrone, considéré comme la véritable hormone femelle et dont les indications thérapeutiques sont sensiblement les mêmes que celles de l'oestrone.
Oxygénation	CHIM. Action d'oxyder , état de ce qui est oxydé. PHYSIOL. Fixation d'oxygène par le sang.
Oxygène	Gaz incolore et inodore, existant en état libre dans l'atmosphère dont il constitue approximativement un cinquième du volume, et qui est indispensable à la plupart de forme de la vie. CHIM. Élément métalloïde de symbole O, nombre atomique 8, qui, combiné avec différentes substances, forme les oxydes et les acides.
Macropodidés	ZOOL. Famille de Marsupieux de toute tailles, aux membres postérieurs très développés, comprenant en particulier les Kangourous.
Malformations	PATHOL. Vice de conformation, d'une partie du corps. Altération, déformation.

Mitochondries	BIOL. Élément du cytoplasme présentant en forme de granule de bâtonnet ou de filament dont le rôle est très actif dans tous les phénomènes de respiration et dans les réactions énergétiques de la vie de la cellule végétale ou animale.
Mitoses	BIOL. Mode de division le plus fréquent de la cellule vivante, au cours duquel le noyau se dédouble avant le corps cellulaire.
Moléculaires	CHIM. Et PHYS. Qui concerne la/les molécule(s), qui appartient à la/aux molécule(s).
Morphogénétique	Qui concerne, qui participe à la morphogénèse.
Nématodes	ZOOL. Classe de l'embranchement des Némathélinthes (...) comprenant des vers généralement, filiformes, à symétrie bilatérale, à section généralement circulaire, pourvus d'un tube digestif complet, dont le corps constitué par un nombre limité de cellules complètement dépourvus de cils, peut mesurer de 0,1 mm à plusieurs mètres de long et dont certaines espèces sont libres – aquatiques ou terrestre –, et d'autres parasites de végétaux, d'animaux ou de l'homme.
Néocortex	Cortex : partie externe de certains organes. Écorce cérébrale.
Neuroleptiques	THÉRAP. (médicament psychotrope) qui agit sur le système nerveux, en particulier par action inhibitrice des centres sympathiques utilisés dans le traitement des psychoses caractérisées par l'agitation et l'excitation.
Neurones	MÉD. Relatif au système nerveux.
Névrose	PATHOL. Trouble fonctionnel du système nerveux sans lésion organique de celui-ci se manifestant par des troubles physiques au niveau d'un organe.
Nucléotides	BIOCHIM. Unité de base des acides nucléiques.
Ovariectomie	GYNÉCOL., MÉD., VÉTÉR. Ablation chirurgicale d'un ovaire ou des deux ovaires.
Particule	CHIM. Chacun des atomes intégrant les corps simples ou composés. CHIM., PHYS., NUCL. ET ATOM. <i>Corpuscule</i> constitutif de la matière de l'énergie en partic. d'une substance radioactive.
Pellicule	MÉD., PATHOL. Petite lamelle d'épiderme qui se détache par exfoliation.
Phosphore	CHIM. Produit artificiel phosphorescent. Azoture de chaux calciné. Métalloïde solide, de numéro atomique 15, de poids atomique 30,97, brûlant avec une flamme éblouissante et un grand dégagement de chaleur et existant sous différentes formes allotropiques.
Photons	PHYS. <i>Corpuscule</i> élémentaire ou quantum d'énergie lumineuse dont le flux constitue le rayonnement électromagnétique.
Pneumatique	D'air, relatif à l'air et aux corps gazeux. Qui contient de façon naturelle ou sous pression de l'air ; rempli, gonflé d'air.
Progestérone	MÉD. ; ENDOCRINOL. ; PHYSIOL. Hormone sexuelle femelle, sécrétée par le corps jaune de l'ovaire des mammifères, après l'ovulation pendant la seconde moitié du cycle menstruel et pendant la grossesse, ou par le placenta et qui modifie la muqueuse utérine afin de la rendre apte à la nidation de l'oeuf fécondé, et conditionne la gestation.
Quanta	PHYS. Relatif aux quanta ou à la théorie des quanta.
Quantum	PHYS. Quantité minimale d'une grandeur physique pouvant séparer deux valeurs de cette grandeur.
Saccharomyces	Genre de levures ne donnant pas de mycélium, comprenant un grand nombre d'espèces utilisées dans l'industrie alimentaire comme agent de fermentation.
Sélénium	CHIM. Élément de symbole Se, de poids atomique 78,96, de numéro atomique 34 ayant diverses analogies avec le tellure et le soufre, se présentant sous plusieurs formes allotropiques et trouvant de nombreuses applications : coloration en orange, en rouge de certaines matières, vulcanisation, fabrication de cellules photoélectriques, par

	exemple.
Sérum	MÉD. ET BIOCHIM. Partie liquide du plasma sanguin, de couleur ambrée, transparente exemples d'éléments figurés et qui surnage après la séparation du caillot sanguin par coagulation du fibrinogène en fibrine.
Spicules	BOT. Épillet ; réunion de deux ou d'un plus grand nombre de fleurs dans la famille de graminées. ZOOL. Bâtonnets siliceux ou calcaires dont l'assemblage constitue tout ou partie du squelette de certains invertébrés (spongiaires, échinodermes, cnidaires).
Thermodynamiques	PHYS. Branche de la physique qui traite des échanges entre les diverses formes d'énergies des états et des propriétés de la matière, des transformations d'état et des phénomènes de transport.
Toxines	MÉD. Et BIOL. Substance toxique et antigénétique élaborée par certaines bactéries.
Virulante	MÉD. Qui est causé par un virus ; qui contient un germe pathogène. BIOL. Qui offre un certain degré de virulence ; qui produit un effet nocive.
Vírus	MÉD. Substance organique (pus, salive, etc.) susceptible de transmettre une maladie. BIOL. Germe pathogène.

Tabela 8: termos retirados da obra *Les Particules Élémentaires* (1998) e suas respectivas definições.

De acordo com a tabela, podemos perceber que todos os termos foram encontrados no dicionário de língua geral rubricados, o que lhes confere o caráter de discurso especializado mesmo que eles estejam fora do âmbito de especialidade. A única definição que não encontramos foi a do termo RNA, que, como bem sabemos mesmo sem ter tido a oportunidade, equivale ao nosso DNA.

Considerações finais

De acordo com as teorias tradicionais, os diferentes tipos de tradução possuiriam fronteiras e limites claros que os separariam. Contudo, o que pudemos observar ao longo dessa pesquisa foi justamente que entre os diversos gêneros tradutológicos há, na verdade, mais semelhanças que assimetrias. Mesmo a tradução literária, durante muito tempo considerada como um gênero de tradução especial e superior aos outros, guarda pontos em comum com a tradução especializada e um desses pontos de confluência possível seria, exatamente, a presença de terminologias de especialidade em ambos os gêneros textuais.

Conforme vimos, a tradução e a terminologia são disciplinas aparentadas, pois além de serem ambas interdisciplinares, elas ainda tiveram origens parecidas, visto que as duas nasceram na prática e por uma necessidade comunicativa, tendo o seu caráter disciplinar reconhecido apenas muito tempo depois. Dessa forma, tradução e terminologia são dois campos do conhecimento humano que, além de se misturarem e desenvolverem-se juntos, ainda associam-se a outras áreas do conhecimento e disciplinas, como é o caso da literatura.

Assim, notamos que em alguns textos literários encontramos termos de especialidade e, desse modo, se esses textos são traduzidos, esses termos também deverão figurar na tradução, já que fazem parte da composição da obra em questão. Portanto, temos que os termos de especialidade figurarão na obra literária sempre que ela fizer referência (ou mesmo, tratar de) a um campo específico do conhecimento.

Como vimos anteriormente, é isso que ocorre nas obras *L'Étranger* (1942), de Camus e *Les Particules Élémentaires* (1998), de Houellebecq. Ambas as obras literárias apresentam certa densidade terminológica, contudo, elas fazem uso de terminologias de especialidades completamente distintas: o Direito, no caso da obra de Camus e a Biologia, a Química e a Física, no caso de Houellebecq. Nos dois casos, o tradutor não poderá atuar apenas como tradutor literário, pois deverá exercer também a função de tradutor técnico, uma vez que terá de traduzir os termos empregados pelo autor do original. Dessa forma, podemos pensar que esse profissional terá o seu trabalho aproximado inclusive deste dos terminólogos, pois deverá verificar quais as possibilidades de tradução de cada termo empregado, realizando uma pesquisa acerca da área envolvida e de sua terminologia. Em suma, temos que, como a literatura é um âmbito pluridiscursivo, capaz de abarcar muitas outras áreas do conhecimento humano,

o tradutor literário exercerá também uma plurifunção, pois além de tradutor, tornar-se-á ainda, por vezes, um terminólogo.

Como já havíamos pensado inicialmente (e pudemos concluir ao final dessa pesquisa), os termos podem ser culturalmente marcados ou não. Eles carregarão marcas culturais sempre que tratarem de uma área que possui um sistema delineado por cada país, isto é, sempre que se relacionarem com um sistema criado e convencionado de acordo com cada povo e cultura. Podemos citar como exemplo áreas como o Direito, a Política, a Educação, dentro outras. Por outro lado, há termos que não são culturalmente marcados, pois são provenientes de sistemas tidos como universais, os quais não carregam traços de uma cultura ou de um povo de maneira específica, servindo à humanidade como um todo. São disciplinas como: a Biologia, a Genética, a Física, a Química, a Matemática, dentre outras.

Ao que nos parece, sempre que o tradutor deparar-se com termos que carregam marcas culturais, ele deverá realizar uma escolha, pois, essas terminologias, muitas vezes, não encontram correspondência direta em dois sistemas distintos, o que deixa ao tradutor mais de uma possibilidade de tradução. Podemos observar essa questão ao analisarmos termos como *Juge d'instruction*, por exemplo, o qual figura na obra de Camus. Nesse caso, esse termo impõe ao tradutor uma escolha, uma vez que ele tanto poderá traduzi-lo ao pé da letra, isto é, de maneira literal, quanto poderá realizar um empréstimo ou ainda, o tradutor poderá domesticar a tradução, fazendo uso de um termo existente na língua alvo para substituir o termo original, posto que ele não existe na língua para a qual se está traduzindo.

Como vimos no capítulo anterior, a opção feita por Rumjanek (2005) foi traduzir o termo supracitado (*Juge d'instruction*) pelo termo *juiz de instrução*, ainda que esse cargo não exista no nosso Direito Processual Penal. Bem, a tradutora poderia ter optado por substituir o termo *juge d'instruction* por algum outro termo existente no Direito Processual Penal Brasileiro. Nesse caso, ela deveria procurar traços de similaridade entre a função do *juge d'instruction* e a função de algum outro magistrado existente em nosso Sistema Jurídico. Como havíamos sugerido anteriormente, ela poderia ter utilizado o termo *delegado*, visto que sua função guarda algumas similaridades em relação a essa exercida pelo *Juge d'instruction* no Sistema Jurídico Francês. Ou ainda, a tradutora poderia ter realizado o empréstimo (tal como foi feito efetivamente), mas

explicando-o em nota. Assim, ela deixaria claro a inexistência da função do *juiz de instrução* em nosso sistema e, conseqüentemente, deixaria o elemento estrangeiro aparente em sua obra, dando a oportunidade ao leitor de perceber essas diferenças culturais e sistêmicas que existem entre os dois países (Fraça e Brasil).

Por outro lado, termos não culturalmente marcados não impõem ao tradutor esse tipo de escolha, uma vez que os seus sistemas de origem não apresentam mudanças significativas de um país a outro. Dessa forma, esses termos não possuem uma variedade de opções no que toca a tradução, podendo ser traduzidos literalmente.

Como pudemos observar na obra de Houellebecq, os termos provenientes da Biologia, da Genética e da Química são bons exemplos disso. Os termos empregados em francês foram traduzidos de maneira literal ao português e não encontramos nenhum tipo de dessemelhança ou de variação. A única variação existente não se origina de questões conceituais, mas de questões linguísticas, isto é, da organização de cada sistema linguístico. Por exemplo, como citamos no capítulo anterior, na fraseologia *synthèse des protéines*, traduzida por *síntese de proteínas*, encontramos em francês o uso de um *article contracté*, que indica a presença de uma preposição *de* fundida ao artigo definido *les*. Desse modo, para os franceses, aparentemente essa síntese teria um caráter mais único, enquanto que em português ela seria vista mais como uma síntese geral, que não merece ser individualizada, visto que em português não fazemos o uso do artigo definido; utilizamos a preposição *de* diretamente. Em outras palavras, não dizemos, em português, que a *síntese das proteínas* foi realizada, dizemos simplesmente *síntese de proteínas*, por isso, não destacamos essa síntese como única ou especial. De toda forma, essa diferença, como já dito, não transmite uma diferença cultural existente entre a Biologia francesa e a Biologia brasileira, ela demonstra apenas uma diferença linguística. Em síntese, temos que no romance de Houellebecq o tradutor não encontrará o desafio de escolher o caminho mais adequado para a tradução dos termos de especialidade presentes na obra, visto que eles não apresentam diferenças de acordo com o país, exatamente porque não se tratam de termos culturalmente marcados, afinal a Biologia não se modifica de país para país, bem como a Física, a Química, a Genética e etc.

Dessa forma, temos que a literatura, por ser pluridiscursiva, integra, por vezes, o discurso especializado, como pudemos ver com as duas obras estudadas nessa pesquisa:

L'Étranger (1942), de Camus, e *Les Particules Élémentaires* (1998), de Houellebecq. Esse discurso especializado vem marcado por termos de especialidade, os quais impõem ao tradutor literário uma plurifunção, pois além do seu trabalho como tradutor, ele deverá também atuar como um terminólogo para solucionar as questões que lhe serão impostas por essas terminologias. Contudo, essas dificuldades não serão de mesma ordem para todo o tipo de termo. O tratamento que o tradutor dará a essas terminologias dependerá também do fato de elas serem ou não culturalmente marcadas. No caso de essas terminologias serem provenientes de âmbitos do conhecimento humano que se modificam de país para país, ou seja, que são organizados diferentemente de acordo com cada cultura e povo, então esses termos serão culturalmente marcados e implicarão uma escolha da parte do tradutor no momento de serem traduzidos. Por outro lado, se esses termos forem oriundos de âmbitos universais, como as ciências exatas e biológicas, então o tradutor não será confrontado a esse tipo de escolha, posto que fará a tradução de maneira literal, uma vez que essas áreas do conhecimento não apresentam mudanças de um país a outro.

Referências Bibliográficas

ACQUAVIVA, M. C. *Dicionário Jurídico Brasileiro Acquaviva: edição ampliada, revisada e atualizada*. São Paulo: Ed. Jurídica Brasileira, 1998.

ALVES, I. M. Terminologia e neologia. In: ALVES, I. M. (Org.). *Tradterm*, vol. 7, p. 53 – 70, 2001, São Paulo.

ALVES, F.; MAGALHÃES, C. e PAGANO, A. Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000.

ALVES, I. M. Jorge Amado e o vocabulário do cacau. *Revista Brasileira de Língua e Literatura*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, p. 23 – 26, 1982.

_____. Vocabulário da cana-de-açúcar nas obras de José Lins do Rego. *Alfa* (Unesp), São Paulo, v. 25, n. 4, p. 5 – 14, 1981.

ARNTZ e PICHT. R. e H. Introduccion a la terminologia. Trad. Amélia de Irazazabal, Maria José Jiménez, Érika Schwarz e Susana Yunquera, Madrid, Ed. Fundacion German Sanchez Ruipérez (Pirâmide), 1995.

ARROJO, R. A Literatura como Fetichismo: Algumas Conseqüências para uma Teoria da Tradução, In: ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993 (a).

_____. "A Que São Fiéis Tradutores e Críticos de Tradução?", In: ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993 (b).

_____. Biblioteca de Pierre Menard. In: ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise* in, São Paulo, Ed. Imago, 1993 (c).

_____. A Tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor. In: ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise* in, São Paulo, Ed. Imago, 1993(d).

_____. *Oficina de tradução: A teoria na prática*. São Paulo, Ed. Ática, 3º edição, 1997.

AUBERT, F. H. *As (in)fidelidades da Tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas, Ed. Da Unicamp, 1994.

_____. Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilingüe, São Paulo, Ed. Humanitas Publicações-FFLCH/USP, Cadernos de Terminologia, v. 2, 1996, São Paulo.

_____. Tradução técnico-científica e terminologia: um ensaio exploratório de uma via de mão dupla. In: ALVES, I. M (Org.). *Tradterm*, vol. 7, p. 41 – 52, 2001, São Paulo.

AUGER, P. Essai d'élaboration d'un modèle terminologique/terminographique variationniste. In: ALVES, I. M. (Org.). *Tradterm*, vol. 7, p. 71 – 94, 2001, São Paulo.

AZENHA, J. Tradução técnica, Condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor. In: Cadernos de Tradução. Vol. 1, N° 1, 1996, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Tradução técnica e condicionantes culturais. Primeiros passos para um estudo integrado. 1ª ed. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 1999.

BAKER, M. Linguística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução?. In: MARTINS, M. A. P. *Tradução e Multidisciplinariedade*. Rio de Janeiro, Ed. Lucerna, 1999.

BAKER, M. (ed.). *Routledge Encyclopaedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998.

[BALLIU](#), C. Los traductores transparentes: historia de la traducción en Francia durante el período clásico. *Hiperonymius complutensis*, n.1, Centro Virtual Cervantes (www.cvc.cervantes.es), 1995.

BARBOSA, H. G. Procedimentos Técnicos da Tradução - Uma Nova Proposta. Campinas: Pontes, 1990.

BARBOSA, M. A. Sistema conceitual e sistema terminológico. In: ALVES, I. M. (Org.). *Tradterm*, vol. 7, p. 71 – 94, 2001, São Paulo.

BARRETO, V. Camus: vida e obra. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 19--.

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. *O Rumor da Língua*. Trad. Mario Laranjeira. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1988.

BASS, A. "A História de um Erro de Tradução e o Movimento Psicanalítico" (trad. Neuza Vollet), in: *Tradução: A Prática da Diferença*. (org. Paulo Ottoni). Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1998.

BASSNETT, S. *Translation Studies*. Londres. Ed. Methuen & Co. Ltd, 1980.

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages com revisão da tradutora e de Jeanne Marie Gagnebin e Alberto Martins. Editora 34, no prelo.

BERMAN, A. *L'Épreuve de l'étranger*. Paris: Gallimard, 19--.

BIDERMAN, M. T. C. As Ciências do Léxico. In: *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminografia*. Org. OLIVEIRA e ISQUERDO, A. M. P. P. e A. N. Ed. UFMS.

_____, M. T. C. Terminologia e Lexicografia. In: ALVES, I. M. (Org.). *Tradterm*, vol. 7, p. 71 – 94, 2001, São Paulo.

BORGES, J. Los traductores de las 1001 noches. In: *Obras completas de Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Emecé, 1974.

_____, J. Pierre Menard, autor do Quixote. Ficções. *Obras Completas*. Vol. 1. São Paulo: Globo, 1999.

CABRÉ, M. T. *La terminologia: representacion y comunicacion*. Barcelona. Ed. Institut universitari de lingüística aplicada, 1999.

_____. *La Terminologie, une discipline en évolution: le passé, le présent et quelques perspectives*, 2007. In : http://www.upf.edu/pdi/df/teresa.cabre/publi_esp.htm. Acessado em : 25/10/2009.

_____. *Teorias de la Terminologia: de la prescription a la description*. In: ADAMO, G; Della Valle, V.(eds). *Innovazione Lessicale specialistiche. Lessico Intellettuale Europeo*, vol. 92. Florencia, p. 168-188.

CABRÉ & FREIXA, M. T. e F. J. (2002). "Reflexiones acerca de la noción de equivalencia conceptual en terminología" en *Terminologia, desenvolvimiento é identidade nacional. VI Simposio Iberoamericano de Terminología (La Habana, novembro de 1998)*. Lisboa: ILTEC, Colibri. pp. 481-495 (a).

CABRÉ, M. T. Analisis Textual y Terminologia, factores de activación de la competencia cognitiva en la traducción. A: Alcina Caudet, A. y S. Gamero Pérez (eds). *La traducción científico-técnica y la terminología en la sociedad de la información*. Castellón: publicacions de la Universitat Jaume I, p. 87 – 105, 2002 (b).

CALADA PÉREZ, M. "Translators and Translation Studies: Scholars as Inoculators of Resistance", in *The Translator*, Volume 13, Number 2, November 2007.

CAMUS, Albert. *L'Étranger*. Paris: Gallimard, 1942.

_____. *O Estrangeiro*. Trad. Valerie Rumjanek. 26ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.

CATFORD, J. C. Translation Equivalence. In: *A linguistic Theory of Translation: an Essay in Applied Linguistics*. Ed. Oxford University Press, London, 1965.

CAZES, H. Aspectos a considerar al definir qué ES um término: El uso de La terminologia em textos literários. Disponível em : <HTTP://www.riterm.net/actes/8simposio/heidiCazes.htm>. Consulta em 30/07/2010.

CHAMBERLAIN, L. "Gênero e a Metafórica da Tradução". (trad. Norma Viscardi). In: *Tradução: A Prática da Diferença*. (org. Paulo Ottoni). Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1998.

DERRIDA, J. *Positions*. Paris, Ed. Minuit, 1972.

_____. Des tours de Babel, In : _____. *Psyché – inventions de l'autre*. Paris, Ed. Galilée, 1987.

DELISLE, J. *L'analyse du discours comme méthode de traduction: initiation à la traduction française de textes pragmatiques anglais – théorie et pratique*. 2. ed. Ottawa: Editions Université d'Ottawa, 1982. (Les cahiers de traductologie).

_____, J. / Judith WOODSWORTH. *Os tradutores na história*. São Paulo, Ática, 2003.

_____, J. "Theoretical Foundations of the Method", in: *Translation: An Interpretive Approach*. Canada: University of Ottawa Press, 1988.

DUBUC, R. *Manuel Pratique de Terminologie*. Québec. Ed. Linguattech, 1985.

ECO, U. Introdução. In: *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Tradução: AGUIAR, Eliana. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 2007.

EL-MEDJIRA, Nassima. In: <http://accurapid.com/journal/18fidelite.htm>. Acesso em: 11 de agosto de 2009.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem studies. In: *Poetics today*, Tel Aviv, v. 11, n. 1, nov. 1990. p. 9-78. GARRIDO, C. Aspectos teóricos e práticos da tradução científico-técnica (inglês-galego). Associação Galega da Língua. 2001.

_____, I. "The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem". *Poetics Today*, vol. 1, no. 1 Spring, 1990.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. In: ALVES, I. M. (Org.). São Paulo, *Tradterm*, vol. 7, p. 71 – 94, 2001.

FELBER, H. *Manuel de Terminologie*. Paris. Ed. UNESCO-INFOTERM, 1987.

FINATTO & KRIEGER. M. J. B. e M. G.. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo : Contexto, 2004.

FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.

FISH, S. *Is there a text in this class? The authority of a interpretive communities*. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

FLOTOW, L. "Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories", in *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, vol. 4, n° 2, 2e semestre 1991, <http://www.erudit.org/revue/TTR/1991/v4/n2/037094ar.pdf991>.

GARCIA YEBRA, V. La responsabilidad del traductor frente a su propia lengua. In: Gonzalo Garcia, C. García Yebra, V. Documentación, terminología y traducción. p. 24 – 25, outubro 2005.

GARRIDO, C. Ferramentas para a tradução. Associação Galega da Língua. 2004. GUTT, Ernst-August. *Translation and relevance: cognition and context*. Oxford: Blackwell, 1991.

GAUDIN, F. *Socioterminologie. Des problèmes semantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen, Université de Rouen, 1993.

GENTZLER, E. Cannibalism in Brazil in *Translation and identities in the Americas*. London – New York: Routledge, 2008.

GIGNOUX. A C. *Initiation à l'intertextualité* Ellipses, 2005.

GOCHET, P. *Quine en perspective : essai de philosophie comparée*. Paris, Ed.Flammarion, 1978.

GRENIER, Roger. L'Étranger. In. GRENIER, Roger. Albert Camus soleil et ombre : une biographie intellectuelle. Paris, Ed. Gallimard, 1987.

HATIM, B., MASON, I. Discourse and the translator. London & New York: Longman, 1990.

HEIDERMAN, W. (org.). Clássicos da teoria da tradução. Florianópolis, NUT, 2001, vol. 1. KOLLER, W. Einführung in die Übersetzungswissenschaft. Quelle & Meyer. [1979] 2004.

HERMANS, T. *The manipulation of literature: studies in literary translations*. Beckenham: Croom Helm, 1985.

HOUELLEBECQ, M. *Les Particules Élémentaires*. Paris, Ed. Flammarion, 1998.

_____. *As Partículas Elementares*. Trad. Juremir Machado da Silva. Ed. Sulina, Porto Alegre, 1999.

JAKOBSON, R. "Aspectos Linguísticos da Tradução", in: *Linguística e Comunicação*. (trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes). São Paulo: Cultrix, 1974.

KRIEGER e MACIEL, M. da G. e A. M. B. *Temas de Terminologia*. Ed.Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

LADMIRAL, J. Entre Babel y Logos: hacia una ecología lingüística e intercultural. Traducción-adaptación al español de Emilio Ortega Arjonilla. In: ARJONILLA, E. O. (ed.), *El Giro Cultural de la Traducción. Reflexiones teóricas y aplicaciones didácticas*. Frankfurt: Lang. 2007. p. 67-78.

LEFEVERE, A.; BASSNETT, S. Introduction: Prout's grandmother and the thousand and one nights: The "cultural turn" in translation studies. In : LEFEVERE, A.; BASSNETT, S. (eds.). *Translation, history and culture*. London: Pinter Publishers, 1996.

LEFEVERE, A. Programmatic second thoughts on "literary" and "translation" or

Where do we go from here? *Poetics Today*, v.2, n.4, p.39 – 50, 1981.

_____. (ed.). *Translation – history, culture. A sourcebook*. London, Routledge, 1992.

_____. *Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame*. London; New York : Routledge, 1992.

MARTINS, M. A. P. *Tradução e Multidisciplinariedade*. Rio de Janeiro, Ed. Lucerna, 1999.

MESCHONNIC, H. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999. MESCHONNIC, H. *Éthique et politique du traduire*. Paris: Verdier, 2007. MILTON, John. *Tradução. Teoria e Prática*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

- MILTON, J. (ed.) *Emerging views of translation theory in Brazil*. - Crop 6, 2001.
- _____. The resistant political translations of Monteiro Lobato. *The Massachusetts Review*, 27 (3), p. 486-511, 2006.
- MORTUREUX, M. F. Les vocabulaires scientifiques et techniques. In : les Carnets du Cediscor, 13 - 25. Janeiro, 1995.
- MOUNIN, G. *Os problemas teóricos da tradução*. Tradução: Heloysa Lima Dantas. São Paulo, Ed. Cultrix, 1975.
- NIDA, E. A. / Charles Russel TABER. *Theory and Practice of Translation*. Leiden : United Bible Societies, 1982.
- NIDA, E. A. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- PAZ, O. *Traducción, literatura y literalidad*. 3. ed. Barcelona: Tusquets Editor, 1990.
- PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo, Ed. Contexto, 2003.
- POUND, E. *a,b,c da literatura*. São Paulo, Ed. Cultrix, 2003.
- QUINE, W. V. O. *Word and Object*. Cambridge, Mit Press, 1960.
- RAYMOND, G. *Lexique de termes juridiques*. Paris : Dalloz, 1981.
- REISS, K. Type, Kind and Individuality of Text: decision making in translation. In: VENUTI, L. *The translation studies reader*. New York: Routledge, 2000.
- RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo. Ed. UNESP, 2000.
- SAGER, J. C. (1990). *A practical course in terminology processing*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins.
- SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. Barueri, Ed. Manole, 2004.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 4. Ed. São Paulo. Ed. Cultrix, 1981.
- SCHLEIERMARCHER, F. *Hermeneutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.
- SELIGMANN-SILVA, M. Do gênio da língua ao tradutor como gênio. In: MARQUES, L. A *Constituição da tradição clássica*. São Paulo, Ed. Hedra, 2004.
- SILVA, O. J. de P. e. *Vocabulário jurídico*. Rio de Janeiro : Forense, 2010.
- SNELL-HORNBY, M. *The Turns of Translation Studies*. John Benjamins, 2006.

_____, M. Transcodificação linguística ou transferência cultural? Uma crítica da teoria da tradução na Alemanha. In: *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, (30): Jul/Dez. 197. 1997. p. 85-93. Trad. de Élide Ferreira e Paulo Ottoni.

STEINER, G. *Après Babel: une poétique du dire et de la traduction*. Traduit par : Lucienne Lotringer. Paris, Ed. Albin Michel, 1978.

_____. *The Hermeneutic Motion*. In: VENUTI, L. *The translation studies reader*. New York: Routledge, 2000.

TEMERMANN, R. *Towards new ways of terminology description*. The sociocognitive approach. Philadelphia: John Benjamins, 2000.

TOURY, G. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

_____. *In search of theory of translation*. Tel Aviv : Porter Institute, 1980.

_____. *Well, what about a linguistic theory of a literary translation?* *Bulletin*

CILA, v. 49, p. 102 – 5, 1989.

TYTLER, A. F. *Essay on the principles of translation*. Amsterdam : John Benjamins, 1978.

VAN HOOFF, H. *Histoire de la traduction en Occident*. Paris, Ed. DUCULOT, 1991.

VENUTI, L. A formação de identidades culturais. In *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Ed. EDUSC, Bauru, 2002.

_____. *The translator's invisibility: a history of translation*. Londres, Routledge, 2002.

VERMEER, H. J. "Skopos and commission in translational action", in: *Readings in Translation Theory*, (ed. Andrew Chesterman). Helsinki: Oy Finn, Lecture Ab, 1989.

VINAY, J. P. / Jean-Louis DARBELNET. *Comparative stylistics of French and English : a methodology for translation*. Translated and edited by Juan C. Sager, M.-J. Hamel. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.

_____. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris : Didier, 1977.

ZAVAGLIA, A. *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara. UNESP, 2002. p. 100 – 118.

_____. *Linguística, Tradução e Literatura: Observando a Transformação Pela Arte* in *Alfa*, São Paulo, Ed. 48, pg. 99-117, 2004.

ZUBER, R. Les "Belles infidèles" et la formation du goût classique: Perrot d'Ablancourt et Guez de Balzac. Paris : A. Colin, 1968.